



POVOS DE TERREIROS

2018

CANDOMBLÉ
E UMBANDA
NO SERTÃO:
CARTOGRAFIA SOCIAL
DOS TERREIROS DE
SENHOR DO BONFIM/BA

CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO

CARTOGRAFIA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ E UMBANDA DE SENHOR DO BONFIM – BA (2018)

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Coord. Alfredo Wagner Berno de Almeida

Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais da Bacia do São Francisco

Coord. Juracy Marques dos Santos

Publicação: **CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO – CARTOGRAFIA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ E UMBANDA DE SENHOR DO BONFIM – BA (2018)**

REALIZAÇÃO: Povos de Terreiros da cidade de Senhor do Bonfim – Bahia

COORDENADORES (AS) DA PESQUISA

Juracy Marques, Gilmar Cláudia Silva (Anastácia), Joaquim Alves Novaes, Robson Marques, Alzení Tomáz

EQUIPE DE PESQUISA

Almerinda do Nascimento Sampaio, Alzení Tomáz, Ana Paula Arruda, André Souza, Antônio Alves Sobrinho, Daniela Santos Silva, Elis Rejane, Glaide Pereira, Gilmar Cláudia Silva (Anastácia), Isabela Esteves Gomes, Ivomar Gitano, Jakeline Alves Silva Muricy, Jaqueline dos Santos, Joaquim Alves Novaes, José Menanes Manoel de Lemos, Juracy Marques, Lilian Pinto da Silva Santos, Maria Rosa Almeida Alves, Rebert Lua Guimarães Carvalho, Rildo Alves Santos, Robson Marques, Rodrigo Gomes Wanderley, Rodrigo Santos, Rubenalva Alves de Souza, Sílvia Janayna de Oliveira Viriato.

FOTOS

Juracy Marques, Robson Marques, Rodrigo Santos, Joaquim Novaes

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ana Paula Arruda

APOIO

Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SABEH), Associação Povos de Terreiro Ogum Onirê, Secretaria de Cultura de Senhor do Bonfim, PPGCOH, PPGESA, Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana (GPEHA-UNEB).

Robson Marques
Gilmara Cláudia Silva
Juracy Marques
ORGANIZADORES

POVOS DE TERREIROS

2018

CANDOMBLÉ
E UMBANDA
NO SERTÃO:
CARTOGRAFIA SOCIAL
DOS TERREIROS DE
Senhor do Bonfim/BA

1ª Edição



Paulo Afonso/BA



EDITORA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

Rua Campos Sales, 180 - Cleriston Andrade - Paulo Afonso/BA - CEP: 48.603-440

Fone: (75) 3281.0848 | editora.sabeh@gmail.com

CORPO EDITORIAL

BRASIL: Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS), Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional), Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB), Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB), Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH), Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH), Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB), Dra. Flavia de Barros Prado Moura (UFAL), Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC), Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB), Dr. Ronaldo Gomes Alvim (Centro Universitário Tiradentes-AL), Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGEcoH), Dra. Adriana Cunha – (UNEB/PPGEcoH), Dra. Alpina Begossi (UNICAMP), Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF), Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB), Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF), Dr. Gustavo Hees de Negreiros (UNIVASF/SABEH), Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB).

Internacional: Dr. Ajibula Isau Badiru – NIGÉRIA (UNIT), Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB), Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH), Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS), Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA), Dra. María José Aparicio Meza – PARAGUAI (UNA), Dr. Luca Valera - CHILE (PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE).

C219 Candomblé e umbanda no sertão: cartografia social dos terreiros de Senhor do Bonfim/BA [livro eletrônico] / Robson Marques, Gilmar Cláudia Silva, Juracy Marques (Organizadores). - Paulo Afonso: SABEH, 2018.
196 p. : il. color.

ISBN: 978-85-5600-038-5 (e-book)

1. Povo de Terreiro. 2. Tradição - Cultura. 3. Região Afrobrasileira. 4. Ecologia.
I. Marques, Robson. II. Silva, Gilmar Cláudia. III. Marques, Juracy.

CDU: 259.4



CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO

Cartografia Social dos Terreiros de Senhor do Bonfim/BA

SUMÁRIO

Apresentação	9
Mãe Davina Rodrigues da Silva.....	15
Pai Dário - Terreiro de Pai Carpineiro	23
Pai Estefânio	37
Terreiro Onzó Aweto Mutalombô - Táta Mutalazu, filho de Mutalombô.....	45
Terreiro Centro de Ogum de Mãe Terezinha	71
Pai Cristiano - Terreiro Ilê Axé Oju Oxum Opará	84
Terreiro de Oxóssi - Edvaldo da Silva (Pai Amor)	94
Mãe Simone - Mameto Tawamin	100

Pai Cleiton de Logunedé.....	104
Terreiro de Ogum Filho de Oxum - Terezinha José de Castro Silva (Mãe Terezinha)	117
Nzó Nkise Ndanda Mazá - Cleriston de Yaladejim - Pai Guel da Igara.....	134
Terreiro Tupoiaoo - Ilê Axé Ogum e Oxum.....	146
Ylê de Pai Oxóssi, Tenda de Pai Nagô - Pai Deibson.....	160
Terreiro Ylê Axé Ogodojê - Okatispero - Guilherme de Xangô.....	167



APRESENTAÇÃO



Após um longo período, andando pelos terreiros de candomblé e umbanda nas cidades de Paulo Afonso, Juazeiro, Jaguarari, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, chegou a vez de adentrarmos nas terras de Oxalá, Senhor do Bonfim, antiga Vila Nova da Rainha.

Entramos nesse trabalho, lembrando daqueles que já “não estão” mais entre nós. Aqueles e aquelas aos quais temos carinhosas lembranças, por sua simplicidade, seus ensinamentos e resistência para que as tradições afro-brasileiras se mantivessem vivas até hoje. Dedicamos este trabalho à memória de Zé da Duda, Jaboaci, Lozinha, Ester, Menália, Ernestina Maria de Jesus, Maria do César e José de Aprígio.

A demanda para construção de uma Nova Cartografia Social dos Terreiros nessa cidade, inicialmente, veio da preocupação de ativistas e membros dessas religiões, vítimas recorrentes de ações que desrespeitam a memória e as práticas ritualísticas do candomblé e da umbanda de Senhor do Bonfim.

Há algo gritante que tornou urgente esse processo: a iminente possibilidade de destruição da casa mais antiga da cidade, o Terreiro de São Jorge, de Oxóssi, hoje sob a responsabilidade da Yalorixá Davina Rodrigues da Silva, mais conhecida como Mãe Davina, Mãe Camoré!

Como observarão nas páginas que seguem, onde, pela primeira vez, os povos de terreiros de Bonfim, são documentados em livro (Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Senhor do Bonfim), a situação chega a ser vexatória! A roça secular, fundada por Dona Maria do César, foi,

gradativamente, sendo ilhada por um desorganizado, diríamos, um desrespeitoso processo de urbanização.



Figura 1: Imagens do terreiro de Mãe Caimoré, prestes a ser destruído para a passagem da rua (RODRIGO SANTOS, 2018)

Como regra, todas as engenharias atuaram no sentido de destruir a memória das tradições afrobrasileiras nesse bairro (São Jorge), como podem perceber, a casa onde vive a Yalorixá, ficou no meio da rua que, em épocas de chuvas, é invadida pelas correntes de água, pensamos, maldosamente

organizada pelos profissionais que passaram pelo município, responsáveis por essa estranha pavimentação esteticamente racista e intolerante.

Durante mais de dez anos mapeando os terreiros de candomblé e umbanda no Sertão do Brasil, não é novidade esse processo de expulsão das casas onde estas religiões são praticadas. Em todas as cidades, parte significativa das comunidades de terreiros tiveram que, ou ir para as periferias ou para áreas rurais. A mesma postura não se observa nos templos cristãos, como as igrejas católicas e protestantes que disputam, cada vez mais, as áreas centrais das cidades. Por exemplo, quase todos os cinemas dessas cidades viraram templos religiosos cristãos e, mesmo a organização da cidade, nasce em torno de uma igreja, comumente católica. Porque um templo da memória das tradições negras, da religiosidade afrobrasileira, como é a casa de Mãe Camoré, não goza desse mesmo respeito? Porque ele tem que ser destruído para dar espaço para uma rua?

Fica claro, nos depoimentos de Babalorixás e Yalorixás, Tatas, Pais e Mães de Santo, como essas tradições, mesmo reivindicando uma espécie de “purismo”, reificando uma “África mítica”, respeitam as relações que estabeleceram com as tradições indígenas e cristãs, nos solos do Brasil. “Terreiros Cruzados” ou mesmo a afirmação da Umbanda, são lugares onde estas misturas estão melhor sedimentadas, aceitas, vivenciadas.

O que o leitor encontrará nesse livro, são as narrativas de quem dedicou parte de sua vida às suas ancestralidades. São histórias simples, mas carregadas de beleza e uma força incomum que rege o destino desses (as) sacerdotes e sacerdotizas cujos destinos fizeram suas almas pousarem nos solos da antiga Vila Nova da Rainha, hoje Senhor do Bonfim,

que, como está materializado nessa cartografia, é um espaço de intensa memória dos Povos de Terreiros ainda silenciados e invisibilizados.

Desejamos que este trabalho fortaleça suas vozes e quiçá, possa ser um marco, na luta para a preservação da memória das religiões de matrizes africanas, ou seja, da diáspora das diásporas negras e indígenas em terras do Brasil. Senhor do Bonfim, poderá começar cuidando e tombando o templo mais antigo da cidade, a Casa de Caimoré, o Terreiro de Oxóssi.



**CARTOGRAFIA SOCIAL
DOS TERREIROS DE
SENHOR DO BONFIM/BA**



MÃE DAVINA RODRIGUES DA SILVA



Figura 2: Mãe Davina (MARQUES, 2017).

A HERDEIRA DO TERREIRO MAIS ANTIGO DA CIDADE

Cartografia - Foi nesse cantinho de Bonfim, antiga Fazenda Pé do Monte, antes propriedade de Nascimento, comprada por Seo César, descendente de Português, que surgiu o terreiro mais antigo da cidade, Terreiro de Oxóssi, fundado pela Mãe de Santo Maria do César, hoje sob a responsabilidade da Yalorixá, Davina Rodrigues da Silva, conhecida por todos como Mãe Camoré:

Meu nome é Davina Rodrigues da Silva, sou a zeladora do Terreiro de Oxóssi, que fica aqui, no Bairro São Jorge.

Naquele tempo eu não sabia quantos anos tinha. Agora vou fazer 88 anos. Só ficou eu. Aqui é o terreiro mais antigo da cidade mas, está prestes a ser desmanchado, porque querem desfazer minha casa para a rua passar. Muito gente já prometeu cuidar daqui, os prefeitos tudinho, mas até agora a nossa situação é essa. Não sabemos mais o que fazer.



Figura 3: Casa da Fazenda Pé do Monte, onde foi fundado o terreiro mais antigo da cidade (RODRIGO, 2018)

Nessa época, minha mãe, Maria do Cézar, doou parte do seu terreno da fazenda para a construção da Capela de São Jorge, santo com o qual ela tinha devoção, por causa de Oxóssi. Depois que ela deu a Igreja fez a capela mas colocou o nome de Cristo Rei. Dói muito não vê as árvores que tinha.

Mas, primeiro, Deus abençoe todos nós, Oxóssi e os Orixás. Deixa eu mostrar aqui: ali é dois pé de licuri, de gameleira e essa aí é o Jatobá. Jatobá é que é a moça. Plantou

aqui que é a força da casa dela. Ela nasceu de dois. Tudo aqui, até os pé de jaca, tudo é de dois. Parece uma coisa que eu não sei como é, sabe?

Meu nome é Davina, Davina Rodrigues da Silva. A minha mãe eu não tenho. A minha zeladora foi que foi, que era dona daqui. Chamava ela Maria do Cézar, porque o marido se chamava Cézar. Esse é o nome que tá no mundo: Dona Maria do Cézar. Ela me cuidou, mas já vem de outras casas. Eu sou feita no santo. Eu sou filha de Ogum com Yansã, raspada no santo, feita pela Maria do Cézar. Da seita também. Ela da seita. O senhor sabe que a pessoa que não é feita, não pode fazer os outros.

Eu entrei no santo eu não sei bem porque. Eu tava na escola, via as coisas na parede. Eu tava na escola e quando dé fé, desmaiava. Eu chamavam meu pai: “Meu pai, vem aqui! Tem umas mulher, umas mulher com os nariz, com umas argolona”. Já era as coisas que era pra ser né?! Minhas tia me levaram. Eu desmaiava, cantava, dançava e caía. O povo que dizia o que eu fazia, que eu não sei, que não era eu, mas tou aqui.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Aqui é Candomblé. O Candomblé pra mim é dançar, é considerar. Tem a nação da Umbanda também, mas a minha não é Umbanda, a minha é o Candomblé.

Mas sei que não tem tanta diferença. Nessa época da-gora. Não é da antiga, hoje é quase tudo a mesma coisa. De primeiro, tinha diferença, agora hoje é tudo a mesma coisa. Hoje é tudo uma coisa só.

A pessoa acha que é uma seita só. Mas outros acham que não é. Porque a Umbanda diz que não trabalha no azeite, mas

ela trabalha no azeite sim. Naquele tempo, não trabalhava, mas hoje trabalha. Fique pensando: é fazer as coisas no azeite de dendê rapaz! Tem a linha branca! Tem o azeite doce! Faz parte dos nossos mistérios. A Umbanda trabalha mais no azeite doce.

Eu vou pra Umbanda, eu canto Umbanda, eu danço Umbanda, eu sei os trabalhos da Umbanda, que eu já fui da Umbanda. A primeira luz minha foi da Umbanda. Depois foi que não era. Mudei pra outra nação, pra nação que eu era, que eu tinha que ser. Raspei aqui nessa casa. As primeiras filhas que ela preparou foi cinco yaos. Nesse quarto grande aí. Ela só ia recolher o Ogum que era eu, e uma Oxum, mas veio um zelador de Salvador e disse: “Dona Maria! A senhora tem muita coisa. A senhora pode botar até cinco.” O primeiro barco dela foi de cinco. Além de mim, também Adélia, Celina e outras.

ORIXÁ E CABOCLO

Orixá é o Orixá que Deus deixou no mundo pra olhar pra nós. As falange daqui, o caboclo é outra coisa. O caboclo é caboclo mesmo. Ele deu o nome caboclo para as forças daqui [Brasil].

TEMPO

Tempo é nossa fala, que nós anda. O Tempo é o vento. Quem pega a gente? O tempo! Tem esse canto dele: “Quando seu Tempo vier, quando seu Tempo virá, meu Deus do céu, eu não sei o que será”. E num pega não se o Tempo pegar em alguém, vai lá no mundo, roda, dança, pinota e o coro comendo!

O símbolo dele é bandeira branca, bandeira da paz, de Deus. Tem bandeira que não é da paz. É do inimigo. Tem duas banda, duas folha. Quem falha com Tempo, ele, quando não mata aleija.

Tem que andar direito com o Tempo. Oferecer as coisas. Se vascular, dá essa doença que dá que o povo chama de “vento”.

OSSANHE

Era assentado aí (nas matas do terreiro), mas agora tiraram essas plantas daí, então eu tirei ele e botei em outro lugar. É a dona das içabas, Caipora. Oxóssi é da folha também, dono das folhas que nós tira pros banhos. Ossanhe é o homem das folhas.

EXÚ

Eu faço as coisas dele. Faço as farofinhas, a pinguinha. “Essa Dona Davina é taca! Sabe é de coisa” (risos).

PRECONCEITO

Eu não faço nada com ninguém, só zelo de meu santo e peço aquele que é nosso Pai por coisas boas. Eu não faço nada de mal, por isso nada acontece comigo!

Eu benzo as pessoas, eu faço meus trabalhos, mas o povo chama a gente de feiticeira. Quem sabe é Deus do meu curação. Zelo do santo, faço tudo para o bem, cendo a vela, bato paó, dou adobá, chamo por Deus pra me ajudar. E assim eu tou vivendo até o dia que Deus permitir.

Eu hoje tou aqui labutando. Dou o caruruzinho dos meninos, faço o que eu posso fazer. O que o santo mandar fazer eu faço.

FILHOS E FILHAS DE SANTO

Já não é pra ter. Eu fiz os filhos de minha zeladora. Tomei conta da casa. Foi no tempo que o povo queria o Santo. Hoje, mudou muito, mas eu tou satisfeita. Fiz o que tinha que fazer.

A casa aqui, essa que acabou ficando no meio da estrada, era pra ter derrubado, há muito tempo. Veja: mexeram tanto nos terrenos que ela ficou no meio da rua. Já pensou?!

TINHA UMA CASA NO MEIO DO CAMINHO

Minha Mãe, deu muitos terrenos em volta aqui ao pessoal. A Prefeitura chegou e fez essa arrumação e acabou que parte do nosso terreiro ficou no meio da rua. Mas a questão não é desmanchar. Os prefeito querem abrir a rua, abrir a passagem aí. É hoje, é amanhã. Entra um e sai outro e ninguém faz. Eles vem aqui tempo de festa. Prometem. E eu tou aqui na mão de Deus, esperando.

Eu tou sofrendo muito. Tenho medo de cair em cima de mim, porque quando chove a água da rua entra toda dentro de casa. Essas paredes, a água vem de lá, desce aqui que atravessa e eu fico no meio. A água vai por lá e vem por aqui (mostrando que a água que desce da rua, entra toda em sua casa. É algo inacreditável como engenheiros ou algo do gênero, tenha feito aquilo. Impensável).

Olha! Vem um prefeito e diz que vai fazer. Vem outro e acusa que o outro não fez, mas ele vai fazer. A situação é que ninguém fez. Nos deixaram abandonados. Uns falou comigo, me abraçou, bateram retrato e eu chorando. Um deles disse: “Vá na prefeitura que eu vou abrir a rua e fazer uma outra casa pra senhora.” Oxe! Até hoje!

Quando eu cheguei lá [na prefeitura], dei pra tremer nervosa. Ele disse que não podia fazer minha casa. Desci de lá chorando. Isso já foi um.

Agora o outro: quando é um dia desses, apareceu e disse: “Me ajude que eu vou lhe ajudar”. De novo acreditei. “Eu não fiz ainda, mas lhe prometi, tou devendo, mas agora me ajude que, eu ganhando a gente faz a casa.” Já veio aqui e disse que ia meter a mão na massa, mas, de novo, me pediu que eu tivesse paciência e até agora nada.

Mais paciência do que já tive?! O povo todo daqui. Uma lama dessas, uma coisa terrível! Me ajoelhei e entreguei nas mãos dele. Não sei mais o que fazer!

AS ÁRVORES

Dizem que aí, daqui do nosso terreiro, só não vai derrubar o pé de jatobá. Minha Mãe, ela só podia morar num lugar de mato. Aqui, o terreiro dela, era mato. Essas plantas, ninguém plantou, nasceu. Isso porque ela era de Oxóssi e só podia morar no mato. Aqui era uma mata real.

MENSAGEM

Apesar de tudo, fico satisfeita. Fico satisfeita, que eu não posso dizer que não gosto da minha vida. Eu sou de dentro do Santo. Tudo aqui é mais uma amizade. Sou feliz e quero todo mundo feliz!

As palavras de Deus não se vende. Bota em cima de quem merecer, de quem precisar!

PAI DÁRIO - TERREIRO DE PAI CARPINEIRO



Figura 4: Pai Dário Aleixo da Silva (MARQUES, 2018)

O CURANDEIRO

Cartografia - Fomos recebidos na casa de um dos médiuns mais respeitado do Sertão, Dário Aleixo, como é conhecido por todos (as). Aos 72 anos, cultiva uma vida simples no Povoador Barro, onde nasceu:

Meu nome é Darivaldo Aleixo da Silva, conhecido como Dário Aleixo. Meu Terreiro é, Terreiro de Pai Carpineiro. Agora o Santo mesmo foi um Carpineiro, um Caboclo Nagô, ele tem a descendência de Xangô com Nagô. O Nagô Capineiro, é de

origem africana, ele é Nagô e é pesado, é Nagô Carpineiro. Ele é, ele trabalha com um Preto Velho, mais trabalha normal como um Caboclo mesmo, mais um Caboclo viu? Ele é como um Caboclo. E ele, com o velho da minha mãe, que era velho Maninho do Cativeiro, era médico, da medicina mesmo ele, por isso eu trabalho aqui com ele. Até hoje você pode procurar em qualquer farmácia, no Brasil inteiro, se tem discriminação do meu trabalho, se eu já fui chamado atenção pela medicina, ao contrário, os médicos mandam para mim. Alguns me chamam o Nagô do Barro. Em Senhor do Bonfim todos os médicos me dão valor, no Brasil inteiro, Petrolina mesmo, eu às vezes já mandei pessoas doentes lá, alguns médicos lá e eles dizem: “Meu amigão lá já mandou o prato feito, dizendo o que era”. Eu não podia dá o remédio, que hoje já não pode mais, a medicina que é controlada não se pode mesmo ir contra a medicina e o conselho medicinal, não se pode mais, e eu trabalho de maneira certa, que graças a Deus, nunca, nunca, nunca aconteceu de, nem vai acontecer, de alguém recriminar. Eu vou pedir pelos meus anos de vida que não vai acontecer nunca. A medicina que eu trabalho, eu dou muito remédio natural, farmácia, mas só não remédio controlado e nem injetável. Mesmo não posso, eu não tenho nem a ver com da medicina do conselho medicinal. Eu não tenho direito de fazer isso, e respeito muito, muito, o conselho. Do que precisar deles, eu mando pros médicos, já saí daqui direto pros médicos.

A entidade que trabalha comigo na area da medicina é herança da parte de meu pai! Meu pai, a família dele, o grande mestre de Alagoinhas, Doutor Costantino, que era o maior candomblezeiro de Alagoinhas, que era Pai de Santo da minha Mãe de Santo, Ernestina Maria de Jesus, que trabalhou todos

os anos em Pinica Pau, na Rancharia, uma das maiores médiuns da região. Então eu sou neto dele.

INÍCIO NA UMBANDA

Eu entrei nessa religião sem saber onde tava pisando, sem saber o que era e sem saber o que eu ia fazer. Eu com uns três anos de idade, ainda criancinha, eu tava jantando aí foram me procurar, foram me encontrar meia-noite dentro de uma roça de mandioca. Purinho, sem roupa, sem nada. Eu tava jantando nessa casa, até sonhei de noite com uma grande refeição nessa casa. E aí fui crescendo, fui crescendo e sempre me perdia nos matos. Comprava uma sandália nova, amanhã eu já perdia a sandália, se comprava uma roupa já era com chapéu, porque eu gostava muito era de badogue, era, de matar passarinho. E então o que ficou, o quê que aconteceu? Eu fui crescendo, fui crescendo, cheguei de 13 a 14 anos e tive um problema, que os médicos, o doutor Mindu, o doutor Arlindo, que era antes o doutor Valfredo, que era os médicos da cidade, não sabiam nem o que podiam fazer, o que tava acontecendo comigo. Eu botava sangue do nariz, era uma dor de cabeça forte. Se eu ia a um velório, ou ia a um casamento, vamos supor, a coisa mais simples, um casamento, uma festinha, eu lá já desmaiava, já não via mais nada. Nunca fui a um velório.

E aí fui pra os 17 anos, tudo foi seguindo. Nesse período eu fui buscar umas vacas, numa fazenda, Passagem Velha, que nós tinha, no povoado de Passagem Velha, uma propriedade muito boa, não se considerava fazenda, mas era uma grande propriedade. Quando eu soltei as vacas, umas 30, 40 vacas de leite, elas vieram e eu fiquei lá dentro do mato per-

dido com uma só, ela só andando dentro do mato, e eu não sabia, ela andando e eu procurando perdido. Quando o gado chegou aqui, meu pai, disse: “O que aconteceu? Ele deve ter se entretido matando passarinho”. Como eu lhe contei, né! Com o badoginho né! Ele pensou que poderia ter sido isso, e você sabe que os velhos eram carrascos! Desceram para me procurar. A vaca entrou dentro de outra roça, um pedacinho de mato, ficamos lá até anoitecer. Quando escureceu, naquele lugar cheio de favela, eu estava com a roupa rasgada, todo estrepado de favela, de palmatória e até que me acharam. Me chamaram, falavam comigo eu sem entendimento, não sabia que tava acontecendo. Estava manifestado. Depois disso me levam numa casa especial. Como essa casa era especial, a casa de Chico Lira. Me levaram para lá, graças a Deus!

Essa casa ficava em Senhor do Bonfim, ficava ali na estação. Chico Lira fez a consulta e disse: “Olha! Esse menino vai ser um exemplo, vai trabalhar, é nascença, não precisa de Mãe de Santo, nem Pai de Santo.” Aí eu desobedeci. Eu doente, fui pra São Paulo e passei dois anos lá! Acabei indo pra mesa de operação, tinha que tirar um rim. Na hora que sentei na mesa de operação, lá pra fazer a operação, fiz mangação dos médicos, aonde tinha um japonês, que ele era deficiente, era especial, perninha fininha, ele caminhava pegando numa perna, aí ele disse: “Se ele não parar vamos arrancar a língua dele, de tanto ele conversar.” Eu falava aquilo, mas não era eu. Acabei voltando. Meu pai mandou me chamar, que disse que mandaram o dinheiro para eu voltar, porque só tava gastando dinheiro e eu não tinha melhorado da saúde. Aí eu voltei. Foi quando fui ao encontro de minha mãe, que Deus no céu tenha ela por muitos anos, Ernestina Maria de Jesus, que era minha Mãe de Cabeça.

Depois fiz uma cirurgia da garganta em São Paulo também, uma inflamação nas amídalas, só tenho uma corda vocal. Fiquei paralítico das mãos e com a perna paralisada. Não queria aceitar. Foi problema. Foi muito sofrimento até eu aceitar.

Ela ficava na região do povoado de Pinica Pau, aqui na Rancharia. Me levaram lá, já que eu não sabia ir. Se eu ia buscar uma vaca, me perdia dentro dos matos. Se eu ia não sei pra onde, eu me perdia. Eu me perdia até na rua em Senhor do Bonfim, que na época não tinha o movimento que tem hoje. Era as ruas tudo conhecidas. A Gamboa aqui, não tinha São João, era só centro quase, né? Eu me perdia em qualquer rua, sem saber onde eu tava. Depois disso, o que aconteceu? Eu fiquei, tal, tal... Tava em São Paulo e foram fazer uma consulta e minha Mãe disse: “É para vim urgente! Pra nós fazer o trabalho dele!” O que foi que aconteceu? Eu não sabia de nada, mas sonhei, vi todo o movimento que tava acontecendo comigo e que ia acontecer. Aí me escondi atrás de uma pedreira. Chegava um doente, eu caía fora, só que nos matos me manifestava e já voltava para atender as pessoas. Aí o doente ficava sofrendo e ia embora, porque eu não vinha atender, me escondia. Quando aquele doente ia embora o pau quebrava. Se ele vinha aleijado eu ficava, se ele vinha com dor de cabeça eu ficava, se ele vinha com febre eu ficava, aí foi quando foi começando as minhas provas. Quando foi um dia, um dia de segunda-feira parece, foi um dia de segunda-feira, eu me lembro o dia. Aí ela chegou aqui, muntada. Eram três pessoas muntadas num jegue, tudo de banda. Ela já era meio forte ainda, o esposo e uma ajudante chamada Jandira. Chegaram aqui e pediram para me pegar: “Segura ele se não ele vai sair. Trás ele!” A véia disse: “Sai mais não! Agora ele não sai mais não!” Quando chegava gente assim eu ia pro mato e ninguém me segurava. Dessa vez me segura-

ram. Quando dei fé, me vestiram uma roupa meio branca, não era uma roupa de sol não, mas era uma roupa normal branca e fizeram o trabalho. Mataram um carneiro, aí o pau quebrou. Depois fui pra ela me dá uma explicação lá, e quando dei fé, tem a hora certa pra tudo, tinha Seo Cesário, Seo Antônio de Monte Santo (me dava toda a assistência), taxista, tinha outras pessoas de Senhor do Bonfim, quando eu chegava lá, ela dizia: “Meu filho! É você quem vai fazer um trabalho aqui”. E eu como é que eu ia fazer um trabalho? Eu já menino véio, sem saber?! Sei que baixava lá um doido e eu é quem tratava, e ela sentadinha ali. O doido ficava bom. Ela dizia: “Olha meu filho! Chegou um doido e ficou bom, já ficou bom e foi você quem fez o trabalho”. Ficou nesse negócio e eu não entendia porque.

Não sei não! Tudo que aprendi foi ali inventado. Vejo hoje pessoas pegando coisas na internet, fazendo imitação, fazendo um ebô, fumando um cachimbo, querendo fazer o que a internet tá mandando. Eu não tô reparando e nem tô tirando o direito de qualquer um, eu também faria, se eu soubesse pelo menos butar numa internet, eu não sei de nada, eu não sei ler, eu não sei nada. Mas eu não me troco pela leitura de qualquer médico, isso eu digo porque eu já fui numa reunião, a muitos anos, com um conselho médico em Senhor do Bonfim e eu era o único zelador, um moleque véio, tabaréu, sendo que fui o único que esclareceu muitas coisas lá, foi eu, nessa reunião, na casa de Doutor Nilton Cabral.

O HOMEM QUE SE ENCANTAVA

Aí tudo bem! Teve essa reunião e passou. Eu não podia acreditar que isso acontecia, chegava um doente, com uma

enfermidade, dava uma assopradinha ali e ficava boa. Eu digo como é que eu tô, cheguei na cidade um dia, aí um cidadão disse: “João! Disse que teu filho tá dando remédio, disse que tá curando, dando remédio?” “Meu pai, cadê ele? Como é que faz pra eu ir até lá?” “Olhe ele ali.” Aí eu desaparecia. Como que eu desaparecia da frente daquela pessoa? Eu não via se eu tava ali. Eu nem sabia quem era que tava falando comigo. Nem dava resposta que viesse, nem nada, aquilo desaparecia e pronto.

Aí quando foi um dia, um camarada disse: “E será que sabe mesmo?” Só para dar um exemplo, quando eu tava dentro de uma loja, dentro de um mercado, numa venda, era muito surtida, naquele tempo você sabe, que hoje não tem venda, mercado, né? Aí eu vi e disse: “Olhe ali tá incendiando um negócio.” Só vi a fumaça, de repente saiu incendiando tudo, pegando fogo, numas pólvoras. Ali onde hoje é Ademir, na venda do Maurício, naquela esquina que tem uma padaria de frente. Peguei um animal, já tava a compra toda feita, meu pai era quem ia pagar, foi na hora que a casa pegou fogo, de uma vez tudo.

E não ficou nada. Acho que ainda morreu gente lá dentro nessa época, e eu pelejei pra desamarar o animal, quando dei fé, tinha me perdido dentro da cidade com esse animal. Se o animal não me traz aqui... Todo mundo pensando que eu tinha morrido lá dentro da casa. Aí começou, começou e tal, essas minhas idas e vindas com essas revelações. “Eu não quero! Eu não quero! Eu não quero!” Botando desculpa. “Eu vou querer nada. Um dia eu vou querer me casar, vão me chamar de feiticeiro, de macumbeiro, quem é que quer casar com um macumbeiro?” Olha a ideia que eu tive. Aí fiquei. Aí começou, começou, e pronto. Quando foi no primeiro ano, Seo Nezinho Aleixo, irmão do meu pai, ainda não frequentava

aqui não era? Acho que não! Eu sonhei com um boi bravo, do mesmo jeito da vaca. Aí eu fui e comprei no cidadão aqui vizinho um boi nelore e quando coloquei no curral, o boi não ficava dentro do curral. O boi sempre saía e pensava que tinha ido embora, quando amanhecia o dia, o boi tava no curral, o dia amanhecia ele tava no curral, sem vaca, sem nada. Mas sempre ele saía. Aí minha mestre chegou, sentada alí onde tá aquela espada de Santa Bárbara, mais pra cá um pouquinho dos Cosminhos, disse: “Vamos abrir aqui o Terreiro! Vamos buscar o boi”. Preocupada: “Ô, meu fio, tenha cuidado pra não matar meu fio”. Desci de lá, numa ponte alí dentro d’água, era uma presa, quando vi o boi, eu peguei o ramo e chamei o boi praqui e ele veio me acompanhando. Então eu digo: “Sabe de uma coisa? Eu não vou parar aquilo que Deus tá me mostrando, e vou confiar naquilo que foi feito!” Confiei e não tenho mais outras coisas pra alterar. Quando chegou naquele passado, o tempo passando, passando, passando, meu conhecimento, graças a Deus, foi se revelando cada vez mais.

FILHOS DE SANTO

Hoje eu lhe digo com todo orgulho, ela sabe, parece, se eu não me engano, sou eu que mais tem filho de Santo nessa região. Eu tenho também filho no Iraque, na Venezuela, Roraima, tudo que trabalha. Alagoas são muitos e no estado do Brasil inteiro, principalmente, o sul da Bahia, Amargosa, Mutuípe, Elis Medrado, Santa Teresinha. Tenho gente minha em todo lugar e aqui nessa região nem se fala né?! (Risos). Quem é que tem mais filhos de Terreiro do que eu? Não me nego de dar corrente a nenhum filho.

Não que eu queira falar, porque eu tô fazendo isso, que eu sou melhor do que o pedreiro que fez essa coluna ou de quem gravou, fez esse gravador né, entendeu? Não! Eu não sou melhor que ninguém.

Olha eu aqui. Já tem fotos nos Estados Unidos, já veio vários padres, pesquisadores dos Estados Unidos, veio da França e eles todos, até o nome de Santo eu tive que dá o nome tudinho. Meus filhos de santo passa muito, mais de mil, meu filho, é mais, é mais de mil. Eu não tenho nem como lhe dizer, ela alí vai usar uma palavra minha, que ela sabe, uma abertura de uma festa aqui, uma comemoração não cabe, né? Minha festa aqui, já consegui carisma, só de visitante aqui chega mais de três mil, quatro mil pessoas. Em cada festa aqui, eu mato três boi, outros animais, da galinha, o carneiro, só não mato bode e nem mato porco. Faço comida para todo mundo, mais de três mil pessoas, é pouco, mesmo não sendo todos filhos, mais são visitantes, admiradores, admirador do meu trabalho. Então mato os três bois, quando é cinco horas da tarde, peço desculpa que não tem mais nada. Amanhã posso ir no mercado, no matador, pode me acompanhar, sete horas da manhã, pode me acompanhar que eu vou comprar carne pra servir minha família, porque não fica nada, que eu não admito.

Então senti isso, no meu respeito, na minha consideração, toquei o barco pra frente, até hoje estou aqui. Quando eu voltei a São Paulo pra me operar, no dia não sei tanto de maio de setenta e sete, setenta e seis, foi, Dia dos Trabalhadores, em São Bernardo dos Campos, os médicos mangaram de mim e disseram: “Ô baiano! Só se nós arrancarmos a língua dele né?! De tanto ele falar! Porque ele não tem nada!” Olha pra isso! Então, meu filho, chegou o tempo que, graças a

Deus, até hoje, meu objetivo era meus companheiros, vocês que acompanham meu trabalho e eu admiro muito, tenho fé e amo meu trabalho.

Tenho muito, muitos filhos, aqui e fora do Brasil. Tenho uma filha de santo, uma das mais antigas, com 106 anos, Dona Lina.

TERREIRO DE UMBANDA

Minha casa é de Umbanda. É Umbanda, agora a gente toca o ritual, dependente né? Aos amigos que tiver, mais eu mesmo é Umbanda.

A Umbanda é uma religião, uma religião que você tem que saber lhe dá com ela, respeitar. Ela tem uma qualidade tão fina, fina mesmo, quanto a natureza, quanto uma árvore, quanto um peixinho no mar certo?! E nós acreditamos na santidade, porque a Umbanda sem o Santo como é que nos vamos separar a coisa de Deus?! Trabalho no Brasil inteiro, e eu não debato com ninguém, agora a Umbanda é religião, religião que você festeja Santa Bárbara, você festeja Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Conceição, você festeja Ogún, Santo Antônio, São Jorge... Então eles todos são Santos de mistérios e são Santos de revelação, certo? Porque quando você vai revelar um no seu trabalho, você tem a obrigação de considerar o seu Santo e o Santo do seu filho.

Candomblé e Umbanda não são tão diferentes assim. Numa parte sim, porque o Candomblé tocado, o Candomblé trabalhado, já tem mais um ritual, ele já pode cortar, já pode cortar pra Exú, já pode cortar pra Tempo e a Umbanda ela só é mais pra o Santo. Quem é feito no Santo eu não vou pegar

um cidadão e fazer um serviço da Umbanda fingindo que eu faço Candomblé. Um filho de Terreiro de Candomblé deve ser feito no Candomblé. Agora, peça pra entrar, peça pra entrar, mas não peça pra sair. O Candomblé tem essa, entre mais não fique pedindo pra sair não, se sair por conta própria saia, mas não se desfaça do Candomblé. Já a Umbanda, nós respeitamos os preceitos da Umbanda que para nós é sagrada. Tem também a Kibanda, tem o Candomblé, todos tem a magia. E a magia é coisa que você tem que ter coragem e a sua fé lá, mas se você perder a fé de Deus, você também tá perdido né?! Tá perdido! O mistério do Candomblé é diferente. Muitos dos meus colegas são do Candomblé, não tenho nenhuma interferência, se me convidar vou assistir. Gosto de todos!

TEMPO

Eu não trabalho com o Tempo. Respeito. Se você vai fazer um oferecimento de Tempo, eu mesmo não trabalho cortando para ele, nem também bolando, agora se for obrigado, eu tenho meu trabalho nas matas, eu tenho ponto certo, pra não incomodar meus vizinhos. Tem também a questão ambiental, né? A gente tem que respeitar o que tá fazendo porque pode atrapalhar no ambiental. Eu não corto pra o Tempo não.

EXÚ

Trabalho com Caboclo e, se precisar com Orixá, com Santo, respeito e trabalho com a manifestação. Se precisar eu fazer uma retirada ou uma reza, eu faço. Tem a direita e a

esquerda. Tem gente que só trabalha na direita, não é assim? Mas, se você tira um braço, você só tá com um, né isso?! Não se ofende a esquerda não. A esquerda é um ritual que você tem que se assujeitar a fazer.

Por exemplo, eu doutrino Exú, faço a linha de filhos de doutrinação, mais eu mesmo aqui dentro do meu terreiro, eu não trabalho, tem vários assentamentos aí, mas não trabalho.

Eu tenho meu trabalho oculto. Eu sei doutrinar a esquerda. Faço afirmação, corto reforçando, se for necessário.

DISCRIMINAÇÃO

Nunca sofri discriminação, graças a Deus não. Ao contrário, eu sou bem aplaudido. Aqui mesmo já foi celebrado até missa. Padre mesmo já celebrou missa, até isso, e nem discrimino, como eu já acabei de dizer, todos são meus colegas de trabalho. Porque eu tenho que dizer que em Senhor do Bonfim, ali em Antônio Gonçalves, se for lá Campo Formoso, quem tem seu Terreiro, tem que ser respeitado. Eu admiro. Não tenho de chegar aqui e dizer: “Olha! Você veio de um Terreiro assim, você veio de tal lugar”. Não! Cada um faz o seu dever, né isso?!

CRIANÇAS NOS TERREIROS

Tem o tempo certo da criança participar da religião. A criança já pra começar, ninguém tá acima da lei, nós tamo tudo abaixo da lei. Se passar de cima da lei não deve adotar. Criança aqui não, eu não faço trabalho pra criança de menor não, e nunca precisei não, durante todos os anos, viu?!

Nas festas de Cosminho, e nos carurus, crianças participam aqui. Só acho que eles devem crescer para escolher. Já pensou a gente fazer a criança e quando ela crescer ela não querer mais?

MENSAGEM

Olha! Eu queria que encontrassem luz, todos que vivem na perdição, no caminho da perdição, da maldade, das mães que estão chorando, numa hora dessa, sem saber onde tá o filho. Até perdoai meu Deus, um filho que às vezes faz uma coisa errada e está nas mãos da polícia, da justice. A dor que um pai sente, uma mãe sente, um irmão, é isso que eu digo, que as pessoas sempre faça por onde ajudar o seu irmão, o seu Orixá, fazer alguma coisa, e usar o pensamento positivo, sem ser um pensamento negativo, que as coisas que vem positivo, também se achar que o negativo, só dá o radiativo. Então, que as pessoas sejam radiante, com o que fazem, com o que escutam, com o que pensa, que é a coisa melhor que tem na sua vida, é você procurar uma amizade, como agora mesmo, dia 27 de setembro, vocês estão convidados para participar da minha festa, começa aqui sete horas da manhã, como tá na programação, mais realmente é de oito horas, eu tenho meu ritual da matança, trabalho aqui, é obrigado fazer, porque eu já venho fazendo, contei a história do boi, como eu comecei, mas assim a gente tem que fazer aquele sacrifício sem judiar, sem amarrar, sem botar o bichinho amarrado, o animal no chão, amarrado cabeça, pé, como eu já vi. Encontrei muitos zeladores aí, alguns, muitos não, muito pouco, mais alguns que amarra a cabeça do boi, amarra os pés, que ele não tem

defesa de jogar nem um coice naquele indivíduo que tá maltratando os bichinhos, né?! Todo sacrifício é complicado, todo ritual é complicado, mas saber também que a judiação com matança é pior, né?! Que alguém faça por onde você ser acreditado, faça por onde você ser feliz no seu trabalho, você ser admirado, e bem visitado, porque se a pessoa visitar hoje e ver o que não é, amanhã ele não volta, ele só volta se ele encontrar o ambiente seguro, né?!

Desejar que todos os filhos que são feito, que eles contem essa mesma história que eu contei e siga sua sina. Eu tou com esse tempo todo e ainda faço tudo. Não parei, estou firme, seguindo meu destino.

Sobre o herdeiro, será aquele que respeitar as minha tradições, ser forte e corajoso, como eu respeitei minha Mãe.

PAI ESTAFÂNIO



Figura 5: Pai Estefânio (MARQUES, 2017)

SEU PARTO NO CANDOMBLÉ

Cartografia - Quando pensamos na memória dos terreiros de candomblé e umbanda de Senhor do Bonfim, Bahia, sem sombra de dúvidas, salta aos olhos, a história de Pai Estefânio. Ele é quase uma lenda. Conta-nos que sempre lutou para ter um lugar para cultuar sua religião e que sabia, seus orixás, seus guias, sempre estiveram com ele e o ajudaria. Tudo começou assim:

Veja bem! Eu não entendia nada de candomblé. Fui

entendendo devagar. Aconteceu um fato, quando trabalhava num hospital onde duas mulheres entraram em trabalho de parto ao mesmo tempo. Uma era múltipla e a outra era do primeiro filho. Aquela correria. Teve uma troca dos bebês e eles me penalizaram. Fiquei muito triste mas, sabia que tinha coisa errada no meio, “coisa feita”.

A partir disso procurei uma casa, mas antes disso, tinha feito uma promessa para Cosme e Damião que, se eu comprasse minha casinha, eu dava caruru a vida toda, até morrer. Eu tenha entre 29 e 30 anos. Nessa casa fiz uma limpeza. Passei por todo aquele processo. Fui dar um caruru, todo de roupa branca. Nisso, sonhei com uma caminha branca e minha mãe biológica, Elisabete, me cobrindo. Quando acordei, tava todo melado de sangue. Tinha tido uma manifestação. Desde então, passei a frequentar a casa. Um certo dia, o Santo bolou, ou seja, pediu para ser feito. Tive que vender uma casa para fazer este Santo. Foi um processo longo. Me raspei aqui. Fiquei 21 dias recolhido, quando meu Oxóssi disse seu nome: Oxóssi “Kailô Kiloquê”. Tava recolhido e minha Mãe de Santo, também Elisabete, não me disse o nome. Fiquei perdido, meio assustado, quando ouvi uma voz: “Aluabé”. Quando ouvi esta voz eu me liguei. O nome seria “Oxóssi Aluabé”. Que “Aluabé” que nada! Teve todo o ritual. Minha Mãe balançou o adjá e o Oxóssi respondeu com o nome Oxóssi “Kailô Kiloquê”.

Depois disso peguei um ônibus e fui para Salvador. Lavei minha cabeça na Igreja do Senhor do Bonfim. O Oxóssi veio. Desci para a praia, depois fui para uma mata chamada “Água de Angorô”, em Pirajá, onde hoje é cidade, mas na época era mata e lá havia uma caída de água muito forte. De lá fui visitar um canavial em Terra Nova, chamado Usina Aliança, por causa dos escravos, por causa do meu escravo.

Foi caro! De lá fui para Santo Amaro, onde visitei sete cemitérios. Não falei que vendi uma casa?! (risos). De lá vim embora. Já tinha colocado um barzinho. Depois de sete anos recebi meu Decá. Vendi tudo que tinha na cidade e fui para o Carrapichel. Comprei uma casa lá. Fui para a Paraíba e um prefeito que ajudei, me deu um carro zero. Eu disse: “quero em dinheiro”. Com esse trocado fiz meu barracão em Carrapichel. Comecei a ganhar mais dinheiro e comecei nova vida.

Os “Meninos”, Cosme e Damião, foram eles que fizeram aquela atrapalhadinha no hospital para eu encontrar meu caminho. Não só me deram a casa, mas fizeram eu encontrar meu caminho. Até me chamaram para eu voltar para o meu trabalho, mas preferi ficar com meus trabalhos no candomblé. Era meu destino.

A mediunidade não é ninguém que compra não. É da própria natureza, ela brota, e pra brotar não tem idade.

Pela minha idade, dá impressão que sou um dos mais antigos aqui dos terreiros. Há dez anos estou aqui em Bonfim.

O NOVO TERREIRO E A ESTÁTUA DE SÃO JORGE

Aqui agora é o meu terreiro, humilde, mas é da gente. Aqui, onde tá meu São Jorge, é a nossa casa hoje. É bem humilde, aqui temos as roupas de Santo, os quartos dos trabalhos, os assentamentos. Tem lugares que não posso mostrar a vocês. É aqui que minhas forças, meus guias, me ajudam a tratar e cuidar de você, de outro, de quem precisar.

O dragão de São Jorge era a destruição que tinha na Turquia. É uma situação, aí o pessoal enfeita. O dragão foi a fome, a doença, a miséria, a guerra, as coisas ruins que São Jorge deu alívio. Qualquer tipo de destruição é o dragão.



Figura 6: Estefânio ao Lado do seu Oxóssi, Santo de Cabeça (MARQUES, 2017)

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Todas essas religiões são diferentes. Uns estudam “português” outros “francês”. Ketu, por exemplo, é diferente. Como você pode abrir um terreiro de Ketu se você não foi na África, nem teve aula de Ioruba? Só porque você ouviu?

Se você falar Ioruba para mim eu não entendo. Há muita diferença sim. Eu não entendo de Ketu, mas Angola sim. E tudo de minha escola, coisa do meu Santo. Coisa que Deus me deu. Bote na cabeça < angoleiro é mais aberto.

ORIXÁ

Abaixo de Deus, o Orixá! É um amor muito forte. Só para dar uma ideia: pensei que meu Caboclo Sete Flechas tinha su-

mido, ido embora. Eu chorava como uma criança. Nem quando minha mãe morreu, eu chorei tanto. Então, Orixá é uma coisa que me emociona.

EXÚ

Todo mundo tem um Exú, um escravo. Ele não vem com o nome de lá da eternidade. Não! Você que coloca, por exemplo, Marabô. São qualidades. Todo mundo tem que ter um companheiro. Ninguém se levanta só. O Santo tem que ter uma pessoa para mandar. Então ele tem seu exú.

Exú é um rapaz. É um empregado. Poderia ser “Manoel”, “Joaquim”, mas a gente coloca o nome de “exú”, por causa da hierarquia. Mas ele não é brincadeira. Se você brincar com ele, ele também mata. Ele fica rebelde. Cortamos para Exú para se defender do abismo. Botar Exú para alguém? Humm!!! Se você quiser subir nas costas dos outros, a queda é maior!

TEMPO

O Tempo ninguém pode dizer, que é uma coisa universal. Ele é a força maior que destrói ou constrói tudo. Eu tenho muita devoção pelo Tempo. Rezo todo dia 25 Pai Nosso e 100 Ave Maria para o Tempo. Ninguém pode dizer: “Na minha casa tem o tempo”. Não! Você apenas pode pedir ao Tempo.

O Tempo ninguém consegue descobrir, como ninguém consegue descobrir o segredo de Deus. Tudo tem que ter o tempo. O tempo é grande. Tem vários Tempos: Tempo Água, Tempo Terra, Tempo Rio, Tempo Maré, Tempo Natureza.

Quem fornece o oxigênio para os viventes é o movimento do mar, é o Tempo. Você não ver o mar secando. Ele é esse oxigênio que joga para as folhas. O Tempo ninguém consegue explicar. Não consigo descobrir de tão forte que ele é!

OSSAIM

É a Caipora das matas. No candomblé chamamos Ossaim, dono das folhas, das içabas. Você vai fazer um banho, veja os fundamentos das folhas. Você dá até um pedaço de fumo, de cachaça, de vinho pedindo força pelas folhas. A força das folhas é muito forte!

MATANÇA

Sobre matança, precisa isso? É sangue que quer ou quer cozinhar a carne? Se for sangue, compra uma bolsinha, mas o que o terreiro quer é a carne que o povo precisa para sobreviver.

DISCRIMINAÇÃO

O racismo só vai acabar daqui a 400 anos, quando não tiver mais preto? É isso!?

Eu comprei aquela casa que era da minha irmã, para ficar mais afastado, porque tem gente que reclama de tudo, até de um copo d'água que você coloca pra os santos. Discrimina, sabe!?! O povo passa por longe se benzendo. Aí eu digo:

“Venha cá! Se fosse coisa ruim eu ia jogar na minha porta? Mais tá! Eu jogava era na tua! (risos)” Para mim a maior discriminação é a falsidade sem conhecimento. Falsidades sem conhecimentos!

MENSAGEM

Temos quer agradecer a Deus por tudo, por pior que seja. Lamentar não resolve nada! Gosto da paz. Aqui, toda segunda-feira, eu dou as flor do velho, as pipoquinhas dele, para termos saúde e paz. Não queira fazer mal a ninguém porque esse mal volta para você.

Candomblé é muito bom. Se eu morrer hoje, eu quero virar pai de santo de novo. Na minha reencarnação, se tiver, porque eu sou feliz assim, gosto da minha vida como Pai de Santo. Candomblé é uma religião que pode ser melhor que todas. Mas tem que ter consciência que, se você derrubar, você cai, se você matar, você morre. Tem a lei do retorno e eu tenho muito medo da lei do retorno. Todo mundo é igual, até o papa que é a carne mais cara do planeta. Veja! Bento quem era e veio o vento e trouxe Francisco.

ESCLARECIMENTOS

Fui para Carrapichel porque, quando fui feito, não poderia morar na cidade, então eles mesmos me deram com que eu fizesse lá. Fiquei vinte anos lá. Mas fui chegando pra idade e aí eu mesmo disse: “Tenho que ir morar na cidade!” Vi que era melhor na cidade. E até hoje estou aqui.

A TROCA DE BEBÊS...

Acabei trocando os bebês. Eu era enfermeiro e acredito que eles mesmos, Cosme e Damião, fizeram essa brincadeira pra eu achar meu caminho. Tudo foi esclarecido depois, quiseram que retornasse ao meu trabalho no hospital, mas eu já estava com meu caminho no Santo. Não quis mais voltar. Meu caminho já estava traçado.

TERREIRO ONZÓ AWETO MUTALOMBÔ TÁTA MUTALAZU, FILHO DE MUTALOMBÔ



Figura 7: Pai Roni (MARQUES, 2017)

UM VENCEDOR

Cartografia - Escrito em kimbundo, um dos idiomas falados pelos povos africanos de origem Bantu, o nome do Terreiro é Onzó Aweto Mutalombô e significa Casa de Força de Mutalombô, de Nação Angola, situado na Rua Carrapichel, n. 49, Bairro Alto da Maravilha em Senhor do Bonfim/BA, local de culto e de residência do Tatêto de Nkisi Ronier Leite Falcão (Pai Roni), também denominado pela dijina recebida do seu

Nkisi como Táta Mutalazú, e que, aos 49 anos de idade descreve sua relação com a espiritualidade e seu processo de iniciação e vivência no candomblé.

A minha ligação com a espiritualidade foi anunciada desde o meu nascimento. Nasci de um parto complicado, que quase levava eu e minha mãe biológica a morte. Na ocasião fomos salvos, abaixo de Deus e dos Espíritos de Luz, graças à experiência da parteira que era também uma rezadeira/mandingueira e que, através de algum encantamento conseguiu nos salvar. Posteriormente, durante a primeira infância eu vivia constatemente enfermo e apesar de ser levado com frequência ao médico, não se obtinha nenhum diagnóstico. Aliado a isso eu já tinha visões tanto em sonhos como acordado e muitas vezes acordava em prantos, relatando as premonições e os contatos que tinha com os espíritos, mas não era compreendido pela família. Em sua maioria eram visões reveladoras e perturbadoras, acredito que devido a idade, o que me assustava muito, bem como a toda a família, que não aceitava e não sabia lidar com a situação, obtendo dos médicos apenas a resposta no sentido de que: “Deveria ser psicológico”. Entre os sete e os oito anos de idade fui levado para a igreja evangélica, o que não impediu de continuar tendo visões, sonhos e avisos. Sentia meu corpo se transportar a noite. Quando estava deitado eu me via sair do meu corpo. Eu queria voltar e não podia. Muito pânico! E comecei a ter visões de acidentes, via muitos acidentes. Eu sonhei com um carro capotando, tinham quatro pessoas e uma delas era conhecida. No dia seguinte as visões dos sonhos aconteciam. Esses acontecimentos que ocorriam comigo eram, na verdade, a espiritualidade aflorando, só que minha mãe e minha família não aceitavam. Na verdade, a primeira incorporação

ocorreu aos sete para oito anos, a partir de quando passava por alguns episódios de incorporação com entidades variadas. Numa ocasião fiquei desacordado e fui levado para um centro espírita. Quando despertei estava dentro da Sessão. Havia passado por um episódio de incorporação e devido a isso frequentei o centro espírita até os quinze para dezesseis anos. Durante a frequência ao Centro Espírita havia a manifestação de uma entidade agressiva e aflita, que não falava. Apenas grunhia. Eu era magrinho, mas quando incorporava essa entidade, eram umas cinco ou seis pessoas pra me segurar e eu não via nada. Não se sabia o nome dessa entidade porque ela não falava. Depois se descobriu que se tratava da alma de um africano que havia sido escravizado. Ele fazia parte da mesa. Quando eu entrei na sessão, pela primeira vez incorporado com essa entidade as pessoas que estavam presentes correram para fora com medo e quem estava lá fora corria pra dentro pra ver o que era. A identidade desse espírito que me atormentava foi revelada posteriormente por um mensageiro de luz. Esse irmão de luz revelou a história daquela entidade e o motivo pelo qual ela não falava. Disse que ele havia sido um escravo de antiga data e que ele tinha feito uma coisa errada, tinha falado, tinha se pronunciado para seu Senhor com palavras agressivas, o qual mandou que cortassem a língua dele, por isso que ele não falava. Após essa revelação aquela entidade, não incorporou mais com agressividade. Quando eu ia saindo da sessão uma mulher, dona Elizete, virou pra mim e disse, até hoje eu me lembro: “eu tenho um negócio pra lhe dizer. Meu mensageiro mandou um recado pra você. Vá pra sua casa, pro seu trabalho, você tem que trabalhar. E vai alguém te chamar em sua casa que é onde você vai resolver seu problema, porque na verdade, você tem parte de mesa

branca, mas sua corrente de frente não é de mesa branca, é de candomblé. Eu me lembro que até disse a ela: “Deus é mais! Eu já não aceito sessão, imagine candomblé, que para mim era coisa do diabo. Eu fui criado dentro de uma igreja evangélica, na Assembleia de Deus, mas nem por isso, dentro da Assembleia, não deixava de ter visões e eu cobrava do pastor o que era aquilo, porque eu estava ali, na hora do culto, na hora que começava a abrir a tela para os hinos, eu me levantava e não via mais nada, aí dizem que eu entrava em choro. Eu estava ali, meu corpo estava ali, mas meu espírito não estava. Quando me deparava eu estava descendo o asfalto aqui no Itapicuru, todo vestido de branco com uma vara na mão e quando olhava pra trás um bocado de pessoas me seguindo, tudo vestido de branco, com saia e tudo. Só que eu não entendia e, às vezes, eu perguntava até ao pastor o que era. Aí quando eu me afastei da igreja começou a dar essas crises. Foi quando realmente aconteceu e ela disse: “olhe, de três a sete dias vai aparecer alguém”, e realmente apareceu. Aí ela me levou numa casa e nessa casa que ela me levou, ela me chamou e disse que ia na casa de madrinha. Que tava agonizada. Aí eu disse: “deixa eu fechar a loja meio dia que eu vou.” Quando eu cheguei lá entramos, eu olhei a mulher estava lá no quintal com as folhas rezando, e perguntei a ela: “a senhora reza?” Ela disse: “rezou! Faço consulta...” “A senhora poderia fazer agora pra mim?” Perguntei. E nessa história eu retornei no outro dia, aquela entidade, que me pegava que eram três, quatro, cinco pra me segurar quando eu ficava espiritado, me pegou na hora e na mesma hora ela: “vupo!” Até perguntei a ela: “o que foi que a senhora fez? Porque ele tava aí parado agora.” Ela disse: “Nada! Eu simplesmente disse para ele que não era o momento.” Ela foi, jogou os búzios, aí comecei a me

tratar com ela, a minha primeira mãe de santo Dejanira. Mas as águas dela, o pai de santo dela, finado Osvaldo, era Angola e ela não chegou a completar o ciclo dela, não foi raspada. Ela simplesmente, como se diz, foi a força. Naquela época ela passou 21 dias recolhida num Bori. Antigamente era um ano para a feitura. Ai ela falou: “olhe meu filho, eu não raspei porque não queria saber dessas coisas”. Mas depois de um tempo não teve jeito, o pai de santo dela veio a óbito e, cobrada pela não feitura, começou a trabalhar. E aí foi onde ela disse: “vou chegar até o meu limite com você, mas você tem casa de santo e você é para ser raspado e eu não raspo”. E eu também achava que não tinha necessidade disso. Que pra mim era boniteza. Oxe, negócio de raspar. Num já tem luz, num já tá aí? Tá bom! E aí pronto! Continuei minha jornada. Depois, não teve jeito, na casa dela, entrei no santo com dezesseis anos de idade. Da sessão, de doze até dezesseis, passei três anos lá e não tinha como disciplinar esta entidade e era sofrimento: fiquei cego e aleijado. Corri, só não joguei pedra. Mas não tinha muro que eu não pulasse quando dava agonia no juízo. Tentei me matar quatro vezes. Nem o cão me quis. Porque até o revólver que eu pegava pra me atirar, quando olhava, tava sem bala. Saia daqui pra pista do contorno pra me jogar, eu não queria que fosse um carro, queria era uma scania, pra entrar naqueles três pneus. Eu ia pra pista e não passava um carro. Eu dizia: nem o cão me quer. Enchia a minha cara de remédios e nada! Aí, meu Deus vou dormir, vou deitar aqui que pelo menos morro dormindo. Aí pronto! Não teve jeito, tive que entrar no santo. Com dezesseis, entrei no santo. Hoje, agora em outubro, faço vinte e um anos, dia 11 de outubro, eu faço vinte e um anos de iniciado, de raspado. Graças a Deus em paz, lutando com a minha vida.

HISTÓRICO ARTISTICO PROFISSIONAL

Eu tenho uma agência chamada Mutarte. Eu sou diretor. Eu comecei como um grupo teatral, depois do teatro virou uma agência de produções. Iniciou aqui em Senhor do Bonfim. Quando nos dão oportunidade, a gente mostra nosso trabalho em decoração junina, natalina. Este ano fizemos a decoração do São João que há quatro anos não fazemos porque era outro prefeito. Temos quase 20 anos com decoração. Trabalho com decoração e canto também. Eu gosto das minhas serestas, sou boêmio. Tirando o meu santo, o meu lazer é cantar. Eu tenho um grupo chamado Diamante Negro. Antigamente, eu fazia parte do Trio Noturno. Mas depois eu formei meu grupo, aí eu tenho minha equipe. E quando a gente é contratado, vamos cantar em clubes, aniversários. Fazer uma serestazinha, uma MPB, uma coisinha básica.

Eu acho que, para o meu sustento, é a junção de tudo. Que graças a Deus eu comecei a trabalhar e fiz meu pé de meia. Primeiro eu fiz meu pé de meia. Eu me lembro muito bem de um Nkisi. Há muitos anos atrás ele desceu e veio em pé e mandou um recado pra mim: “Que a árvore, ela tinha um tempo de dar o fruto, mas quando ela fica velha, já não vêm com tanta abundância os frutos. Que a árvore vai se desgastando. E pode vim a perder a potência.” Ele quis dizer o quê? Que quando a árvore, eu entendi dessa forma, quando a árvore tá nova, frutífera, haja goiaba, mas quando vai ficando mais velha, já não tá com a mesma potência com o mesmo paladar, alguma coisa nesse estilo. E quando ele disse isso deixou o recado: “Diga a ele que faça por onde ele plantar, pra ele poder colher”. Então eu sempre trabalhando e lutando. Antes eu trabalhava na prefeitura, fui escriturário, fui gerente de loja,

trabalhei como vendedor, depois gerente e fui acumulando minhas coisinhas, meus trabalhos no santo também, quando iniciei. E fui comprando meus terrenos, minhas casinhas. Tenho minhas casas de aluguel, tenho o meu trabalho que é decoração, tenho meus showzinhos, que de vez em quando eu faço, e tenho o santo. Um pão com meio é um pão e meio. Eles me deram como viver. Tenho minhas casinhas, minha estabilidade e da minha maneira vou lutando com a vida.

PRIMEIRAS RESPONSABILIDADES NO TERREIRO

Cartografia - A vida de Pai Roni passou por muitas provações. Como ele mesmo diz, aconteceram muitas coisas difíceis até ele se pacificar com sua espiritualidade. Ao ser acolhido, cuidado, passou a ter a paz necessária e assumir novas responsabilidades junto a sua Mãe de Santo, como ele mesmo descreve:

O meu santo foi confirmado, eu com uma calça branca, camisa verde, conta verde e o que tinha na hora da matança simplesmente era um alguidar, uma garrafa de vinho e uma garrafa de mel, manolina, uma vela e o galo. Foi minha umbanda, onde meu santo recebeu, onde foi trabalhado, onde o Oxóssi comeu, foi dessa maneira, não existia comida seca, não arriou nada, pronto! Fiquei recolhido na casa dela três dias nessa confirmação e na verdade nem quartinha tinha, depois foi que ela pediu. Mas, na confirmação foi só isso. E graças a Deus a coisa fluiu, era de um jeito que na casa dela, ela era a primeira pessoa e eu era a segunda. Tudo tinha que passar na minha mão também, porque com o tempo as coisas foram se desenvolvendo e eu comecei a ajudá-la. E todos os trabalhos que tinham para ser realizados eu estava ali junto dela.

MUDANDO AS ÁGUAS

Cartografia - Comovido e com grande gratidão à Mãe que o acolheu, ele fala agora que chegou o momento de mudar. Seguia novos passos orientado por seus guias:

Mas tive que ir para outras águas. Nas águas de Estefânio, que mora aqui perto da rodoviária. Sou filho de santo dele. Até hoje permaneço na casa dele. Na casa da minha antiga mãe de santo eu havia sido confirmado para Oxóssi e com ele também fui raspado como Mutalombô. Mutalombô com Matamba e Nzaze. Na linguagem Yorubá é Oxóssi com Iansã e Xangô. Os três santos. Na Nação Angola, que são minhas águas, sou filho de Mutalombô, Matamba que é Iansã no Ketu e Nzaze que é Xangô. São os três orixás. Em correspondência ao Ketu, sou de Oxóssi com Iansã.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Cartografia - Entre as particularidades da sua religião, Pai Roni, descreve o Candomblé, a Umbanda, o Omolokô e fala de Orixás, Nkisi e caboclos:

Para nós que somos do candomblé, independente da nação, que seja Angola, que seja Ketu, que seja Fon, existem certos preceitos, certos fundamentos. Eu fui criado numa umbanda, mas umbanda traçada, que minha Mãe era umbanda, mas era traçada com Angola. Eu chamo “minha Mãe”, porque antigamente chamava até madrinha. Só que aí ela sempre foi muito impositiva comigo. Mas a “cultuação” é diferente. Os preceitos, os hábitos são totalmente diferentes. Hoje não, que tá uma modernidade. Mas antigamente existia uma um-

banda seca, aquela umbanda verdadeira. Hoje não, eu não sei se é o tempo, a situação, a evolução, de certa maneira, mas que não tá muito legal, porque tão misturando as bolas. Me perdoe, nunca vi umbanda raspar. Umbanda não se raspa. Mas hoje já estão raspando. Então é aquela questão: acho que eles poderiam diferenciar a umbanda traçada com Angola. Ao invés de ser umbanda, ser Omolokô. Porque fazem certos preceitos quase parecidos e quase identificados com Angola, mas que também não é umbanda, é um pouco da umbanda e um pouco da Angola. Então agregaria nesta nova que tá aí que é Omolokô. Agora a diferença que existe na umbanda é essa “cultuação” totalmente diferente. As pessoas antigamente cantavam pra Iansã, cantava pra Santa Bárbara e tudo, pra Janaína... E a diferença hoje que existe das minhas águas de Angola para Ketu, aí jogando da umbanda para Angola, é porque nós da Angola cultuamos energia, a energia das matas, a energia do fogo, da natureza, da terra, da pedreira, do sol e da lua, essa energia. Já a diferença que existe da Angola para o Ketu é porque os Orixás em si tiveram vidas. E os Minkisi (plural de Nkisi) não tiveram vida carnal, eles são a pura energia. Porque o Nkisi é a pura energia. A gente capta, a gente busca energia dos nossos Minkisi. E já todos os Orixás tiveram vida, como nós estamos aqui. eles têm as histórias deles. E o caboclo, na verdade, é brasileiro. Eu vejo dessa maneira. As pessoas acham que nós somos descendentes africanos, há essa descendência dos Orixás que vieram para o Brasil no tempo da escravidão e que os negros é que fizeram aquela miscigenação, aquela mistura e tudo. Diante disso, nós trazemos a nossa energia de lá. A energia dos nossos caboclos, dos nossos pretos velhos, marujos, todos são entidades brasileiras. Então, não é só na África que existe Orixás. Lá existe,

realmente, e eles foram trazidos para cá, mas os nossos caboclos são brasileiros. Nós cultuamos nossos caboclos, nossos índios. Então, vem uma questão da nossa ancestralidade.

EXÚS

Antigamente quando fui feito, feito não, meu santo foi firmado, porque feito é quando você inicia e raspa o santo, minha Mãe tirou os ebós todos necessários que eram pra tirar. Fez todas as limpezas, cortou para o escravo do Oxóssi, que eu nem participei, nem quis participar, porque pra mim era coisa do diabo. Quando eu ouvia falar de Exu eu dizia: “Creio em Deus Pai! Deus é mais!”

Exu é escravo. Na verdade, quando a gente chama escravo, existem dois tipos: existe Exu Orixá e Exu Catiço. Para mim Exu é caminho. Pra você fazer alguma oferenda, para você abrir um terreiro ou que seja tocar, você primeiro precisa fazer as condolências a Exu porque ele é o dono das estradas, dos caminhos, das encruzilhadas. Então onde a gente passa, caminha, e até para você sair na porta, tem que saudar Exu. Você tem que pedir agô, pedir licença a Ele, pedir bandagira pra você ter uma passagem, para ele poder afastar a negatividade. Então é o dono dos caminhos da gente.

Tem os Exus de rua, que são Exus catiços, e Exus Orixás que vivem como Orixás mesmo. A maioria das casas cuida mais do Exu catiço porque quem trabalha é Caboclo e Exu. Até o próprio Exu Orixá tem o catiço dele, ele tem o Exu dele. Exu é caminho e depende da forma que você lidar com ele, trabalha com ele e você disciplina ele: ou ele lhe faz o bem, mas também se você pedir, ele faz o mal.

SOBRE TEMPO

Cultuo Tempo. Na verdade é o rei da Angola. No ketu é Oxóssi, o rei de Ketu é Oxóssi. O rei da Angola é Tempo. É o nosso Nkisi, o Tempo. E tudo com Tempo tem tempo e se dá tempo. Então Tempo responde por tudo, responde por todos os Orixás. O Tempo é aberto, a natureza do tempo, do vento, da ventania, da energia, do astro em si. Tempo é isso!

OSSAIM

Nas minhas águas é Katendê. Ossaim é no Ketu, nas minhas águas é Katendê. E Katendê tem o segredo das insabas, que são as folhas. As folhas curam. Você pega certo tipo de folha que serve pra descarrego, pra afastar os olhados, as invejas, as perseguições, as radiações, as cargas negativas, que são os banhos de descarregos, como tem os banhos de amassí, onde você fortalece seu anjo de guarda. E tem folha que serve pra tudo. Hoje você vai na farmácia e compra ali um remédio e não sabe que ele é extraído da folha. É o segredo das insabas de Katendê, que chama Ossaim. Ele sabe de todo segredo.

HIERARQUIA E CARGOS DO TERREIRO

Na minha casa existe Tateto de Nkisi, que sou eu, que o pessoal chama Babalorixá nas águas de Ketu. No português, é o “Pai de Santo”. Jogo búzios porque Ifá é um jogo diferente. Para você vir fazer a consulta com Ifá, você tem que ter um estudo, é totalmente diferente do candomblé.

Mas temos aqui as nossas Makotas, temos aqui os nossos Tatakombono, que são Ekedí e Ogã no Ketu. Muda-se o nome e o preceito, porque da maneira que se é trabalhado no Ketu não se é trabalhado na Angola, são questões diferentes. Tem pessoas, por exemplo, que no Ketu, até na Angola também eu já vi, mas nas minhas águas não se raspa Ekede nem Ogã. Porque pela ordem da casa Ekedí e Ogãs, quero dizer, Makotas e Tatas, já têm sete anos e como é que você vai dar vida a quem já tem vida? Então, aí é só colocar no lugar. Porque se uma Ekedí e um Ogã têm sete anos na frente, ele e ela já são feitos, feitos assim, já têm uma vida, sete anos na minha frente, eu como Abiã, como Muzenza, ou que seja até como Yaô. O que requer, na verdade, da pessoa que é Babalorixá é organizar e fazer certos preceitos que é diferente de uma raspagem, mas de qualquer maneira é o que o Nkisi quer. Eu não raspo minhas Makotas nem meus Tatas. Tem certos fundamentos que esse é o preceito. Já têm casas que raspam, mas aqui em casa, não.

DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

O primeiro a discriminar foi eu mesmo a mim mesmo, porque eu não me aceitava, mas depois tive que abaixar a cabeça. Depois veio o preconceito da família, principalmente da minha família, porque o maior desafio do mundo é você se aceitar, você entra em guerra com você mesmo, seja na vida em qualquer situação. De repente você olha para um canto, olha para outro e perguntar: “Meu Deus! Por que eu sou diferente? Por que eu nasci dessa forma? Por que com essa energia? Por que com isso?” E você renegar, rejeitar e você ter que

pagar o preço, pra baixar o pescoço, pra poder dizer assim: “Eh! ou dá ou desce”. Depois veio a família. E depois as pessoas que acham até que você tem um pacto com “o inimigo”, com o cão. Nós não cultuamos diabos. O pessoal tem mania de dizer que Exu é o diabo. Os evangélicos prometendo perseguição, porque a perseguição maior tá vindo deles. Vê-se pelo que está acontecendo. E depois de pessoas também dizerem: “é feiticeiro, é macumbeiro”. Até uma oferenda que você faz, por exemplo, eu vou agradecer tal entidade levando minha oferenda quer seja numa encruzilhada, no mato em algum lugar, ninguém para pra ver, porque ninguém quer saber, acha que é feitiço. E às vezes é uma oferenda. Você está levando uma oferenda, mas as pessoas já dizem que é macumba, é feitiço. Então, você sofre do início até o fim o preconceito.

Sempre vai haver essa situação. Apesar de que a gente fica lutando contra isso, mas enquanto não houver uma união do povo do Axé, porque o povo próprio do Axé, é preconceituoso uns com os outros. Uns querem ser melhores que os outros, uns se julgam saber mais que os outros ou “porque a casa de fulano é assim, a casa de cicrano é assim”. Você não vem pra olhar, pra observar, pra louvar um Nkisi, um Orixá. Muitos vêm pra ver se está tudo direito, até o Axó do santo se tá normal, se tá bonito ou se não tá, quais foram as cantigas que foram tiradas, as entradas e as saídas, de que forma, de que maneira...

As pessoas dentro do candomblé, enquanto não tiverem humildade, simplicidade, elas não vão chegar a essa união que nós precisamos ter, essa ponte. Não é fazer uma muralha, não tem que existir um muro, um bloqueio entre a minha casa, a de Anastácia, a de Pai Tonho, não! A gente tem que fazer uma ponte. É por isso que, às vezes, as pessoas me acham meio medido, que as pessoas falam, que a gente sabe quando as pessoas

falam. Mas, é porque eu não vou na casa de ninguém. Tô na minha casa. Chamo todo mundo. Tem duas ou três casas que eu vou aqui, que me chamam. Também chego lá, marco minha presença e no que eu puder ajudar eu tô ali para louvar os Orixás. Também, terminou minha missão, eu vou embora.

Talvez seja essa questão de agregar as pessoas, como por exemplo, vamos dizer que todos nós somos zeladores de santos, sacerdotes. Eu penso que ninguém trabalha errado, trabalha-se diferente. Porque eu, como um zelador, não vou pegar esse filho e fazer um trabalho pra prejudicar ele. Não! Eu quero ver os caminhos dele prósperos, eu quero fazer com que as coisas fluam e aconteçam de bom para ele. E se, na minha casa, fulano respondeu, se Ogum, se Obaluaê foi lá e respondeu... Nkisi ou um caboclo respondeu na minha casa, ali no jogo dos búzios, então tá ok.

Já outra pessoa vai e diz: “ah! o santo tá errado”. Então, sempre existe essa disputa de um querer ser melhor do que o outro. Estão esquecendo da essência, que é você buscar a energia e entrar em harmonia com o que Deus lhe deu na hora do seu nascimento. De você cultuar e chamar essa energia. É do jeito que eu tô dizendo. Já disse aqui aos filhos de santo: “Oh! Vocês façam por onde não perder a energia de vocês porque os próprios Orixás e Nkisi estão se afastando desse plano!” O portal está se fechando, porque a fé das pessoas hoje está virando comércio.

Há muita marmotagem, muita coisa errada. Tão aproveitando, tão queimando pé de caboclo, pé de santo. Queimar é dando o santo de mentira, um caboclo de mentira para usos e frutos. Então tá acontecendo muito isso na espiritualidade. E na questão das pessoas do axé tem que ter mais entendimento e compreensão. Você trabalha de sua forma, você tem sua

casa, cada um no seu quadrado. Vou na sua casa e o que eu vê lá, tá lá. O que você vê na minha casa tá aqui e a gente vai se dar muito bem. Vamos levantar bandeira e vamos correr dentro e chamar para poder dar uma firmeza, mas o povo de hoje não é assim não. É porque eu sou polêmico devido isso. Eu sou meio polêmico porque se é pra dizer eu digo, se é pra falar eu falo. E tem pessoas que às vezes se calam. E a pessoa tem que ter atitude. Porque se eu sou do Orixá, eu não pedi pra nascer, eu não pedi pra ter. Então eu vou adotar a minha maneira de ser, do meu Orixá. E graças a Deus eu não tenho do que me queixar, hoje eu me encontro em paz, me encontro na minha energia, na minha vida, satisfeito com o meu Nkisi. Satisfeito com a minha casa. Posso não estar satisfeito com certos filhos de santo, porque cada um tem sua natureza, seu temperamento. Então você tem uma natureza, eu outra e ele outra, mas a partir do momento que você entra na casa do seu Nkisi, do seu santo que seja, do seu Orixá, você tem que estar ali humildemente, não pra ser humilhado, mas humildemente para aprender, pra conviver e filtrar a energia. Muitas pessoas estão fazendo coisas por boniteza, tão raspando por boniteza, tão fazendo as coisas porque antigamente era o orixá, o santo que cobrava, hoje está se tornando uma coisa muito banal.

SOBRE A ORGANIZAÇÃO E UNIÃO DOS TERREIROS EM SENHOR DO BONFIM

Se alguém abrir a boca lá na frente e dizer, tá sendo falso, tá mentindo. Não existe união aqui de jeito nenhum. O que tá existindo agora é a Semana Municipal dos Povos de Terreiro que antecede o dia 14 de setembro. Fomos para Câmara de

Vereadores e conquistamos esse espaço que é a semana do Povo de Terreiro. É de um jeito que quando foi agora mesmo o pessoal da Cultura marcou, para poder todos os Babalorixás, o pessoal do Axé, estar lá para ter uma reunião, para debater o que nós faríamos em questão de o povo conhecer, e não apareceu ninguém, só duas pessoas: o Cleiton e eu. E os outros, cada um no seu. Não existe união, não vou lhe mentir.

Estamos assim, mas apesar de estar dizendo a verdade, que ainda nos falta união, isso não quer dizer que não deseje isso. Quero muito um dia estarmos juntos, fortalecidos. Mas temos muita coisa para aprender, para superarmos juntos.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

É o desejo dos evangélicos. Eles estão lutando e vão lutar. Se o povo do Axé, o Povo de Terreiro não abrir os olhos, eles estão ganhando espaço em tudo e vão colocar um presidente e nós vamos voltar ao tempo do cativo, dos escravos. O Rio de Janeiro, como é que tá? Eles fizeram, mandam as pessoas quebrarem os terreiros. Os bandidos pagam dois mil reais por cabeça para poderem ir lá no terreiro.

Agora mesmo morreu um Pai de Santo no Ceará. Eu sei porque tem um grupo que participo do Axé que tem gente de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro e tudo. E eles entraram lá na casa do rapaz e mandaram o rapaz quebrar o Ibá, o carrego, o rapaz disse que não ia quebrar em respeito ao Orixá dele. Aí foram e mataram ele a paulada.

São bandidos afiliados, de certa maneira, ao pessoal da congregação evangélica, a cúpula deles. Uma vez eu tava aqui, muitos anos atrás, quando logo entrei no santo, tinha uma pri-

ma, tinha não, tenho uma prima, que quando eu logo entrei no santo, ela se distanciando do santo, na vida dela, quando foi um dia, ela se tornou evangélica e veio de Salvador diretamente com um pastor. Aí chegou no portão, me chamou, eu disse: “Oi minha prima, tudo bom?” Ela: “Tudo bom.” Aí foi, me abraçou e disse: “Eu trouxe este pastor pra conversar com você.” Eu disse: “Pastor?! Vamos entrar.” Ele disse: “Ah! Porque você está numa religião errada, você está servindo o inimigo e eu vim aqui conversar com você, lhe dizer a palavra de Deus e dizer que Jesus mandou um recado pra você.” Eu disse: “Certo!” “Você tem esse lado que você cuida, mas você é para estar dentro de uma igreja, que o dom que você tem foi roubado, que esse dom é de Deus, mas o inimigo passou a perna e jogou logo você pra dentro, porque hoje era pra você ser um missionário de Jesus pelo dom que você tem e tudo”. Aí começou a conversar, a conversar... Aí eu disse: “Sim, em primeiro lugar, eu tô aqui, abri as portas da minha casa, e eu não sirvo ao diabo! Segundo lugar, eu estou no lugar onde eu deveria estar. E uma coisa, você fala que caboclo, que santo é coisa do demônio, do cão, não vejo isso. Agora, me diga uma coisa: eu fui batizado em águas, tenho até foto eu pequenininho e fui batizado em águas e fui batizado no espírito santo. Agora me diga você se o espírito santo pega alguém? Porque espírito santo é Deus. O espírito santo quem é? É Deus! Deus pai, Deus filho e Deus espírito santo, três em um só. Então você vem me dizer que você recebe Deus, porque eu recebia, só não sabia quem era, hoje eu sei que era um espírito que estava ali. Foi disciplinado cada um em sua origem e ali dentro ele falava em línguas estranhas, mas não era Deus, eu não recebi o Espírito Santo, eu recebi uma entidade.” Veja hoje como é que estão os evangélicos? Tantas incorporações que você pensa que

tá dentro do candomblé. Então, eu estou lutando pra quebrar isso, tirar isso da gente. E a gente não é de guerra, a gente veste branco, a gente pede paz, a gente pede luz!

CRIANÇA NO CANDOMBLE

Na verdade, nós não escolhemos, somos escolhidos. Já somos predestinados a viver isso. Não é que a gente escolha um Nkisi, escolha um Orixá. Antes da gente vir no ventre, já somos escolhidos. Eu vejo dessa forma. São pessoas predestinadas, somente quem tem cargo de santo, pessoas que é preciso trabalhar a mediunidade a florada. Uma coisa de que até hoje eu me arrependo: eu estava esperando o ônibus passar na Liberdade, lá na Ladeira de São Cristóvão, eu e meu amigo, a gente ia pra casa da mãe dele. Aí vinham dois meninos correndo, um parou, olhou assim pra mim na esquina, virou, veio de lá pra cá e disse: “Você é pai de santo, né!?”. Nunca tinha visto aquele menino. Eu disse: “Eu mesmo não, meu irmão, deixe disso.” Ele deveria ter mais ou menos uns oito anos, não mais que isso. Ele disse: “Você é pai de santo”! Eu disse: “Sou não, deixe de loucura menino.” Ele olhou para mim e disse: “Deixe eu ver suas curas?”. Aí eu disse: “O que é isso?” Me fazendo de besta, né!? Depois que ele saiu me doeu na alma, porque o menino já nasceu com o dom, não custava nada eu dizer que sou. Eu não neguei, mas eu levei na brincadeira. E até hoje eu lembro disso. Então já vem predestinado. Tudo começa quando criança, às vezes, as intuições, esse transporte de você tá dormindo, você tá em outro lugar que você nunca teve, de você viver uma situação de você dizer: “eu já vivi isso, eu já passei por isso, já aconteceu isso.” De você chegar num lugar e dizer:

“eu já estive aqui!” Mas você não sabe como você esteve. Fisicamente você nunca teve, mas espiritualmente já.

Não é bom porque você não teve uma orientação espiritual de entender o que está acontecendo e porquê você tem uma mediunidade. Mediunidade é a pessoa que tem um dom, mas você precisa aprender a ter calma, paciência, porque são muitas coisas, são muitas visões, você vê o bom e vê o ruim também. Não pense que é só coisa boa. E quando chega na hora da cobrança mesmo, do vai ou racha. Quero dizer que começa, aí vai aflorando, aflorando... Aí você começa a se perturbar mesmo. Eu não comia, não bebia. Sabe quando eu me sentia bem? Quando eu tava dentro do cemitério. Ou então ficava atrás da prefeitura, sentado no banco e olhava uma luz no pé do monte. Era de um jeito que se eu tocasse alguém, eu dizia: “você tá sentindo isso, isso e isso.” E tinha horas que vinha o que era bom e ruim, as visões, as cargas negativas.

A maioria das pessoas que entram no nosso axé, já entra adulto. Porque essas crianças que eu digo que já vem iluminadas tão lá na casa, mas você não sabe o que tá acontecendo. E a gente poderia chamar o pai ou a mãe e dizer. Já chegaram pessoas e me disseram: “Olhe! Tá acontecendo isso e isso com o meu filho. Meu filho tá tendo isso e isso”. E eu dizer: “Venha cá, é assim, assim, assim...” Eu não acho de acordo, por exemplo, que para uma criança ser médium você deva jogar dentro de um roncó e você trabalhar e fazer o santo dessa criança. Porque eu acho que o ser humano tem que ter seu livre arbítrio. Imagine você novo, sua família que aceita o axé, jogar você dentro do terreiro e de repente raspar seu santo e quando você crescer dizer: “Eu não quero isso, eu quero ter minha independência”. Não vou dizer pra você que eu entrei por querer. Eu não tive esse livre arbítrio. Eu fui

obrigado, porque ou eu ia ou eu morria. Porque a conversa foi essa: ou eu ficava louco ou aleijado ou aceitava ou morria. Eu não quis ficar louco, nem ficar aleijado, nem morrer. Se é pra aceitar, vou aceitar. Tive que meter a cabeça.

Mas a orientação pra criança deveria existir sim porque todos os traumas da gente é na infância. Porque pra gente o choque é desconhecido, o sobrenatural. Eu tô aqui conversando com você, tá a sombra passando aí. E você olha pra lá e você se assombra porque você não sabe do choque térmico que existe. Quando existe pessoas que realmente necessitam que vêm com criança que tem a mediunidade, você vai ali explica uma coisinha, diz: “Olhe, vá por aqui, faça isso quando chegar certa idade.” Aí a gente vê o que é que faz, mas todos, a maioria é quando é criança, principalmente quem tem cargo pra trabalhar que já vem mesmo predestinado, não tem jeito.

Eu acho que, já que a mãe e o pai estão ali, que seja do santo ou não, que essa criança é especial, é iluminada e tem esse dom, não custava nada levar no candomblé, conhecer devagarzinho. Mas aí você tá ali conversando, orientando, explicando as coisas, se for até necessário devido a alguma atribuição espiritual, tirar um ebozinho básico para poder deixar ele mais ali e o santo vai ver que ele não tá dentro da casa, mas que não vem com certos preceitos e fundamentos.

Eu, Roni, espero não pagar minha língua, mas espero não iniciar uma criança. Mas também não condeno porque existe uma questão: você só vê o santo da criança depois dos sete anos de idade. Porque na verdade a Abiã, que é a principiante, a iniciante, quem domina é Oxalá, é Lemba, e Kaiala, que seja, Yemanjá e Oxalá. Enquanto você não fazer seu santo, quem fica dominando são os dois, Papai e Mamãe, Oxalá e Yemanjá, que ficam dominando a todos nós enquanto você

não entra no santo. Depois é que vai ver quem é realmente o seu Nkisi ou seu Orixá. É a minha maneira de ver. Eu, Roni, não iniciaria. Iniciar é fazer, feitura de criança, porque criança nasceu pra brincar, pra se distrair, jogar bola, pra quebrar um braço correndo, é uma maneira de dizer, pra estudar, pra ser feliz, não ser cheio de responsabilidade.

Quando chegar na idade, mesmo com as cobranças dos santos, tem os paleios que a gente faz, tem uns ebozinhos, tem uns agrados que a gente faz para poder o santo acalmar. Tem como você fazer um trabalho para o santo aguardar a idade da criança chegar. Existem vários caminhos. Mas aí você já jogar a criança, e se ela não quiser? Quando ela crescer e disser: “não quero isso pra mim”. Então o ser humano não tem o livre arbítrio? Então deixa pelo menos chegar uma fase pra pode dizer: “Eu quero! Eu vou entrar!” Porque, primeiro, uma criança com dois, três anos, que não sabe nem o que tá acontecendo, não vai virar no santo. Porque a criança nem falar direito sabe. Não sabe nem o que tá acontecendo. Ninguém sabe se vai ser rodante ou não. Se vai virar no santo ou se não vai virar no santo. Existe o tempo de Deus, o tempo do Orixá e o meu tempo. Às vezes o meu tempo não é o seu e não é o tempo do seu Orixá, nem o tempo de Deus. Mas nos dias de hoje, tá uma mistura.

O SACRIFÍCIO E AS CORES DO SANGUE

Eu não tenho nada contra. Sangue é vida, é energia, já na antiga data, antes de Cristo, existia isso, então hoje eles querem cortar isso, mas antigamente pra poder ter uma boa colheita, se abria um buraco, fazia suas oferendas, fazia seus

sacrifícios, em tudo, para agradecer a Deus, desde o início do mundo. E por que hoje eles querem cortar? Eu não acho que seja pecado ou que seja errado. É vida, sangue é vida! Você tá doente, tá precisando de sangue, quem vai lhe dar vida? É o sangue do irmão, o sangue do amigo. Eu tô fazendo uma comparação, é energia, é vida. É uma troca. Eu sempre vejo essas coisas como uma troca de energia. Antes, no início, eu entrei muito em nóia com isso, porque eu achava que não tinha necessidade, mas tem sim. Isso já é uma coisa que vem de lá. Essa hierarquia, não vai acabar. Não adianta querer que tirem isso da gente que vira uma guerra. Vai ser uma guerra. Já tá havendo uma guerra, pela questão de tudo.

Tem certos lugares aí que fecharam até as granjas, as casas que vendem, proibiram terminantemente esses lugares aí, mas não adianta, sem ejé e sem folha não existe fundamento. O fundamento vem no ejé, existem três tipos de ejé. Ejé é sangue. Tem o sangue branco, o sangue verde e o sangue vermelho. São as três naturezas que nós trabalhamos. Então as pessoas não podem tirar isso da gente. Ninguém vai fazer uma matança pra fazer mal a ninguém. Estamos fazendo uma troca de energia. Digamos que você tá doente, que você precisa tirar um ebó. Qual é o melhor? É você evitar essa doença, passar a doença para o frango ou para o galo, para a galinha, para o bicho ou você continuar doente? Se tiver que escolher entre você e um galo, escolhe o quê pra ter vida? E você lembra quem foi Abraão? Ele sempre teve um tabernáculo pra fazer sacrifício de carneiros, Deus colocou ele em teste. Pediu o único filho que ele tinha como prova e ele ia fazer o sacrifício. Foi colocada em teste a fé dele. Doeu nele. É história bíblica, é do Velho Testamento, mas doeu nele. Mas a fé tão convicta a Deus, foi lá e colocou o filho dele. Deus sentou com ele e na

hora o anjo Gabriel falou: “não, sua fé foi testada. Vai lá meu filho”. Abraçou o filho dele e foi seguir a vida. Sempre existiu o sacrifício, pra tudo na vida existiu o sacrifício.

A fotossíntese da planta é verde, é um sangue só que é verde. O banho que você faz, a energia que você coloca, porque até pra você pegar numa folha, depende do que você vai fazer, tem os horários, tem folha que tem que ser tirada de madrugada, tem folha que tem que ser tirada antes do sol nascer, no raiar, tem folhas que tira à tarde, depende de cada sentido, para cada fundamento, e é vida, folha é vida. O ejé vermelho, que é do galo, o da galinha, o do bode e do guiné, tudo isso é o sangue vermelho que a gente chama. E o branco vem de Oxalá, de Lemba. O obí, que é um fruto africano, é um ejé branco. O milho branco, a água do milho branco, o ebó de Oxalá que é paz, calma, paciência e é a tranquilidade.

A MENSAGEM

Que respeitem o nosso espaço. Já que temos que assumir e não fazemos mal a ninguém, fazemos o bem, estamos aqui pra ajudar, estamos aqui para, de certa maneira, dar caminhos ao próximo a quem precisar, a quem bater na minha porta e tiver ao meu alcance. Eu não vou é bater na porta dos outros nem espalhar panfletos como fazem. Mas dentro da minha casa, se precisar, estou aqui, se tiver ao meu alcance, eu faço.

Respeitem a nossa espiritualidade, porque a gente não condena a religião nenhuma, cada um no seu quadrado. Eu vejo muito por aí. E ser mais humano. É um país laico, estamos num país laico. Mas hoje os governantes, o povo tá querendo que a gente volte para o tempo da escravidão, arrebatando

os terreiros, matando, acabando com pai de santo, batendo nos zeladores, nos babalorixás. Por quê? Eles têm medo do quê na verdade? Por que em Brasília, dentro dos políticos, não existe um pai de santo? Agora mesmo em Salvador não candidataram nenhuma pessoa que viesse do Axé pra representar a gente? Tô dizendo lá em Salvador, imagine aqui em Bonfim que um pai de santo foi candidato e teve poucos votos. Por que esse povo não se une? Governadores, senadores, deputado federal, estadual e até presidente.

A gente não quer nada, a gente quer paz. Só que eles nos colocam no canto e nós mesmos estamos fazendo isso. No dia que todo mundo do Axé se unir, e vou dizer: são muitos, não é pouco, talvez a metade da população é do Axé, mas não abraçam, não levantam a sua bandeira. Porque se eu tô levando minha bandeira, eu posso não gostar de você, pouco me importa, mas a bandeira que você levanta é a mesma que a minha. Estamos aqui pra saudar, pra louvar, estamos aqui para os nossos encantados, pra nossa energia. O importante é isso. Você é do Axé, eu também sou, vamos lá, vamos levantar a bandeira nós dois.

O importante é você buscar sua ancestralidade, é você está ali lutando por ela e ter o direito que lhe cabe. Tem que existir o respeito. Respeito em tudo na vida. Você tá vendo aí como é que tá a homofobia. Cada um já nasce predestinado, cada um já tem a sua orientação. Eu vejo desse jeito. Você já vem com a sua orientação sexual. E vem aflorar logo ou mais tarde. Mesma coisa é a orientação espiritual, você já vem com ela, predestinado. Já vem com sua orientação espiritual.

Você já traz a sua orientação que seja espiritual ou até sexual. E o povo não sabe respeitar isso. E digo isso até para os evangélicos, que leiam os dez mandamentos. Não precisa ler

Gênesis, Apocalipse... eu conheço, eu fui evangélico. Leia só os dez mandamentos. Siga os dez mandamentos que todo mundo vai tá em paz. Não julgue para não ser julgado. Deixe que Deus julgue, se eu tiver fazendo errado, ninguém tem nada a ver com isso, eu tenho que prestar contas a Ele. Então pronto! E por que esse povo tá brigando à toa? Por nada. Enquanto estão criando essa situação, os governantes seguem negligenciando estrutura básica de sobrevivência da população!

UMA NASCENTE NO TERREIRO

Tenho aqui uma nascente que não sangra. Essa água é aonde fazemos o Ossé de todos eles e colocamos água nas quartinhas. Não se usa água de torneira aqui para nenhum santo. Mandeí escavar e deu aqui esta minação, essa água minando. Eu comprei duas manilhas, aí vim tirando o barro, depois vim com areia lavada, pus areia lavada com brita nº 1, depois fiz o babado do poço e pronto! Tá aí. Agora não sangra. Mesmo com chuva ele só chega até aqui onde tá essa marca. Faça sol ou faça chuva. Nunca seca. Aí quando você vai tirando, ele vai e volta pro mesmo lugar.

O CALENDÁRIO DAS OBRIGAÇÕES E FESTAS

Para Ogum é em junho. Eu sempre dou em junho, dia 13, quando não é no início. Com os trabalhos da decoração junina eu fico preso, peço agô a ele, peço que tenha paciência, aí quando termina o São João já é no final do mês. Às vezes eu dou em julho, mas ele entende, aí eu digo: “Oh! Papai, o

senhor sabe que eu não nego, agora eu tenho que trabalhar também.” Aí pronto, dou em julho. Quando é de outubro para novembro eu faço a de caboclo. Esse ano tá atrasado com umas coisinhas porque eu ia dar no início, mas agora não vou dar. Dia 14 era pra ser a festa deles, dos caboclos da casa, de Boiadeiro. Mas aí com a morte de uma filha de santo e essas reformas vou ver agora, tô esperando aqui. A festa do boiadeiro talvez seja de 15 em diante de novembro ou se eu faço em dezembro. Porque depois vem Exu que eu sempre dou no final do mês. Camarada sabe que a festa dele é sempre no final do mês. Sempre ali dia 27, 28 de novembro, é a festa esperada do povo daqui da cidade. Com muitos comes e bebes e muita alegria!

TERREIRO CENTRO¹ DE OGUM DE MÃE TEREZINHA



Figura 8: Mãe Terezinha (RODRIGO SANTOS, 2018)

UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO

Passei por coisas muito marcantes na minha vida, como estou lhe contando essas Histórias eu nunca tive a oportunidade de contar a ninguém, ninguém sabe disso. Estou nesse terreiro faz mais de 24 anos (risos). Comecei a jogar cartas e após três anos, eu confirmei a minha corrente toda de Orixá, todo ano tem a festa dos Orixás, todo ano. Santo feito mesmo

1 Travessa Rita Lu Góes, número 45, Mutirão, Senhor do Bonfim/BA.

vai fazer 22 anos, agora esse ano de 2018. Tempo bom, tempo de sofrimento, tempo de alegria... tudo Tempo. Agora vamos ter o tempo das bondades, das coisas boas, mas é muita luta, muita, muita! Eu não estou acrescentando palavras, eu estou falando a verdade, em nome de Deus e de meus Orixás. Amo demais. Eu tenho prazer em fazer um prato para Iansã, para Exú, para os Erês, para Ossain... Eu tenho aquele amor porque eu sei o significado do Orixá para mim.

Cartografia - Ana Terezinha Batista (Mãe Terezinha), com 47 anos de idade, relata que seu terreiro é de Umbanda expondo que:

A Umbanda trabalha de uma forma, o Candomblé trabalha de outra. Diferencial até nas roupas, nas vestimentas, nas contas. Cada Orixá tem o seu Caboclo. O Orixá é o dono do Terreiro e tem aquele Caboclo que comanda o Terreiro. Tem, por exemplo, o Caboclo Boiadeiro, o Caboclo Sultão das Matas, Juremeira... Vários. Vários Caboclos. E o Orixá é aquela força maior que tem em um Terreiro, por exemplo, Ogum, o Senhor dos Caminhos, ele é o dono do Terreiro, o Caboclo é aquele que vem para trabalhar junto com o Orixá porque o Orixá vem e dá permissão para que o Caboclo possa trabalhar num Terreiro.

Cartografia - Para Mãe Terezinha as energias dos Caboclos e Orixás:

Funcionam diferentes porque na Umbanda Orixá e caboclo trabalham juntos, no Candomblé é diferente, Orixá trabalha separado de Caboclo. Tem a festa do Orixá e a festa do Caboclo, separados. E na Umbanda você trabalha junto. Se vão cortar para Orixá corta para Orixá junto com Caboclo, primeiro os Orixás depois os Caboclos. No Candomblé não pode.

Eles cortam primeiro pra os Orixás e com o passar do tempo, meses, corta para o Caboclo.

Cartografia - Relata suas festas e detalha a festa para a Cigana Esmeralda:

Olhe, nós iniciamos em janeiro com a festa da Cigana Esmeralda, que é a de hoje². Ela acontece todo mês de janeiro. Aí provavelmente em setembro vem a festa do Orixá da casa, Ogum. Depois da festa de Ogum vem o caruru dos Erês e em dezembro a gente faz uma pequena homenagem a Iansã.

Eu tenho sangue cigano. Vem de família, o meu avô era cigano pela parte da minha mãe, e essa Cigana eu trouxe de nascença. Com o passar do tempo, na Umbanda, eles descobriram essa Cigana e falaram para mim que com o tempo eu ia ter que zelar dela inclusive jogar cartas. Com o passar do tempo aconteceu tudo isso e é por isso que essa festa é separada! Porque essa festa é em homenagem aos espíritos ciganos e à Cigana Esmeralda. É diferente do Candomblé e da Umbanda porque no mês de janeiro, dia 06 de janeiro é dia de Reis, é dia da Cigana. E essa Cigana é assim Muito importante para mim, é a dona do meu jogo de cartas. Esmeralda é a minha companheira de trabalho. Ela é quem comanda o meu jogo de cartas e todo mês de janeiro eu faço essa homenagem a ela. E a todo o povo cigano.

Cartografia - Para o seu provimento econômico Mãe Tereziinha revela que atende com a Cigana Esmeralda e que:

Também tenho uma Cigana pela esquerda que é a Pomba Gira, Cigana Maria Balaio, essa é uma Cigana da esquerda

2 A entrevista com Mãe Tereziinha foi realizada no dia 21 de janeiro de 2018 logo após a festa.

que também faz parte do meu jogo. Elas comandam, são elas duas. Agora a da frente é Esmeralda. Atendo aqui mesmo, no meu terreiro, no meu endereço, há 24 anos. Fez agora em janeiro 24 anos! 24 anos que jogo carta, que jogo Tarô.

Eu trabalho fora, outras atividades, eu cozinho, eu trabalho de atendente de bar quando tem festa no Campo Clube aqui em Bonfim. Trabalhei muito no trabalho de cozinheira com comida baiana. De vez em quando me agilizo. Eu não dependo só das cartas, eu trabalho no que Deus e os Orixás trazem para mim.

Cartografia - A Yalorixá Terezinha descreve como foi que começou o seu envolvimento com a Umbanda e o Candomblé:

Eu comecei aos 16 anos de idade. Eu tinha visões bonitas. Sempre vinha uma cigana lendo a minha mão, inclusive ela fazia previsões - eu não gosto de falar porque me dá vontade de chorar. Ela fazia previsões, ela dizia o que acontecia, ela lia minha mão, vinha várias vezes no meu sonho, só que nesse tempo eu não entendia nada. E também os Orixás me davam visões, me mostravam as coisas. Eu conversando com umas pessoas mais entendidas elas disseram para mim que com o tempo eu tinha que cuidar. Aí então a mediunidade começou a desenvolver e eu comecei a receber entidades da esquerda, que foi Dona Maria Padilha, a minha Exua. Eu comecei a receber e com o passar do tempo eu fui me cuidar numa casa de Umbanda. Me cuidei nesse terreiro e depois que eu me cuidei eu recebi os Orixás. O primeiro Orixá que recebi foi Ogum, e aí, conseqüentemente, os outros porque eu tenho a aldeia toda de Orixá na minha corrente.

Eu sou um Abikum. Aquela pessoa que vem feita no Santo de nascença. Não precisa raspar não. Já nasce pronta

para trabalhar. A gente só faz aquela preparação numa casa de Umbanda ou no Candomblé para seguir seu caminho.

Cartografia - Quanto à iniciação, descreve Mãe Terezinha:

A minha preparação foi feita numa casa de Umbanda, na casa do Pai Pedro Gracindo Dias e da Mãe Dina, foram os dois que cuidaram dos meus Orixás. Convivi 18 anos na casa deles, mas eu tinha que seguir meu caminho e com o tempo ele não queria deixar, não queria soltar minhas correntes, mas ninguém é mais que Deus e que o Orixá. Houve um desentendimento e eu me afastei, aí eu tive que seguir meu caminho. Eu já estava pronta. Não tinha mais obrigação a cumprir lá dentro. Todas as obrigações de uma Umbanda eu já tinha feito na casa dele, não tinha mais o que fazer. Aí me afastei, abri minha casa. Eu frequentava lá, mas eu já trabalhava aqui na minha, eu já jogava meu tarô, já fazia alguns trabalhos espirituais, eu já estava preparada. Me afastei dele, me afastei de lá e vim cuidar da minha casa e dos meus Orixás dentro da minha casa. Foi quando eu passei a ser mãe, tenho meus filhos, tenho a minha casa.

FILHOS E FILHAS DE SANTO

Cartografia - Durante a conversa, sobre seus filhos de santo e a estrutura de seu terreiro afirma ter entre dez a doze, sendo que:

A maioria é de fora, são poucos os daqui. Tem aqueles que inicia e depois não fica. Tem sempre esses problemas. Tenho um Ogã, ele é meu braço direito para tudo; tenho uma Ekedí; e tenho aqueles médiuns mais fortes, alguns filhos de santo que

são preparados, que participam dos nosso rituais; tem aqueles que ajudam a transportar, tem os que ajudam a fazer os trabalhos. O meu Ogã, ele é pau para tudo, muito maravilhoso, um coração maravilhoso, um filho eu acho que já tem mais de 20 anos. Meu Ogã é o professor José Neto Morgado, meu Terreiro é minha vida. Eu amo ele como um filho de sangue.

Cartografia - Sobre sua Ekedí:

É Viviane Sampaio. Ela é quem cuida das coisas, organização, cuida dos pratos dos Orixás, ajuda, ajeita, faz a decoração, faz tudo... Faz a roupa, toma conta do Orixá, da Cigana quando vem e acompanha também sempre quando pode, nos trabalhos no mato, na estrada.

Cartografia - Pensando também o lado dos seus filhos de santo pondera que:

Eles são muito ocupados também, trabalham. A gente sempre procura um horário vago que dê para todo mundo.

Cartografia - Sobre iniciar ou não alguém na religião, Mãe Terezinha, pondera que deva-se ter alguns cuidados, esclarecendo:

Tem uma que está querendo fazer uma preparação mas eu tô vendo se ela vai ter capacidade de assumir o que ela quer. Eu não inicio no meu Terreiro filhos de santo que eu vejo que não vai continuar porque a gente tem uma certa visão, a gente sabe quem fica e quem sai. E muitas vezes uma pessoa vem e quer iniciar um Orixá por boniteza, por achar “eu quero aquilo e eu quero fazer”. Não é o Candomblé, a Umbanda não é assim. Você tem que ter amor pelo que você vai fazer, se você não tiver amor nada dá certo. É o tipo de

batalha e de luta do Candomblé que a gente fala é ter aquela responsabilidade de um terreiro, é o que a gente passa de discriminação mas vem aquela luta do dia-a-dia que é você levantar duas horas, três horas, quatro horas, meia noite pra cultuar os Orixás, para fazer trabalhos, para estar se preocupando com um filho que está lá no mundo, e tudo isso é luta, minha filha. Você levantar, sair quatro, cinco horas da manhã, arriar trabalhos na mata, oferendas aos Orixás, ir meia noite para uma encruzilhada... Tudo isso é uma luta. Então para entrar no Candomblé você tem que pensar em tudo isso antes, entrar no Candomblé é viver para os Orixás, com moderação. Cada coisa na sua hora, no seu tempo. A gente também tem que ter as horas de lazer, de descanso. E é luta, levantar todos os dias, lavar um quarto de Orixá, encher quartinha, fazer um trabalho, fazer uma oferenda. É luta, é luta mesmo e com fé em Deus um dia a gente só vai ver vitória, vitória, vitória!

ORIXÁS E CABOCLOS

Cartografia - Perguntamos quais são os Orixás ou Caboclos de cabeça dela e em estado de graça, responde:

Meu filho é uma aldeia toda (risos). Meu ajuntó, eu sou filha de Ogum com Iansã, de ajuntó com Yemanjá cruzada atrás com Oxóssi. É! E entre meus caboclos aqui quem reina é Caboclo Boiadeiro e Sultão das Matas. E tem também o Martin Mangolá, o Marujo que já pertence mais a parte das águas. Tenho eles aqui também na minha corrente.

Cartografia - Entre as forças cultuadas no seu terreiro diz que também reverencia Ossain:

Senhor das folhas... Eu tenho uma quartinha dele, inclusive eu tenho que fazer um assentamentozinho dele aí no meio dessas plantas que Ossain é das matas. Eu vou fazer o assentamento. Tenho no meu terreiro Ele. É o dono das folhas, das ervas, da cura, quem nos dá a permissão para que a gente entre numa mata, para você pegar uma folha você tem que pedir licença a Ele.

Cartografia - Também afirma que cultua Tempo:

Tempo é um Orixá. Orixá maravilhoso, Ele quem comanda tudo. Que tudo com o Tempo tem seu tempo. Eu cultuo Tempo sim, maravilhoso, Orixá de resposta, que já vem lhe dizendo que tudo tem a hora certa de acontecer.

Cartografia - Afirma que Exú é um Orixá e que também o cultua:

Exú é o mensageiro do jogo de búzios, muitas vezes Ele responde no jogo, ele ajuda a desenvolver na parte de trabalho, de emprego, de cura também. Exú é um Orixá maravilhoso, o povo é quem interpreta mal. Ele está ali bem na entrada da porta, que é o Exú da casa, Seo Exú Tranca Rua, na entrada no portão e o meu quarto de Exú fica lá atrás que tem outros Exús, tem Exú Tranca Rua, tem Maria Padilha, tem Pomba Gira, tem Sete Saia... Que são também os Exús dos meus filhos de santo mas Ele é o primeiro que você encontra quando você bate aqui nesse portão. É o guardião.

ASSENTAMENTOS

Cartografia - Algo que sugere a ligação da sua ancestralidade e seu terreiro é a noção de “assentamento”. No campo do

sagrado, dos mistérios dessa religião, há fundamentos para estabelecer a vinculação do terreiro, da mãe de santo, com as forças espirituais a qual estão vinculados. Sobre isso, pondera:

Tenho sim. Tenho Martin e Marujo assentados. Só meu pai Boiadeiro, meu Caboclo, que disse que não quer ser assentado aqui. Ele disse que esse lugar aqui não é para ele não (risos), ele disse que o quarto dele vai ser na minha próxima morada. Já tive essa visão. Ele me disse que não quer aqui.

ATENDIMENTO

Cartografia - Mãe Terezinha nos diz que atende as pessoas no próprio terreiro fazendo usos de vários canais mediúnicos:

O atendimento vem pelas cartas, búzios que fica ali escondidinho mas de vez em quando vem aquele ponto da intuição... Muitas vezes você recebe mensagem dos orixás sem precisar jogar um búzio e sem precisar abrir o baralho.

PRECONCEITO

Sim. Aqui nessa rua eu fui acusada pelo meliante cidadão, que tinha se separado da mulher, disse que fui eu quem fiz magia. Ele não veio até a mim porque Deus e os Orixás não deixaram. Me chamou de macumbeira, que eu ia morrer, que eu ia descer sob terra, que eu ia para sepultura, falou barbaridades. Eu não dei resposta nenhuma nem revidei com ignorância. Eu só entreguei a Deus, aos meus Orixás e aos meus Exús, entreguei a Tempo. Tempo passou, Tempo mostrou a verdade a ele e depois ele veio pedir desculpa. Ele veio me pedir perdão quan-

do ele teve toda a verdade esclarecida pelo Senhor Tempo.

PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS NOS TERREIROS

Algumas crianças participam do meu terreiro. Algumas chegaram aqui no Terreiro porque estavam com problemas, tiveram de ser cuidadas, são crianças já com a mediunidade aflorada. Teve uma criança que teve uma incorporação, uma irradiação muito forte de Cosme e Damião e Iemanjá. A mãe levou para o Centro espírita, levou para tudo quanto foi lugar e não deu jeito. Chegou aqui no meu Terreiro e eu cuidei da menina, ela melhorou, desenvolveu, cresceu, hoje ela está bem, a mãe todo ano dá o caruru dela.

Cartografia - Ainda falando sobre a participação de crianças nos Terreiros, pondera:

Olha, eu não sou contra porque tem mediunidade que começa dos quatro anos de idade, agora você tem que saber cuidar de uma criança no Terreiro, e a criança ela não pode participar de todos os rituais, tem que ter limite do que ela pode participar, porque, de certa forma, o Terreiro já tem muitas crianças que são os Erês né? Então a gente tem que ver até aonde uma criança tem a permissão de participar de trabalhos. Meu ponto de vista relacionado as crianças é esse. Sobre criança no Terreiro, não é você fazer um trabalho para Exú e ter uma criança presente, isso não é legal. Ela vai, no tempo certo, poder ver, entendeu? Mas no tempo certo. Na minha opinião eu acho isso.

UM LIVRAMENTO

(Risos) Bom! Eu de início achei estranho mas com o passar do conhecimento dos Orixás e do Candomblé eu criei aquele amor, eu fui muito abençoada pelo meu Pai Oxóssi. Teve uma etapa, um tempo, eu nem gosto de falar nisso porque me dá vontade de chorar, tem muito tempo que eu já amava meus Orixás e a partir desse tempo eu amei demais. Porque teve uma etapa de tempo que fizeram um trabalho de magia para mim, muito pesado para me matar, e isso aconteceu meia noite para duas horas da manhã. Quando mandaram o Exú para mim eu tava dormindo, do meu lado estava meu marido, minha filha estava no outro quarto só que eu dormindo incorporei Oxóssi e meu Pai Oxóssi deu quatro gritos na minha casa e disse: “Fizeram um trabalho para lhe matar. Levante!” Eu incorporada com Oxóssi levantei e Ele ainda me disse que desfez tudo. Era um trabalho feito com Vudú. Meu Pai Oxóssi rasgou. E ainda virou para o meu marido a época e disse “Levante porque esse trabalho lhe irradiou. Eu fiz tudo aquilo com a mediunidade que você estava sonhando, mas que você estava vendo porque tinha que ficar na sua mente” e ainda protegeu a minha filha. Foi uma força muito grande da minha filha junto comigo e meu Pai Oxóssi desmanchou tudo. Por esse livramento de meu Pai Oxóssi é que eu amo muito mais meus Orixás. Bênção e graça, amigo, eu não boto o meu joelho no chão em vão não, eu boto para agradecer a Deus e louvar meus Orixás. Porque já tenho visto muita coisa que meus Orixás me livraram, a minha família, meus filhos de santo. Eu sou grata a meu Pai Oxóssi por esse livramento. Então, quando você tem uma resposta dessa você tem que amar muito mais o que você tem. Foram coisas assim terríveis... Muitos inimigos meus abriram a boca para dizer essa bárbara palavra: “O que diabo aquela mulher tem que

ninguém bate, ninguém derruba?” Mas eu tenho Deus e meus Orixás, meus Exús e meu Tempo que dá a resposta a cada um. Já está dando. Muitos desses que falaram isso já chegaram aqui nesse Terreiro pedindo uma reza, pedindo socorro. É a resposta do Tempo, é a resposta do Tempo. Tudo você tem que esperar.

RECONHECIDA COMO MÃE DE SANTO

Tem coisa que a gente é impaciente mas tem coisa que o Orixá lhe acalma, principalmente minha Mãe Iemanjá. Meu ajuntó é muito quente que vem de Ogum com Iansã mas aí já tem Iemanjá para me acalmar, minha Mãe, a mão dela me acalmando... Tem dias que me sinto muito agoniada dentro de casa quando acendo uma velinha azul para Iemanjá a vida torna serena, aquela paz. A gente passa muito preconceito, muita batalha mas no final tudo dá certo. Para eu chegar a uma festa dessa como cheguei, eu já venho trabalhando há tempos e meu maior cuidado tem que ser com os inimigos, porque se você não tiver cuidado eles ficam mandando uma coisa para atrapalhar, para que não aconteça. A gente tem que lutar mesmo mas como dizem que filho de Ogum nunca vive sem batalha... (risos). Olha! Eu aqui na batalha. É bonita a minha história mas tem umas partes penosas, mas aí essas palavras são verdadeiras, a gente não pode provar porque é coisa dos Orixás, das visões e vou tocando meu barco meu filho, assim devagar, aos poucos, graças a Deus, meu Terreiro é reconhecido, registrado na Federação (Fenacab), que aqui em Bomfim tem o Pai Cleiton como representante, Babalorixá Cleiton Logun Edé, ele é o representante, o coordenador da Federação, ele foi quem fez meu registro, me reconheceu

como Mãe de Santo, como uma Yalorixá, fez a minha documentação toda. Na época eu procurei ele, como coordenador passei a minha história toda, levei foto, mostrei tudo, eu gosto é da verdade. Mostrei tudo, aí ele falou para mim: “Minha filha você já é uma Yalorixá.

UMA MENSAGEM

Eu quero que Deus, primeiramente, e os Orixás, abençoem os caminhos de todos e que meu Pai Ogum dê bons caminhos na profissão de vocês e que olhem pela gente que somos discriminados porque é muita luta. Muita, muita, muita! Eu espero que amanhã o Candomblé seja bem visto. A Umbanda, a Angola o Ketu... Seja qual fora nação. Eu espero em Deus e nos Orixás que um dia a gente ainda vai ter a felicidade de dizer “Eu sou do candomblé”. Com fé em Deus, que a Cigana Esmeralda, o Povo Cigano, abençoe vocês nessa jornada, nessa caminhada, que seja de muito sucesso, de muitas vitórias!

PAI CRISTIANO - TERREIRO ILÊ AXÉ OJU OXUM OPARÁ



Figura 9: Pai Cristiano (ROBSON MARQUES, 2017)

O FILHO DE OXUM E OXÓSSI

Meu nome é Cristiano Santana da Silva, conhecido como Pai Cris. Tenho 40 anos. Tenho 16 anos de casa aberta,

mas tô com 24 anos de santo, que me iniciei no Orixá (raspei no santo) pelo Tatá Estefânio Gonçalves, de Oxossi, na época o terreiro dele era situado no Rodovia Lomanto Junior, chamada Roça Kailô Kelokê. Recebi Deka com nove anos de iniciado no Orixá. Hoje meu Ilê Axé é situado a Rua A, Caminho A, n. 15, Casas Populares, Senhor do Bonfim, Bahia, o qual se chama Ilê Axé Oju Oxum Opará. Já estamos mudando o Axé, indo para uma Roça que fica no Distrito de Quicé, na estrada da Raposa, cerca de 17 km daqui.

A minha mãe biológica é mediúnica. Ela é ligada à seção espírita. Mas ela também roda de caboclo; ela recebe um caboclo chamado Tucumã, que é raro Ele vim em terra no Ori (cabeça dela), raríssimo!

Quando eu comecei a ter sintomas da manifestação de Santo eu tinha apenas 7 anos de idade. Comecei a ter as primeiras manifestações, sintomas que eu tinha orixá. Minha família não aceitava por motivo de serem católicos, muitos eram ligados à seção espírita. Não queriam que eu fosse de candomblé. Mas já estava marcado no meu destino, porque tempos depois eu passei mal. Aconteceram muitas coisas que chegaram ao ponto de me levarem nos braços para a casa de Candomblé a qual me iniciei. Aí, de lá pra cá, veio minha caminhada dentro do Candomblé, fui desenvolvendo, desenvolvendo, até os dias de hoje.

Sem quê nem para quê, eu levei uma chimba sem saber o porque que eu estava levando aquela surra do Santo. Acho que por minha família mesmo. A chimba vinha de um catiço³ chamado Padilha. Ela começou a cobrar, começou fazer alguns cortes em meu corpo, entendeu? E nisso aí, que nos

3 Entidade com semelhanças aos escravos dos Orixás, ou seja, Exus.

assustou muito, até que eu fui levado nos braços dos outros para um Terreiro de Candomblé. Até porque, também, eu não queria raspar santo, pois eu não sabia o que era aquilo, na época. Eu não queria ser raspado, iniciado, porque eu tinha um certo receio e medo desse tipo de culto, sobretudo da raspagem. Aí, por esse motivo, fui levado e não teve jeito.

Eu sou filho de Oxum com meu pai Oxossi. Eu me iniciei, como eu já falei anteriormente, na casa de Pai Estefânio Gonçalves, de Oxossi. Lá a nação é de Angola. Com o passar do tempo, por motivo de algumas coisas que aconteceram, tomei obrigação com outro zelador, nas águas de Ketu, em São Francisco do Conde, com o Pai Alex de Kabila.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Aqui nesta Roça cultuamos candomblé. Candomblé pra mim é o culto africano que passou de geração para geração. É o culto às forças líderes da natureza, conhecido por nós praticantes como Orixás, inkisi ou voduns. E a Umbanda é um culto que nasceu no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Ela não é um culto africano em si. É tanto que tem a origem dela, onde ela nasceu aqui no Brasil.

ORIXÁ, CABOCLO INKISI

Os Orixás são santos de origem nigeriana do Povo Yorubá. Inkisi são santos de nação Banto, que é Angola. E o caboclo, são espíritos de índio, vaqueiros que são daqui do Brasil, onde eles nasceram e partiram para o outro mundo

tendo a permissão dada por Olorum (Deus) para retornarem ao mundo “Aiê” para cumprirem a sua ordem, são forças do Brasil.

Como você sabe o Caboclo corre no sangue do povo brasileiro, né!? A gente já tem eles no sague. Não tem para onde correr. Nós não somos africanos. Não adianta a pessoa dizer, bater nos peitos e dizer, de norte a sul, de leste a oeste: “Eu sou ketu puro ”; ou: “Eu sou Jeje puro; eu sou Angola puro!”. Não existe isso, porque nós carregamos o caboclo no sangue; o caboclo está a todo momento nas nossas vidas.

E vejo porque assim existe a máscara, não de todos os Babás, Yás, tatetos, mametos, daomé e dotés, não! Não querendo ofender ninguém porque muitos também escondem a verdade. É como eu digo: “sou ketu puro, não rodo com isso, não rodo com aquilo”. Mas se você se aprofundar naquela casa, você vai ver que lá, aquele pai de santo ou aquela mãe de santo, roda com o catiço, roda com a pomba-gira, roda com um caboclo, etc. Então não podem ser criticados, são ventos. São ventos que vêm. A gente não se domina. E candomblé é isso, não somos africanos. Não somos. Na África sim, lá não roda caboclo, lá não roda pomba-gira; lá não cultua 16 orixás numa só localidade. Nós cultuamos 16 ou mais orixás dentro de uma só localidade, né?! E temos os nossos ventos: um caboclo, uma pomba-gira, um Zé Pilintra. Já vem no sangue e do próprio Brasil essas coisas. Agora quem já vem trazendo a herança, que vem de geração a geração africana, tipo as casas de matrizes, aí sim são diferentes. Nossa casa matrizes cultuam diferentes das demais, nossa criação daqui tem muita diferença, não adianta esconder.

TEMPO - IROKO

Iroko é orixá, um vudum, cultuado no Jeje Mahy e também no Ketu, Tempo ou Kitembu e inkisi de Angola. Força do clima, da chuva, do sol, tempo bom, tempo ruim. Ele é isso! E o movimento, e a transformação, é a alegria do planeta como também pode ser a tristeza, a todo momento. Ele tá fazendo parte da gente agora.

Aqui, a gente, por motivo de eu ter uma casa de Angola, nós cultuamos Tempo (Kitembu), mas assim que o Axé for mudado, vai ser plantado a árvore sagrada de Iroko, porque aqui não tem espaço.

Tempo é Tempo. Sincretizando com São Lourenço. Mas sabemos que não tem nada a ver! Tempo é Tempo, e pronto!

EXÚ

Exu pra mim é caminho. Exu pra mim é vida, Exu pra mim é a alegria, é a tristeza, é o sexo desenfreado, é o momento que a gente está e o momento amoroso. E o momento doloroso é a gula, é a fome e a fartura, é o hoje, é o amanhã, e o ontem. Exu é a união e a entrega, ou seja, a discórdia e a concórdia, Exu é a transformação de tudo, Exu para mim é isso. Ele fala todas as línguas.

CARGOS NA CASA E FILHOS DE SANTO

Eu tenho em minha casa de Axé a Ekedí Naziane de Oxum Ipondá, Ekedí Sônia Meneli de Xangô, foi confirmado

um Babá Efun, temos a Ebomi e Yalaxé Auristela de Oyá Bogan e tem Ogãs suspensos que é Rafael, Sorlando Junior, etc. Tem também alguns Yawôs: Simone de Oxossi, Rosângela de Yemajá, Valdiva de Obaluaê que foi iniciada por mim para ser entregue a Simone de Oxossi quando ela tomar Deká. José Messias de Xangô e os Abiãs.

FESTIVIDADES

Aqui acontece a festa de Exu Maria Padilha. Essa festa dela não tem data marcada ou dia especificado, fazemos a Feijoada de Ogum no dia 13 de junho, fazemos o Olubajé em agosto, fazemos em setembro ou outubro o caruru do Ibejis. Como a gente está mudando o Axé daqui para um espaço maior, lá acontecerá as Águas de Oxalá em janeiro, o presente das Águas em fevereiro com a festa de Marujo, acontecerá a Fogueira de Airá no dia 29 de junho, a Festa de Oxum em julho e a Festa do Caboclo no mesmo mês, só não na mesma data, e as obrigações de cada filho que são iniciados nesse Axé.

SACRIFÍCIOS DE ANIMAIS

Tem que ver tanto dentro quanto fora dos terreiros. Porque existem os matadouros que matam os animais de forma agressiva e vai servir de alimento, mas matam de forma agressiva. No candomblé também vai servir de alimento. Vai servir de alimento pra gente da religião. Porque aquele animal que a gente usa ele é rezado. Ele é rezado, ele é passado por alguns rituais antes de ser sacrificado, são segredos que quem é do

candomblé sabe, até chegar aos pés do orixá pra ser sacrificado. E não é com agressão, mas com muito respeito. Isso tem que existir, tem que ter. Sem o animal como é que vai existir o axé, a vida da coisa? Tem que ter. Se eles tentarem tirar do candomblé, eles vão ter que tirar também dos matadouros. Como seria o mundo sem ter carne nos dias de hoje?

PRECONCEITO

Aqui dentro de Senhor do Bonfim, a casa que teve mais perseguição foi essa daqui. Em todos os sentidos. Porque o povo que morava ao meu redor, na época, que começou os candomblés aqui, eles não gostavam da minha religião. Chegou a ponto de tocarem fogo na minha casa de Axé que era coberta de palhas, no dia da festa do Erê (Ibeji). E isso acabou com tudo que eu tinha no terreiro. Todos os babalorixás, yalorixás, pais de santo daqui de Senhor do Bonfim, sabem disso que aconteceu comigo, mesmo aqueles que não são de santo. Muitas vezes fomos ofendidos em palavras e nunca teve uma autoridade para defender a nossa crença.

Agora, se eu disser que já tive preconceito em questão ao povo da igreja evangélica, que tem aqui em frente, eu vou estar mentindo, pois eles passam aqui e falam comigo quando eu estou na porta. Eles me respeitam e eu respeito eles. Temos uma boa convivência em questão a seguimentos religiosos diferentes.

Minha casa era de chão batido e coberta de palha. Foi assim que começou o candomblé nessa casa. Aí devido ser de palha, as palhas tavam meio secas, por isso

coloquei uma lona pra não molhar, caso chovesse. Eles jogaram um negócio de fogo numa lata e acabou com tudo. As comidas do orixá ficaram cobertas de cinzas do fogo. Nessa época vinha muita gente, aí tomava conta dessa casa aí. Tinha muita gente aqui, corria o risco, até, de ter morte nessa casa. Mas graças a Deus e aos orixás não teve nada mais grave com as pessoas. Isso aconteceu, mas temos aqui ainda né!?

Além dessas questões, tive problemas com a minha própria família. De um tio meu, que hoje é falecido, ele fez ponte de safena já com mais ou menos uns 85 anos de idade, mas ele é mais lúcido do que eu, que ainda e esqueço das coisas, mas ele não esquecia. Quando minha mãe era viva, a qual eu fui criado por uma tia que considero como mãe, então ela ordenou que a casa do santo fosse aqui. Até pra mim não sair de perto dela; ela só tinha eu como filho. Ela não tinha mais filhos. E aí foi onde foi feito, tudo e lá vai, lá vai, sendo que esta casa aqui não tava no nome dela. O irmão dela deu pra ela, mas não assinou em papel nenhum. E se passou anos. Esse povo mais antigo, não liga pra nada. Passou-se os anos, passou-se os anos. Ela veio a ter problemas de saúde, faleceu e aí foi onde ele entrou com a questão do preconceito. Queria a casa de volta. Fui pra justiça, mas perdi na justiça aqui. Ele não cede. Me deu três anos pra ficar aqui nesse terreiro, nessa casa. Mesmo assim, ainda estamos recorrendo, porque o pouco que tem aqui foi eu que construí, com os filhos de santo da casa. Se minha mãe estivesse viva, duvido que ela faria isso comigo, com os orixás.

CRIANÇAS NO CANDOMBLÉ

O futuro do amanhã são as crianças. De criança que se aprende, hoje a gente pegar um adulto não vai aprender como uma criança. Até as juntas do corpo para aprender a dançar uma muzenza, dançar uma coisa e outra, não consegue. E a criança não, ela já vai aprender, ela já vai saber até mais do que a gente mesmo, de acordo à dedicação e o ensinamento. Não sou contra crianças nos nossos terreiros não.

Aqui na minha casa já teve bori de pessoas de menor sim. Até porque teve também autorização dos pais. Eu não sou contra não, quem raspar, quem fizer, tudo tem o porquê que foi feito. Ninguém vai pegar e colocar no quarto do santo por nada, vai?!

ROCINHA DE OXUM

Há mais ou menos quatro aos atrás, lembro que os filhos do Axé me comunicaram que o Caboclo Tupirajara deixou o recado que a partir daquele dia Ele não queria mais festa Dele no Terreiro e sim na Roça a qual estamos mudando o Axé. Até zombei dizendo: como vai fazer festa lá na Roça, se não tem árvore alguma a não ser um pé pequenininho de Jurema? Aí eles disseram que seria neste pé de Jurema que seria a festa Dele. E assim foi, daí para cá, que começamos a mudar aos poucos as coisa e com um ano depois meu pai Tupirajara veio para cá.

Para nós dessa religião, chamada de matriz africana, quem toma as decisões são os Orixás, Inkisi, Voduns, Caboclos, etc. E quando a gente tem alguma ideia temos que consultar as entidades para saber se temos consentimento.

MENSAGEM

Gostaria que todos respeitassem o povo do santo, que fosse ver a realidade do que é o candomblé, pois é a religião mais antiga, até antes de Cristo. Que procurassem respeitar mais o candomblé; nós somos muito desrespeitados por muita gente.

Lembro que quando a gente saí, como um yawô pra fazer a romaria, por exemplo, que a gente passava nas ruas, o povo ficava: “Nossa! Os feiticeiros! Olha os macumbeiros!” Tinha deles até jogava pedras, a gente é que não ligava e passava. Mas isso não pode acontecer! Peço respeito!

TERREIRO DE OXOSSI - EDVALDO DA SILVA (PAI AMOR)



Figura 10: Pai Mor (MARQUES, 2017)

PAI AMOR

Cartografia - Edvaldo da Silva externa, com graciosidade, a razão pela qual é conhecido e chamado por todos de Pai Amor:

Pai Amor é porque dou muito amor às pessoas e dou muito carinho. Eu cuido bem das pessoas, elas chegam na minha casa, eu acolho bem direitinho, boto pra deitar na cama e pode dormir. Tem duas camas, tem o colchão, tem outra

cama alí, pode dormir aqui sossegado. A minha casa é a casa do amor! Candomblé é amor.

Eu trabalho no candomblé já tem uns dez anos. Eu tenho muitas coisas boas porque tudo que eu preciso eu sou valido. Em tudo. Eu rezo para mim, eu rezo para a família e para aqueles amigos e colegas e todos quem vêm para a minha casa.

Eu tinha onze anos de idade quando eu recebi a primeira vez. Desde os onze anos. E a minha primeira Mãe de Santo, que já faleceu, a Sebastiana, foi ela quem fez o meu trabalho, mas demorou um bom tempo para eu receber os guias. Quando eu vim receber, já foi com onze anos pra doze anos de idade. Meu primeiro guia foi Ogum e é o de frente. Depois é o Oxóssi. Eu sofro, sou de Ogum com Oxóssi, já pensou?! (risos).

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Eu acho que é diferente. Porque no candomblé tem gente que trabalha com Ketu, Angola... Nós mesmo só tocamos aqui é na umbanda. Só toca mais umbanda, que tem os caboclos, os pretos velhos, os marujos.

CABOCLO

Caboclo é o índio das matas. A gente faz as oferendas para eles com carneiro e faz as festas nas matas. Como faz na casa, faz nas matas. Com aquele caboclo (aponta para o seu altar), ele do povo das matas!



Figura 11: Caboclo no altar de Pai Mor (MARQUES, 2017)

ORIXÁ

O orixá é um santo que é Oxóssi, que é Ogum, Xangô, Obaluaê. São diferentes dos caboclos, dos índios. São os da África.

TEMPO

Tempo é o que mora na rua, fica na rua, não fica dentro de casa. As pessoas fazem obrigação para ele, fazem corte e entregam para Tempo. Quando a pessoa desejar o mal, ou quiser fazer o mal é preciso que aquele que poderia sofrer vá e entregue a Tempo para Ele (Tempo) destruir tudo.

Tempo é forte! Quando foi para eu começar com minhas coisas, que foi muito cedo, teve um Pai de Santo que

disse que não era pra eu botar nem a bandeira de Tempo dentro de casa. Disse que se eu fosse levantar a bandeira do Tempo, disse que Tempo iria entrar em casa, derrubar a mim e a minha família. E até hoje eu tô aqui dentro. Levantamos a bandeira branca que fica no oitão da casa. Não pode dentro de casa, mas fora pode! Lá pra fora pode. Se alguém colocar Tempo dentro de casa, destrói tudo!

Também tem o quarto de um escravo que é lá pra fora. Só o dos orixás, que fica aqui dentro. Dentro de casa. Agora escravo foi lá pra fora. Minha Mãe de Santo disse que não era pra botar eles dentro de casa. Sendo rastro de Tempo. A bandeira já fica aí no começo da rua, no começo de casa. É o primeiro que vem. E São Lourenço é quem é o padroeiro do Tempo, da bandeira.

EXU E OGUM

Exu pra mim é muito coisa boa. Tudo que eu peço a eles, eles me dão e me ajudam. Se tem uma pessoa doente vem me procurar, eu me pego com a ajuda Deles e faço. Agora eu só faço consulta com Ogum.

CRIANÇAS

Para mim, não devem participar porque são novinhos e não podem ver cruz de sangue, que é perigoso. É perigoso até para o adulto que não é feito ainda. Quem já foi feito em outros terreiros pode entrar e olhar, mas quem não foi... Se receber alguma coisa ruim? Se receber alguma coisa nas cos-

tas? Porque recebe. Quando você entra ali, de cara, tá dentro e sai para fora. Por isso que os guias já pedem que não pode deixar as pessoas saírem. Tem que esperar logo fechar o terreiro para poder despachar as pessoas para ir embora. Aí não pode. Aí se parte para outras coisas como as que são para Exu mesmo, se for para fazer corte: bode, carneiro, essas coisas assim... Agora para Orixás é frango, é carneiro, peru, guiné. Tem coisas que crianças até pode, mas tem outras que não.

AXÉ: A FORÇA DOS ANIMAIS NO CANDOMBLÉ

Agora eu acho que é difícil. Só sei que é difícil. Tem que ter a matança. E tem que ter matança. Se não tiver matança não tem força para eles. Se eles dão forças às pessoas é porque a gente faz, todo ano, matança de animal.

Eles (os guias) dão a força a pessoa quando você derrama aquele sangue daquele bicho ali. O sangue já é para eles se fortalecerem. Através do sacrifício dos animais a dar força a eles para depois receber força também. O sangue dos animais é para eles e as carnes são para as pessoas, para fazer o caruru, para alimentar também o povo que vem de fora. Primeiro alimentamos os Santos, pra depois as pessoas.

A MENSAGEM

Como eu trabalho e tenho minhas coisas, eu acredito. Então eu falo para as pessoas que não acreditam e perguntam como é que dança, perguntam como é que pega o caboco que vão até um terreiro para ver como é que faz o trabalho, faz a

consulta e faz os banhos, pergunto como pode?! Isso existe e é nossa religião!

Como eu não tenho Ogã no meu terreiro, quando tem festa aqui, aí eu arrumo e ajeito os Ogãs que vêm de fora, juntamente com a ajuda da minha Mãe de Santo atual que é Mãe Terezinha aqui da Igara. Já tenho um bom tempo que abri o terreiro, mas eu não lembro agora de cabeça exatamente.

Eu tou na religião, respeito todos, então todos tem que respeitar a gente! Eu não tenho problemas, gosto das pessoas, trato todo mundo bem! Nossa religião é para fazer o bem.

MÃE SIMONE - MAMETO TAWAMIN



Figura 12: Mãe Simone (MARQUES, 2017)

O INÍCIO

Cartografia - Simone de Jesus, conhecida como TAWAMIN, 40 anos, conta como iniciou na religião:

Entrei cedo, já venho trazendo de herança da família. Desde os meus sete anos eu já faço parte do Candomblé. Meu irmão é zelador, minha irmã é zeladora, então a família toda é do Santo e eu vim começando a ter algumas coisas, algumas coisas acontecendo em mim, pra que eu viesse entrar. Nos meus treze anos rodei no Santo com Oxóssi! Depois foi a mi-

nha feitura, fui borisada, passei sete anos no bori, raspei e tô com treze anos de raspada.

O meu Terreiro nem sempre foi aqui (hoje está bem distante do centro da cidade) Atendo lá na minha casa, lá no Alto da Rainha, e comecei lá. Depois de seis anos comprei um terreno aqui, construí e trouxe as festas pra cá. Aí as festas, esse negocio de caruru, tudo tá sendo aqui, mais o atendimento é lá. Eu não jogo cartas, mas jogo búzios, atendo as pessoas e trabalho com o guia. Além disso sou do lar e costuro em casa, lá o povo me vê como costureira.

CANDOMBLÉ OU UMBANDA

A minha nação é de Angola. Sou do Candomblé. E o Candomblé, para mim, é a essência de tudo, porque faz parte da natureza, onde a gente cultua a natureza. O Candomblé é um pouco diferente da Umbanda porque a Umbanda já vem do Brasil e o Candomblé da África, onde todos fazem uma mesma origem. Só que tem gente que cultua o Umbandomblé, mas eu aqui é só nação mesmo, Candomblé Angola.

AS FESTAS E FILHOS DE SANTO

As festas do meu terreiro são: dia 16 de junho a Feijoada de Ogún; 20 de outubro o caruru dos Erês; e 27 de julho a Festa de Caboclo. Até então, tenho dois Filhos de Santo iniciados: tenho um que foi iniciado como Ogã de Oxóssi, e tenho uma Muzenza de Obaluaê, mas tenho outros que não são tão frequentes quanto esses.

ORIXÁ, CABOCLO E NIKISI

O Orixá, para mim, é um espírito da natureza, um vento. E o Orixá também é um Inkisi que são diferentes de Caboclo, porque Caboclo já é um espírito fora a parte, mas que também vem a rodar.

TEMPO

Cultuo Tempo e para mim Ele é tudo. Ele é quem manda e desmanda. O Tempo é essencial, tem que ter, sem o Tempo não tem nada. Uma força elétrica e tudo tem que ser com o Tempo, porque tudo com o Tempo tem tempo.

OSSAYM

Catendê ou Ossain é um Inkisi também da natureza, onde faz parte a medicina, onde cultuamos todas as suas folhas e sem Ossaym não tem Candomblé, é essencial.

EXU

Exú é iniciação, Exú é caminho, Exú é tudo. Sem Exú também não se faz nada, é q'nem Ossaym. Sem Exú não tem nada, é o caminho de tudo.

CRIANÇAS NOS TERREIROS

Cartografia - Quanto a participação de crianças nos terreiros de Candomblé, Mãe Simone emite sua opinião:

É muito bonito, mas pra ser iniciada, pra mim, tem que esperar crescer. Acho é muito bonito nos Terreiros dos outros, mas, pra mim, temos que esperar a criança saber realmente o que é que ela quer. Porque a mente, a natureza da pessoa pode não estar preparada e depois de fazer, iniciar uma criança de cinco, seis ou até menos anos de idade, possa ser que quando ela estiver com dez anos se criança não queira pertencer a religião e ai não dá certo.

No meu terreiro nunca aconteceu de uma criança ser escolhida pelos Orixás ainda. Mas também não sou contra terreiro nenhum que tem crianças iniciadas.

A MENSAGEM

Para os mais novos eu diria que eles deixassem o Orixá escolher as pessoas e não as pessoas escolher o Orixá. Porque Candomblé não é boniteza, Candomblé não é só roupa bonita, festa bonita não. Deixem que o Orixá escolha a pessoa, pra que não venham ter algum transtorno mais tarde.

Povo de Terreiro e religião, pra mim, é a mesma coisa. É uma só coisa. A gente tem que ir a luta sim. O povo de terreiro tem que se juntar. A história do povo de Terreiro tem que estar na história do povo da comunidade. É junto sim, tudo deve fazer parte. A mudança só deve ser ali dentro de algumas coisas, alguns trabalhos, mas a gente é o mesmo sangue sim, é tudo uma união só.

PAI CLEITON DE LOGUNEDÉ



Figura 13: Pai Cleiton (MARQUES, 2017)

AS ORIGENS, ANTEPASSADOS E A INICIAÇÃO

Em Salvador o ketu [terreiro] reina, que nem é os terreiros de onde eu sou, porque hoje eu pertença ao Ilê Axé Opó Afonjá, mas antes eu pertencia à Casa Branca, na verdade, na verdade, eu fui iniciado pelos africanos. É que nem sempre eu falo.

Sou Pai Cleiton de Logunedé. Tenho 40 anos de Idade e 21 de terreiro. Primeiro eu comecei na Umbanda. Com sete anos de idade eu fui iniciado na Umbanda, eu tenho família dentro da Umbanda, tanto aqui como em São Paulo. Mas, dali

o orixá nos resgata. Para quem entende o que é resgate, é o inciar nas terras “laketu”, quando você está dentro daquelas terras ali é você sentir, porque você não tem opção, você sentir que aquele ali vai ser o caminho. Lá o orixá lhe resgata, quando você não busca aquilo. Porque tem muitas vezes que o Candomblé serve de baderna: a pessoa está aqui, acolá, aqui, acolá. Isso não é bom, mas, existe um resgate, no qual eu fui me direcionando.

Esse ano eu estou completando 21 anos de feito no Candomblé. Eu tenho quarenta anos e há vinte um, com sete anos de idade, eu fui iniciado na Umbanda, aqui mesmo em Senhor do Bonfim, e no primeiro momento fui iniciado na Ilha de Itaparica, na casa de Antônio César. Primeiro eu fui com os africanos, daí eu perdi os africanos, da África. Na época que eles estavam no Brasil e me iniciaram, eu fui iniciado babalaô aí eu perdi o contato, eles sumiram, foram embora.

Eu sou daqui, da cidade de Senhor do Bonfim, mas, quando eu fui buscar o Candomblé lá em Salvador, eu vi uma diferença muito grande entre o Candomblé da cidade de São Salvador e a da cidade de Senhor do Bonfim, são totalmente diferentes, mas costumo dizer assim que, cada qual faz o que aprendeu. Eu não posso botar na sua cabeça aquilo que eu não tive na minha cabeça, só posso lhe dar aquilo que eu tenho. E quando eu cheguei na cidade do Senhor do Bonfim, que eu fui feito há vinte um anos lá na cidade de Salvador, eu vi que existia uma diferença entre os toques, os cânticos. E ali eu fui buscando, buscando, buscando... Não para ninguém seguir o meu ritmo, acho que seria, vamos dizer assim, uma fraqueza e falta de conhecimento se eu quisesse que as pessoas fossem iguais a mim. Quando eu cheguei: “Que nação é a sua?” “Ketu.” “E a sua?” “Ketu.” Eu perguntava isso às pes-

soas de Senhor do Bonfim. “Quem lhe raspou?” Respondiam: “Foi fulano de tal.” “Quem? Ele é o quê?” Perguntava. “Angola”, era a resposta. Não existe isso. Se a navalha que passou em minha cabeça é Angola, eu sou angoleiro legítimo, nato. E eu tenho certeza disso.

Eu comecei com sete anos de idade, como eu já lhe disse. Minha família toda teve um chamado espiritual grandioso, como tem um ali que é meu primo de sangue, carnal que é o Dário Aleixo, Nezinho Aleixo, meu tio. As raízes já vem de longe, ele foi um dos primeiros. Quando as pessoas dizem assim: “Maria do Césa”, eu digo: “estão recuando e deixando as raízes pra trás, porque a gente tem que dar valor ao caboclo, a gente tem que dar valor à Umbanda, a gente tem que dar valor a tudo, porque o Nezinho Aleixo foi um dos mais velhos dentro da cidade de Senhor do Bonfim, só que não foi reconhecido porque ele é da Umbanda, mas tinha que ser reconhecido como umbandista.” Não posso recriminar ele porque é da Umbanda, são as mesmas energias, usamos as mesmas armas.

Minha avó era do Candomblé, Maria Aleixo da Silva, baixava um caboclo, ele, José de Aramassé. Tem uma tia minha, faz muito tempo que eu vi, mas ela tem um Exú que baixa; minha mãe que tem um caboclo chamado Boiadeiro de Minas, fora os orixás, eu estou falando dos caboclos. E essa família se estica há muito tempo.

Naquela época existia um padrão dentro dos terreiros de Candomblé, ou seja, para comer caruru você tinha que vestir uma roupinha, toda padronizadinha, as cruzinhas nas costas. Era uma coisa engraçada. E minha mãe me levou. O Dário Aleixo dava assim seu caruru: você tinha que sentar na mesa dele, de sete até nove anos, de primeiro era uma regra. Hoje em dia não, mudou tudo, as coisas vêm mudando, não

sei o porquê. E aí ele disse à minha mãe que eu já fazia parte do terreiro dele: “Celeste! Você traga seu filho para comer na mesa!” Falou isso porque eu passei um problema de saúde quando era novinho. Dizem que no momento do caruru dele, dia vinte e sete de setembro, eu estava sentado na mesa e daí a pouco desmaiei, me melei todo de vatapá, disse que foi aquele negócio todo. Ele disse, então: “Celeste! Tem que iniciar o menino.” E aí eu tomei minha primeira obrigação dentro do Candomblé dele. Mas, não vou mentir. Como eu disse, a vida desanda quando a gente não pisa nas nossas terras, firme. A gente não sente o sabor, a energia da terra. Então eu fui, fiquei até uns catorze, quinze anos, depois fui procurar minhas águas verdadeiras, onde fui iniciado. Mas foi importante para mim esses primeiros passos.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Meu terreiro é Alaketu legítimo. O Candomblé pra mim e pra quem ama orixá é tudo. É o ar que nós respiramos, é a comida que nós comemos, é a nossa fortaleza do dia a dia, é o abraço que a gente sente verdadeiro, vamos dizer que é acolhimento sem olhar a quem, seja por raça, ou aspecto sexual, não importa. Quando eu falo Candomblé é o orixá, ele abraça todos por igual, esse acolhimento só o Candomblé tem pra dar, e o resto eu desconheço.

O Candomblé é totalmente diferente da Umbanda. Cada um usa das armas que tem, mas o Candomblé foi uma das religiões mais antigas, é a religião mais antiga do mundo. No Candomblé tudo tem um porquê. Nós trabalhamos com as energias: água, fogo e ar, e o Candomblé são essas energias,

as quais precisamos todos, cada dia necessitamos delas. Então existe uma diferença grandiosa em relação ao Candomblé com a Umbanda. Hoje eu costumo dizer que a Umbanda tem que fugir da igreja católica, porque ela ainda faz muito a cara da igreja católica. Eu tenho um São Jorge que eu ganhei, mas, eu não costumo dizer para as pessoas que eu cultuo São Jorge, eu cultuo a natureza e os orixás. A Umbanda tem que se resgatar por conta própria, ela tem que ser independente e até agora eu não vi a Umbanda independente, precisa muito que ela seja.

SOBRE A HIERARQUIA NO TERREIRO E OUTROS PARTICIPANTES

Na nação ketu tem vários cargos. Eu fugi muito do Candomblé de raspar as cabeças das pessoas, porque é muito complicado. Eu vejo as pessoas raspando a cabeça de outras e não posso nem dizer que é como animal, pois com animal também tem que ter muita responsabilidade. Principalmente quando se trata de ori. E com ori tem que prestar muita atenção, porque muita gente avacalha com as vidas das pessoas dizendo que sabem e não sabem de nada. Graças a Deus eu tenho aqui ekedi já feita, tenho ogã e tenho outros cargos que foram indicados, mas, ainda não sentaram na cadeira para tomarem seus postos. Hoje eu tenho uma média de quarenta filhos de santo, certos. Todavia, ninguém é dono de ninguém. Sempre oriento às pessoas que, chegou na sua casa, o orixá pediu, raspe! Até porque eu não dava muito valor a esse negócio de raspar, não. Ah! Fique aí num canto. Mas, o orixá me cobrou de uma maneira tão dolorosa, que a gente vai vendo por outro ângulo. Então, raspe, raspe. Se amanhã ele [filho de

santo] for embora, ele quis e a passagem dele foi unicamente para ser raspado e procurar seu destino.

CRIANÇAS NOS TERREIROS

É importantíssima a participação de crianças nos terreiros, e são as crianças que amanhã vão se tornar adultos sem preconceitos. É dever do professor levar para a sala de aula e falar para as crianças que o preconceito não é bom para ninguém, não é bom para pai Cleiton, não é bom para João, nem para Mané, nem para Joaquim. O preconceito é ruim tanto para quem está cometendo, como para quem está sendo vítima, e as crianças, mais do que nunca, são o nosso futuro, e nós precisamos muito que essas crianças entrem para o Candomblé, e conheçam o Candomblé com o olhar do bem, com a boca do bem, com o pensamento do bem, para que nós possamos construir um mundo sem preconceito.

ORIXÁ

Orixá é nossos antepassados, primeiros viventes no Aiê. Orixás são os anjos da nossa guarda, nossas fortalezas. Nós não seríamos ninguém sem os orixás, e ele, com toda certeza guardaria e vigia a gente dia e noite. Com toda certeza, sem sombra de dúvidas eu lhe digo: “nós não daríamos um passo a lugar nenhum se não fosse esse poder, essa força grande chama Orixá!” Orixá é a Natureza e a Natureza é Orixá.

CABOCLO

Um caboclo é totalmente diferente de um orixá. Eu costumo dizer que o caboclo é um espírito. Como por exemplo: uma pessoa que hoje está aqui e amanhã morre, e ela foi uma pessoa guerreira, muito guerreira, enfrentou tudo e ela voltou – que a gente não morre, o Candomblé não acredita em morte de jeito nenhum –, e ela voltou no corpo de uma pessoa, dizendo o nome dela como um caboclo ou como uma cabocla. Então, é totalmente diferente a energia do caboclo em relação à energia do orixá.

TEMPO

Eu cultuo o Tempo [orixá] dentro da minha casa, por minha mãe. Minha Menininha do Gantois uma vez disse assim: “Nós somos Nagô Vodum.” O que é Nagô Vodum? É uma mistura de tudo, portanto, a gente tem que apelar por todos os lados. E minha mãe tem um pouco da raça índia, eu tenho um parentesco muito grandioso com índio e africano. Minha mãe tem essa mistura. Ela passou por um problema de saúde e eu cheguei a cultuar Tempo na minha casa, porque minha mãe é daquelas que não quer nada, de jeito nenhum com orixá e fui obrigado a cultuar por ela. Mas, da minha pessoa mesmo eu cultuo Iroko. Eles são diferentes e não são. Na Angola se cultua Tempo e no Candomblé cultua-se Iroko. São energias completamente diferentes.

EXÚ

Exu são os nossos caminhos, são nossas vidas, são os nossos mensageiros. Aquilo que as pessoas tanto condenam, falando que é Satanás – eu não acredito em Satanás de jeito nenhum. Eu estudei um bocado, me aprofundi muito, eu não acredito em Satanás. Eu já fui de encontro com muita gente que se dizia poderosa, e disse: “Pare de acender vela preta e vermelha na frente de seu Exu. Isso é ideia da igreja católica que criou vela para acender pra santo. Seu Exu não é cego, seu Exu não é doido, seu Exu não é fraco, quem está precisando de luz é você, não Seu Exu!” Exus são nossos mensageiros, entre a Terra, o Aiê e o Orum.

ÁFRICA

Vou falar um pouco agora da mãe África. Nós estamos no Brasil e quem somos nós para não cultuar nossos antepassados e não seguir os mandamentos da África? O Candomblé no Brasil se perdeu muito, em muitas questões que precisam ser ajustadas. Uma vez eu vi uma entrevista de uma mãe de santo e ela disse que foi na África e não viu nada. Se ela não viu nada, como foi que eles trouxeram alguma coisa de lá pra aqui? Nós brasileiros temos que nos espelhar muito na África. Na África você coloca um orixá só na sua cabeça, que é o dono de sua cabeça. E assim você enriquece, vive bem, você prospera. Aqui no Brasil você enfia tanto orixá num terreiro de Candomblé, que eu nunca vi tanto orixá desse jeito. Você pensa que está abafando, arrassando, e às vezes está se apertando. Para você fazer uma coisa, você

tem que conhecer o fundamento daquele orixá, ao contrário, você se perde no meio do caminho. Eu cultuo Logunedé, mas, dizem eles que meu juntó é Iemanjá.

IFÁ

Quanto a essa questão [Ifá], vem passando umas tempestades de terreiro, mas a gente tem que sentar e discutir a verdade e a realidade da vida. Uma dia desse uma menina de uma universidade de São Paulo, fazendo o doutorado na USP, me fez uma entrevista me perguntando sobre o jogo de Ifá. Ela disse: “Em Senhor do Bonfim joga-se Ifá?” Eu respondi: “Me mostre quem joga Ifá dentro de Senhor do Bonfim!”

Na Bahia só tinha dois iniciados [Ifá], agora tem mais. Esse se chama pai Cleiton e Mãe Estela de Oxóssi. Essas duas pessoas são iniciadas, mas, mesmo assim, eu não posso jogar Ifá porque eu não fui desenvolvido para jogar Ifá, porque é um estudo para mais de vinte anos. A gente joga o Jogo do Lodun. Repare como a dimensão é totalmente diferente, uma coisa da outra. Se você chegar nesses terreiros, a maioria afirma jogar Ifá. Que Ifá? Falta de estudo, falta de cultura, falta de conhecimento. Os pais de santo precisam estudar, se lapidar para não passar nada negativo para as pessoas. Porque as pessoas podem entender que eu sou o bichão, mas, se eu falar na frente de quem entende mesmo, vão dizer: “Aquele ali não sabe de nada, não!” Porque você tem que ter uma educação espiritual, você tem que entender para chegar num nível desse.

UNIÃO É A GRANDE META

Eu sou coordenador da Federação do Culto Afro Brasileiro (FENACAB) aqui em Juazeiro e região, que compreende também as cidades de Senhor do Bonfim e Jaguarari, e outras da redondeza. Venho há três anos lutando para botar na cabeça das pessoas – veja como as pessoas são difíceis – a importância que tem das pessoas andarem cadastradas, mas, não entra não na cabeça, é muito difícil. Antes eu cheguei no Candomblé e disse assim: “Minha gente, não importa que eu seja coordenador, meus méritos já passou, não estou aqui para ganhar mérito de ninguém. Eu estou aqui para unir, para fortalecer a nossa cultura, pois onde existe separação existe a fraqueza!” Nosso Candomblé vem sofrendo barbaridades na cidade do Rio de Janeiro, e não só lá, enquanto isso as pessoas lutando por seu objetivo: dinheiro, se aparecer. Devemos lutar por um objetivo único, que é unir e se fortalecer. Os protestantes a cada dia estão unidos e estão fortalecidos. Se chegar um presidente da república lá, que seja protestante, como tem lá no plenário a maioria deles protestantes, eu lhe digo que vai ter uma guerra sangrenta de religião. Pode marcar isso aí, que pai Cleiton está lhe dizendo, lhe revelando hoje. Há vinte anos atrás eu disse assim: “Olhe! Prepare! Do jeito que o Rio São Francisco está indo, prepare o que vocês vão ver. Daqui uns dias vão fazer casa dentro das margens do Rio São Francisco.” Uma pessoa disse: “O senhor tá doido?” Hoje já está chegando quase lá. Você preste atenção! Sabe o que é isso? Cuidar. Zelar sem olhar o que vai ganhar em troca. É isso que as pessoas têm que fazer.

Nós candomblecistas precisamos muito é unir. Porque espírita é igual à gente, alaketu é igual ao espírita, Umbanda é igual à gente, não existe divisão de jeito nenhum. Existe a

união única, que essa união única nós precisamos mais que nunca, estar unidos e fortalecidos no objetivo de mudar essa cara do preconceito. Isso não é bom pra ninguém, qualquer tipo de preconceito não é bom pra ninguém.

PRECONCEITO

Eu fui batizado na igreja católica porque eu tinha que ser, porque no momento eu não tinha a opção, não sabia quem eu era! Mas, se fosse hoje, com toda certeza, eu não tinha sido, pois nunca fui muito assim [ligado] para o lado de igreja. Cada qual segue o que quer, e faça bem. Mas, eu digo, sei que fui, sou diferente, de lutar pelo objetivo de vencer, então sofri muito, tanto das igrejas protestantes como das igrejas católicas. Tem três anos que eu estava batendo atabaque aqui e jogaram uma bomba muito grande. Quando o pau quebrou, eu saí doido pelo meio da casa, meus filhos de santo pularam com um facão, com revólver – eu também tenho filhos policiais. Foi que minha ekedi correu e me disse: “Meu pai! O pessoal está lá fora em tempo de se matar!” Eu corri lá e disse assim: “Todo mundo pra dentro!” E todo mundo entrou. Muita coisa já aconteceu comigo, nesta casa. Protestantes, muita gente batendo na porta querendo impedir meus toques de atabaque aqui dentro. Eu fui um dos candomblecitas de Senhor do Bonfim que mais foram atingidos pela população, fui parar até nas rádios por causa do preconceito, fui o único. E lutei e defendi, e vou defender para sempre [o Candomblé] desse tipo de preconceito, ou seja ele qual for, tenho certeza que estou forte e firme para fazer a defesa desse tipo de visão [preconceituosa] das pessoas.

AS FESTAS

Todos os anos eu dou a festa do caboclo e boiadeiro em dezembro; o orixá em junho que é Logunedé e faço o caruru no dia 7. Quando eu nasci [espiritualmente], comecei a fazer esse caruru e não arredei não. Até hoje eu dou, porque aquilo que é bom a gente tem que tocar para a frente e não voltar. Ano que vem, quando eu completar meus vinte e um anos de santo, já começo o quadro de festas. As águas de Oduduwá; as águas de Oxalá e o pirão de Oxoguiã; a festa de Obaluaê e Sassãe. Mas, qualquer pessoa só pode fazer isso quando completa os vinte e um anos registrados.

O CULTO DE SASSÃE

Sassãe é um culto, mas existe Ossaim, que as pessoas confundem Ossaim com uma mulher e não existe mulher no pedaço, existe um homem, o Senhor das Folhas. Nós não vivemos sem folha, de jeito nenhum. Para fazermos um culto a qualquer orixá, precisamos buscar de Ossaim as folhas, pois o orixá nasce da natureza, nasce das folhas, portanto a Sassãe é cantado em louvor à natureza, por isso é chamado assim. A Sassãe é um culto às folhas, à natureza, vamos dizer assim. É um culto para Ossaim sim, mas, também, é um culto para todos os orixás, pois cada orixá tem sua folha única.

UMA ROGATIVA

Eu queria pedir às pessoas, paz! É tão bom viver em paz,

é tão bom nos abraçar. No meu programa eu digo: “Vamos nos abraçar, não importa sua religião. Abram os braços que abrirei os meus também, tenham certeza que nós estamos juntos!” Não existem dois Deus, eu não conheço dois Deus, eu conheço um único Deus, o Deus do preto, do branco, do homossexual, da lésbica... Eu conheço o Deus de todas as qualidades do mundo, da África, da Alemanha. Esse Deus é único, e com toda certeza, minha diferença não vai mudar nada. O que muda mesmo é o preconceito, é a má visão que as pessoas têm em relação ao nosso culto, ao Orixá.

**TERREIRO DE OGUM FILHO DE OXUM
TEREZINHA JOSÉ DE CASTRO SILVA
(MÃE TEREZINHA)**



Figura 14: Mãe Terezinha (MARQUES, 2017)

A ENTRADA

Cartografia - A Yalorixá Terezinha José (Mãe Terezinha) do Terreiro de Ogum Filho de Oxum, localizado na Rua São João, s/n, no distrito de Igara, município de Senhor do Bonfim/BA, descreve, numa noite em que preparavam-se para a festa da marujada, como entrou para o Axé:

Eu giro com os dois: candomblé e umbanda, porque,

nunca como com uma mão só, eu como com as duas e tem um dizer que “cativo não tem querer”. Eu acho que a gente tem que ser esclarecido. Então eu entrei. Quando a gente precisa, a gente tem que seguir em frente. Lutei! Sou da rama! Meu pai, José Pereira de Castro – o José de Aprigio, que Deus levou, daqui da região era o melhor, quer dizer, o melhor não porque a melhor mesmo foi a mãe de santo dele que faleceu: Ernestina Maria de Jesus. Eu nasci e cresci vendo. Fazia as minhas obrigações sozinha e Deus, e segui em frente. Eu acho que Deus já me botou no mundo com aquele dom. É a mesma coisa que a leitura: a gente morre e leva. Bem assim é o dom de ser uma zeladora. Porque Curador é Deus, nós somos zeladores. Nós somos semelhança de Deus. Temos a nossa fé que Ele deposita na gente e quem se pega com Deus não cai e é válido.

Mas meu esposo não aceitava. Ele sofreu junto comigo. Ele viajava de caminhão. Chegou até a volante ficar na mão dele e o carro descer só por ele não querer. Em um dia só, ele me levou em três casas: na Catinguinha, na Diva e me levou na Zeferina, que mora em Campo Formoso. Ele chegou para mim e disse: “Terezinha! Agora eu vou te levar na casa do Dário. Me disseram que tem um zelador em Bonfim chamado Dário e eu vou te levar lá”. Que todos diziam a mesma coisa: “Se ele não deixasse eu trabalhar, se ele não concordasse, eu viajava.” E também só trabalhava se o Rei dos Índios, que é o Orixá do meu pai, desse a permissão. Se não desse, não adiantava, eu ia ficar sofrendo.

Para ir para a casa do Dário, passa-se por um mata burro que é uma passagem com trilhos que não deixa passar animais para dentro da roça. Quando passou um primeiro mata burro eu não senti nada, mas quando chegou no segundo, me deu

aquela agonia e eu só vi quando eu desci do carro. Aí saiu um moço de lá de dentro e disse: “tem uma mulher desesperada e esta mulher é a filha do irmão Zé”. Aí também não vi mais nada. Quando ele (Dário) suspendeu, chamou meu esposo e disse: “cuide dela! Se você não cuidar, ela viaja. Mas enquanto o Rei dos Índios não der a permissão, ninguém pode botar a mão. Ela vai trabalhar sozinha e Deus”.

A PERMISSÃO

Cartografia - A Yalorixá (Mãe Terezinha) diz que fazia/faz as oferendas para Yemanjá nas águas e dava/dá corte para os Exus nas matas, dizendo que sempre preferiu as matas às encruzilhadas, que quase sempre faz suas obrigações sozinha e descreve como se deu o processo para acalantar o sofrimento que até então lhe assolava:

Chegou o tempo, o dia de ele (meu pai José do Aprígio) dar a permissão. Ele chegou numa tarde na minha casa, aí eu disse: “Meu pai! Eu estou precisando e o senhor vai me ajudar. O senhor vai me autorizar e me libertar.” Aí ele disse: “Tudo bem!” Aquele tudo bem apertado. A minha mãe disse: “Eu não vou entrar contigo não.” Eu disse: “Tudo bem, se a senhora não for eu entro.” Aí chamei minha irmã e ela disse: “Eu também não vou entrar não.” Isso porque a gente sentia que ele (pai) ia ter aquela reação de não querer abrir mão. As coisas, para se organizar, era tudo passado pelas minhas mãos. Era tudo gente que tinha idade de ser minha avó, bisavó, mas quando eu chegava que falava, todo mundo me ajudava a fazer as coisas. Aí quando eu cheguei lá, ele muito mal satisfeito, pôs as brasas, se vestiu, mas eu sempre sentin-

do que ele estava um pouco apertado, sem querer chamar o Rei dos Índios que era o Orixá dele, que ele trabalhava, o Rei dos Índios Gentil Boiadeiro. Meu pai faleceu, mas na frente do salão dele tá lá a marca. Tem uns índios lá dentro que quando você entra, você pensa que é real. Sente que aqueles índios estão encarnados.

Aí ele chamou o Rei dos Índios, incorporou, já baixou chorando. Eu conversei com ele, que eu estava sofrendo muito, que meu esposo tava sofrendo e eu queria que ele me liberasse. Ele deu “sim”, mas deu chorando. Depois que ele me deu o “sim” eu voltei na casa do meu padrinho, do meu zelador e a gente já acertou de dar a obrigação. A partir desse dia, eu mesma foi que decidi o dia de dar os meus carurus. Estou aqui já com a casa cheia de gente e trabalho seja aqui, seja a pessoa me ligando. Onde precisam de mim, eu estou para ajudar.

A HERANÇA DO BOI CONFIRMADA EM SONHOS

Cartografia - É sabedor de todos da comunidade de Igara, e dos municípios circunvizinhos de Senhor do Bonfim, a história de um ritual que envolve uma peregrinação com um boi e que Mãe Terezinha mantém até os dias de hoje. A festa do Boi na Igara é marcante, principalmente porque é no dia 24 de junho, dia em que a cidade de Senhor do Bonfim está parado para o São João tradicional e a Igara fica em festa o dia todo e entra pela noite. A Mãe de Santo conta que começa às quatro horas da madrugada com a alvorada e que tudo começou com seu pai José de Aprígio, Zé de Aprígio, como era conhecido:

Essa história desse boi do mês de junho era do meu pai. Minha mãe chorava dizendo: “Tomara que não fique para tu

porque tu já tem os teus”. Aí ele (meu pai) é quem dava. O meu boi eu deixo dentro do meu quintal. No mês de dezembro eu mato uma novilha para Oxum e um boi para Boiadeiro. Esses eu deixo no meu quintal. Às vezes eles se soltam e os meninos fazem alvoroço. Eu tenho medo de boi que me pelo, na roça, mas quando cai no meu quintal eu não tenho medo. O boi que ele (meu pai) matava, que não era dele, era do Orixá, a gente pega aqui numa rua chamada de Pepino. A gente bota o boi lá e no outro dia a gente vai pegar. Nosso povo todo, com sanfona, com pandeiro, com triângulo, com bumbo... é muito bonito. Os meninos esperam lá na roça, aí quando eu dou a autorização eles já pegam o boi, segura no pescoço e vem trazendo. Aí a imolação já faço incorporada com Boiadeiro. Como ele (meu pai) deixou, a entidade dele ficou, um ano eu dou para Boiadeiro, um ano eu dou para São João Batista e outro para o Rei dos Índios. Um ano eu dou vermelho e outro ano eu dou branco. O de São João Batista é cor de nuvem, o do Rei dos Índios é vermelho e o de Boiadeiro é vermelho também porque é tudo das matas. Eu cheguei a montar em um boi sem estar incorporada. Era um que o dono criava desde pequenininho e era mansinho, não são os que eu mato, era outro. Pra ser sincera eu tinha mais coragem de montar no boi do que no cavalo. Trazemos o boi da Queimadinha depois que o padre celebra a missa.

Cartografia - Segundo a Yalorixá essa herança lhe foi revelada em sonho:

Quando eles (as entidades) querem desencarnar da pessoa, eles deixam a pessoa meio agoniada e aquele que vai receber, mesmo sem querer, eles ficam atacando, ficam aperreando. E ele (meu pai) ficou revoltado porque não queria se

conformar que as entidades estavam se afastando, e a gente que trabalha sente. Aí eu estava em casa e o guia dele (do meu pai) me deu um ponto. Aí eu falei: “Vixe! Mas eu não quero. Eu já tenho os meus, já trabalho tanto, já luto tanto.” Aí me deu aquela agonia, aquele desespero. E tinha uma filha de santo dele (do meu ai) que já trabalhava e eu mandei chamar. Mas ela refugou de vim até a mim. Mas eu mandei chamar de novo pra dizer o que ela tinha pra fazer e dizer o que ela tem na casa dela, sem nunca ter ido lá. Aí se ela não quiser assumir é problema dela. Ela não veio porque uma filha de santo não deixou, mas veio um primo da gente que labutava com ela e eu disse: “Olhe! Eu vou te dizer o que está se passando. E vou dar quinze dias, mas se ela não aceitar eu vou ter que manobrar porque eu não vou ficar sofrendo.” Aí disse a ele o que ela tinha na casa dela e que era para ela ficar com o cargo e não eu. Os filhos dela não quiseram, o pai dela não quis, os filhos de santo também não. E aí ficou aquela tribulação. Eu fiquei agoniada porque do jeitinho que eu vi os dois carneiros que ele deu a primeira obrigação, na casa da mãe de santo dele, Ernestina Maria de Jesus, ele contou para minha irmã. Os carneiros saíram do altar dele emparelhadozinho, um branco e um vermelho, e foram dando de ré, que a frente do salão dele fica de frente para o oitão do meu salão, mas sendo distante duas casas que ficam na frente da minha. E no mesmo horário que eu vi, ele viu. Os carneiros saindo de costas depois de baterem cabeça no altar e quando saíram na porta, eles viraram a frente e subiram na calçada da minha irmã e eu vi eles entrando dentro do meu portão e eu senti e ouvi eles dizerem: “De hoje por diante ou que tu queira ou não, é teu!” Aquilo me deu um desespero. Ele (meu pai) ficou com desespero e eu também. Chamei minhas filhas de santo e a minha Mãe Pequena e disse: “Gente! Foi uma coisa de

repente, é uma coisa que eu não vou poder fazer agora, estou despreparada, não vou poder fazer sozinha agora e vocês vão me ajudar.” Aí eles levantaram a mão, quem ia poder ajudar. Aí eu comecei com o meu filho mais velho e o meu marido a ir atrás dos carneiros, e a gente sem achar. No outro dia minha irmã me viu passando na porta e me chamou: “Venha cá! O que é que esta acontecendo contigo?” Deixe que ele (meu pai) já tinha contado a ela o que tava se passando, o que tinha se passado, já chorando desesperado. Aí eu disse: “Morenita, tá acontecendo uma coisa comigo que eu acho que não merecia.” E já comecei a chorar. Aí ela disse: “Não fala isso porque se eles te acompanharam é porque você merece. E eles vão para onde tem uma pessoa que se dedica e faz com amor e carinho. O pai tá revoltado. Ele entrou aqui revoltado, que viu o movimento e tem certeza que tu viu e entrou na tua casa. E ele se acabou porque os Orixás dele foram para a tua casa. O Rei do Índios. Ele disse que os carneiros entraram dentro do salão dele, deram a cabeçada no altar e deram de ré e foram andando de costas e ele viu na hora que eles subiram, e ele chorava q’nem criança.” Aí eu disse: “Eh! Morenita, a partir de agora eu vou sofrer.” E ela disse: “não diga isso porque se eles te procuraram é porque eles sabem que tu vai dar conta do recado.” E eu disse: “Eh! Seja lá o que Deus quiser!” E eu ainda não tinha achado esses carneiros. Aí eu disse: “Morenita! Tu que é mais velha do que eu, os carneiros que papai deu a primeira obrigação eram branco e vermelho?” Ela disse: “Eram”. Então eu disse: “É verdade! Então eu vou seguir o meu destino.” Mas eu fiquei num estado de nervos que só Deus! E fiz a primeira vez quando ele (meu pai) ainda estava vivo. Aí na segunda eu fiz de boi. E foi essa herança que eu peguei. Mais uma. Vai fazer nove anos no dia quinze que é o dia do meu nascimento. No dia do meu ani-

versário ele (meu pai) faleceu, no dia 15 de setembro. Quando eu cheguei no caixão, que tava todo prontinho, eu só fiz dizer a ele: “Vai! Deus te levou e eu fico no meu destino.”

UMBANDA OU CANDOMBLÉ

Cartografia - Mãe Terezinha relata que seus primeiros processos de mediunidade e vidência começaram por volta dos 12 anos de idade, que em toda a sua vida os Orixás que a acompanham são Oxum e Ogum e que se identifica como sendo tanto da umbanda quanto do candomblé, falando das suas particularidades:

Puxo os dois: tanto da umbanda como o candomblé. A diferença da umbanda ou candomblé é que candomblé puxa mais pro ketu e nós da umbanda puxa mais para umbandista. O que eu entendo é que o Orixá é uma coisa que vem da mediunidade, que vem da selva. O Caboclo puxa mais para as matas, é índio. E o Orixá puxa mais para as águas.

OS TRABALHOS E O ATENDIMENTO

Cartografia - A Mãe de Santo diz que, no seu terreiro tem Mãe Pequena, apesar de não ter Ogã e que estima em 450 o número de filhos de santo:

Tenho filho de santo que eu não conheço. Mandam eu fazer a obrigação e me têm como mãe de santo. Às vezes eu vejo por foto, por exemplo, ela (minha filha de santo) mora em São Paulo, aí quando ela (minha filha de santo) chega lá que fala de mim o povo diz que está precisando e como fazer

para entrar em contato comigo. Aí ela dá o meu telefone, a pessoa conversa comigo. Outras vezes por telefone já sinto aquela reação da pessoa, dependendo da aflição que a pessoa está passando eu já começo a passar as coisas para fazer. Se a pessoa tiver confiança em mim, em meu Orixá, aí dá o nome todo, dá o nome da rua, dá o endereço todo e eu marco o horário. E se tiver alguém aqui que é da família eu exijo estar presente na obrigação e se não tiver, eu garanto.

Eu tenho búzios, mas o meu Orixá Ogum nunca deu passagem para eu atender com búzios. Às vezes, quando uma pessoa fica insistindo muito, eu jogo cartas, mas eu atendo mais é com o Orixá. Eu chamo o guia Ogum e atendo as pessoas.

EXU NO TEMPO

Cartografia - Para Mãe Terezinha, os Orixás do tempo são os Exus e os Eguns: uns são conhecidos como Eguns e outros como Exus. Porque, segundo ela:

No Ketu mesmo, os Exus deles são Eguns. Que é Seu Zé Pilintra, seu Tranca Rua como Exu. Os Eguns são esses escravos. Eles já são escravos porque você já chama primeiro por Deus, porque sem Deus nós não somos nada e abaixo de Deus são os Orixás, depois é que a gente vai chamar por eles que são os escravizados. Exu é o que vive no tempo, o que não é beneficiado e vive perturbando um e outro. É o que a gente vê sempre: Ele (Exu) abaixo dos doutrinados. E aquele que tem o poder da doutrina recebe igual a uma entidade de caboclo.

A COMUNIDADE DE TAPUIA, UM PADRE, O BISPO E UMA CAPELA

Cartografia - Com sua existência, desde criança, ancorada e amparada na fé, Mãe Terezinha relata que passou e passa por discriminação diariamente por lidar com todo tipo de gente e sempre desejar e se empenhar para fazer o bem ajudando o seu próximo. E dizendo que sofre muito com isso, narra sua saga de comprometimento com as pessoas da comunidade de Tapuia:

Eu tenho uma roça ali em um povoadozinho chamado Tapuia e eu sou muito caridosa. Lá tem mulheres idosas, já com a idade de ser minha bisavó. E quando eu chego lá o povo vem, manda para eu rezar e aí eu fico rezando nas pessoas com fé porque é a fé quem cura. Então elas vieram me pedir para fazer as novenas. Que a gente nunca teve uma capela e tinha vontade de construir uma. Aí eu falei: “Vamos, vamos construir!” Aí uma falou: “A senhora vai mesmo ajudar?” Eu disse: “Vou!” E se eu der a minha palavra... Aí fizemos as novenas e sentadas eu disse: “Agora vamos escolher o nome da santa para podermos botar.” Uma delas falou: “O nome da santa já está no meio, é Santa Terezinha”. Eu disse: “Não! O nome da mulher mais idosa que tiver aqui a gente bota.” Aí a mulher mais idosa foi e se levantou, ela chamava Luzia. Nós vamos fazer a capela de Santa Luzia. Aí a partir daquele dia bravejaram que iriam atrás de uma pessoa para doar o terreno e ia começar a nossa batalha para levantar a capela. Nisso chegou nos ouvidos do padre que era daqui, mas que saiu. Aí começou a fofoca, indo lá para o Bispo: “Quer dizer que tem uma Terezinha que tá na Tapuia, que tá querendo mandar no padre?!” Eu disse: “Mas ele já tá falando errado porque eu

sou pretinha, pequenininha, mas eu vou no fundo do posso para eu dizer minha verdade.” Aí ficou aquela critica: o padre ia celebrar a missa e só iam cinco ou seis pessoas. E eu ia fazer novena e me acompanhavam trinta, quarenta pessoas. E tava dizendo que eu ia levantar a capela. Eu digo: “Eu vou! E ao invés de eu falar com os porcos eu vou falar com o dono dos porcos”. Ele se danou comigo: “Você é muito atrevida. Você é uma negrinha muito atrevida!” Digo: “Sou! Nos meus direitos sou. Você olhe o que é que você faz, olhe o que é que eu faço. Eu recebo as crianças, eu recebo os adultos com muito carinho e muita dedicação, você não sabe receber, então fique aí com suas paixões.” Aí bati o pé e fui conversar com o bispo. Eu dou um boi para não entrar numa briga, mas dou dez para não sair. Aí marquei com o bispo e fui. Me recebeu bem. Sentados eu disse a ele tudo que eu faço. Porque não adiantava eu esconder e chegar uma pessoa por trás e me sujar e eu sair com a minha consciência pesada. Eu disse a ele: “A pessoa ajudar os outros e pegar um terço e abrir uma novena é pecado? É pecado a gente visitar um doente e se organizar par conseguir levantar uma capela?” Ele disse: “Não! Pelo contrário.” Eu disse: “Eu estou aqui para lhe dizer o que eu sou. Que não adiante eu lhe esconder e Deus estar vendo. Eu sou uma Yalorixá. Se o senhor não entender, eu sou uma curandeira. Eu mato boi, eu mato bode, eu mato galinha, eu mato pato... É pecado?” Ele me respondeu: “Não! E essas comidas que sobram a senhora faz o quê?” “Eu jogo no rio para os peixinhos comerem, é pecado bispo?” Ele disse: “Não”. Me deu a autorização para eu levantar a capela e eu disse que não iria fazer no meu terreno porque eu sei que a crítica iria ser pior, mas o meu vizinho de frente doou 12m de frente por 30m de fundo. “O senhor me dá permissão para eu e a comunidade? Eu

lutar com minha garra e a comunidade me ajudar?” Ele disse: “Pode fazer!” Ave Maria! Quando ele disse isso, que eu vim para casa, o padre chegou lá. Aí ele pensou que iria convencer o bispo, mas caiu do cavalo. Aí ele conversou com uma cunhada minha para eu ir na casa dele. Eu disse: “Diga a ele que faça q’nem eu: se eu quis conversar com o bispo eu fui lá, então se ele quer conversar comigo, ele venha até aqui na minha casa.” E não fui não. Ele me chamou de neguinha atrevida, de ousada. Sou neguinha atrevida e ousada nos meus direitos. Aí nós preparamos um bingo e antes de vender as cartelas eu fui no comércio, que graças a Deus eu sou limpa em qualquer lugar e eu disse: “Toinho! Eu e a comunidade da Tapuia vamos levantar uma capela, vamos precisar de materiais de construção e eu quero esse material e quando passar o bingo o que eu apurar eu venho lhe trazer e eu, mais a comunidade, vamos nos reunir e todo mês nós vamos lhe pagar o restante.” Quando passou o bingo, dei o total que fizemos e o outro eu desmanchei em seis letras. A capela tá lá, vai fazer cinco anos. Tá pronta, o padre vai celebrar missa, já teve casamento, já teve batizado, já teve eucaristia. Por fora ainda falta, que pedi o bispo que tivesse paciência que eu só entregava quando ficasse como nós queríamos fazer: tá faltando o banheiro, fazer uma muradazinha na frente, fazer o cruzeiro. Já fiz outro bingo e tenho fé em Deus que quando for no dia 12 de dezembro, já vai estar nas mãos da paróquia. Mas eu só dou as chaves, só passo para a paróquia, quando tiver prontinha.

Sou muito criticada porque se eu disser que vou fazer uma coisa, eu venço. A primeira vez que eu fui na igreja, que a gente foi vestida com Orixá, de roupa branca, que foi em um dia 02 de fevereiro, foi outro rebuliço. As pessoas que ficam naquela crítica não queriam deixar entrar, mas eu disse: “Vou

entrar sim!” Preparei meu povo, a gente desceu rezando, o bispo me deu a ordem, a gente levou um andô, lá celebraram a missa e quem me criticava foi olhar o que é que eu tava fazendo dentro da igreja. Eu disse: “Pode olhar! Que a gente não tem capa coberta.” A gente foi só assistir a missa, porque eu queria uma coisa da igreja e eu alcancei e aí, no dia 02 de fevereiro, a gente desceu em procissão, levou água de cheiro lá para a frente da igreja e depois que o padre celebrou a missa a gente desceu e foi entregar no rio das flores. Desse dia em diante, tudo que eu quero da igreja eu tenho em minhas mãos: eu caso dentro de casa, eu batizo, vou ter a autorização de casar dentro de casa com papel registrado. E sou muito criticada por causa disso, porque para você poder dirigir, tem que ser motorista e para ser motorista tem que ir para as aulas, fazer sua trilha. E digo, tudo que eu quero eu adquiero porque eu trabalho com muita dedicação, meu amor e meu carinho, mas não quero criticar ninguém. Cada qual trabalhe como sabe e como quer. E eu sou assim. Eles me chamam de “Mãe Menininha do Gantois”, de “Terezinha Padre” e até de “Irmã Dulce”. A missa desse ano foi mais linda de que os anos tudo. E cada vez que passa fica mais linda. E sou criticada por causa disso. Dizem que isso, que aquilo, que o padre vai na minha casa e não vai na casa deles... porque eles não fizeram o caminho. Tô aqui firme e vamos levantar uma Igreja de Cosme e Damião em homenagem a mim. E vamos levantar com as graças de Deus. Aí eles acham ruim porque eles só querem para si. E a gente não trabalha assim. Se tem um padre e ele quer amor, carinho e dedicação com todo mundo, ele tem que se esforçar. Se ele ama a profissão dele, ele tem que se levantar e dizer: “Eu sou padre e vou guerrear para meu caminho seguir e todo mundo me adorar.” E é isso que a gente tem que fazer, mas eles acham ruim porque eu gosto de

ajeitar as pessoas, eu amo crianças, eu amo idosos. Pode bater na minha porta a qualquer hora que eu estou de pé firme. Essas roupas delas aí (roupas dos filhos de santo) é tudo eu que faço. Me levanto cinco e meia da manhã e me deito uma hora da madrugada. As roupas dos caboclos, da Pomba Gira... faço tudo na máquina.

CRIANÇAS NOS TERREIROS

Cartografia - Quanto a participação de crianças nos terreiros, Mãe Terezinha emite sua opinião:

Bom, no meu terreiro tem os meus e os das meninas. Que sempre a gente precisa de crianças. Às vezes, para eu me resguardar, que a gente tem que se cobrir com as forças de Deus. Aí com a minha intuição, tem o dia de a gente botar os meninos de índio. Às vezes vestidos de anjo, nas minhas obrigações de ano sempre visto eles de anjo. Mas são poucos: três netos meus e dois filhos de uma filha de santo minha. Eles podem participar dependendo do momento. Em sangrias eu não deixo eles participarem, em festas pesadas eu não deixo eles participarem.

FESTA PARA NOSSA SENHORA DO AMPARO

Sou feliz e posso entrar em qualquer terreiro. Não tenho inveja, não tenho pavor e não tenho ódio. Eu vou de peito aberto e coração contente a Deus. Teve uma reunião no centro cultural e o povo me disse: “Tu vai de roupa de caboclo?” E eu disse: “Por que é que eu vou ter vergonha se eu nasci,

me criei e tô dentro do candomblé? O padre tem vergonha de sair com a roupa dele? O policial tem vergonha de sair com a farda dele? Nós temos que mostrar quem nós somos.” Eu sou assim: se eu estiver sentada e passar uma entidade minha e me ordenar para eu fazer uma coisa, não tem quem me empate. Pode ser onde for, eu vou. Eu estava em casa ainda no mês de junho, aí teve os festejos, no dia dez. Aí veio aquela mensagem: “Você tem que sair e apresentar na porta da igreja no dia doze de junho e não perca”. Aí eu disse: “Meu Deus! Mas eu vou! Nem que eu vá só, mas eu vou!” Aí convidei umas e todas, mas tem umas que tem aquela vergonha de sair com a gente, são tímidas e só foram dez mais eu. Aí umas disseram: “Ah! Minha madrinha, a senhora vai levar uma carreira da igreja”. Eu falei: “Levo não!” Peguei um pano branco, mandei Tauane ampliar uma foto de Nossa Senhora do Amparo, aí quando ela chegou nós botamos no pano, enfeitamos e foi a coisa mais linda. Agora no dia eu quero que você faça a iniciação todinha dessa santa: de quando ela iniciou, a festa dela, a historia dela. Aí a Tauane puxou no celular e começou a fazer. E eu sou exigente, ainda quis com o papel brilhante. Ela passou o dia todinho cortando, mas fez e quando foi no dia doze eu disse: “Quem quiser me acompanhar que esteja aqui”. E pensei: “Mas eu quero ir com sanfoneiro.” Me levantei, peguei o celular, liguei para uns filhos de santo meus e disse: “Gente! Vocês estão contratados para tocar na rua, no centro cultural né!? Mas eu vou precisar de vocês hoje, e aí?” Um foi e disse: “Para quê a senhora me quer?” Eu disse: “Para nós sairmos com Nossa Senhora do Amparo na frente da igreja e eu quero sair é hoje!” E ele: “A senhora só quer isso?” Aí foi com sanfona, triângulo, bumbo e caixa. Aí nós brilhamos! Saímos da casa de minha filha de santo com nossa bandeira e entramos na rua que tava cheia de gente porque

tava tendo novena e também festejos, aí entrou em nossa frente um povo da terceira idade e quando nós entramos o povo fez aquela zoadá. Todo mundo adorou e ainda fiz dezesseis dias de novena. Quando foi no dia 16, fizemos a festa dela com uma festa dentro do salão de tarde e quando foi de noite no tempo.

CRONOGRAMA DE FESTAS

Dia seis de janeiro eu faça a festa de Reis, que eu faço Reis todo ano, reisado. Em fevereiro é a festa de Yemanjá. Este ano eu fiz o carnaval, que o meu sonho era preparar uma escola de samba, aí fiz uma escola de samba, em fevereiro também. Dia 24 de junho é a Festa do Boi do Rei dos Índios. A dos Pretos Velhos, faço em agosto. Aí vem a festa das Pombas Giras, que é da esquerda, no mês de agosto. Aí em meu caruru que é dia 8 de dezembro, Nossa Senhora da Conceição. A de Oxum é assim: eu faço a obrigação da sangria de Oxum cinco, seis horas da manhã, aí a gente dá um intervalozinho para o povo tomar café, aí quando dá nove horas eu faço a do Boiadeiro. Aí de tarde eu faço a festa dos Cosmes que é o caruru e aí, de noite, a festa brilhante que é a da Oxum, que é no mesmo dia, dia 8 de dezembro. É o dia todinho!

UMA MENSAGEM

Cartografia - Mãe Terezinha faz um pedido humano e de respeito e se posiciona acerca da polêmica que envolve o sacrifício de animais, muito presente em alguns rituais do candomblé e da umbanda, e sua proibição relatando que:

Eu nasci e me criei na Umbanda, sou candomblezeira e sou da igreja católica. Peço para que as pessoas olhem nos nossos olhos e tratem a gente como a gente é e merece ser tratada. O certo é eles não empatar o sacrifício de animais nos rituais porque isso é de séculos e toda vida teve. Eles nunca deveriam querer suspender porque eu acho que tudo isso é ignorância. Deus derramou sangue por nós e nós podemos derramar sangue por nós.

NZÓ NKISE NDANDA MAZÁ CLERISTON DE YALADEJIM⁴ – PAI GUEL DA IGARA



Figura 15: Pai Guel (MARQUES, 2017)

JOVEM BABALORIXÁ DA IGARA

Cartografia - Cleriston de Sousa Silva, mais conhecido como Pai Guel de Igara, é um jovem de vinte e oito anos de idade, residente na Rua da Lagoa, sem número, em frente ao Centro Comunitário do Distrito de Igara. Ele relata que sua casa de santo, Nzó Nkise Ndanda Mazá, esta aberta há sete anos,

4 Yaladejim é a djina do Orixá Oxum de Cleriston.

mas que foi fundado ainda na casa de seus pais, na Rua São João, quando ele moravam lá e conta sua dedicação religiosa que se dá desde criança:

Sou neto de Brandina Maria da Silva, mais conhecida como Brandina do Pombo. Ela é minha avó paterna, falecida em 2010 e ela era Filha de Santo do finado Marcos do povoado de Antas. Minha avó materna era Euridese Maria de Souza, muito conhecida como Dona Eurides na cidade de Anônio Gonçalves. Jameson é neto de Ângelo Ferreira da Silva, um Pai de Santo e rezador, mais conhecido como Anjo, muito ligado a igreja católica que até hoje se faz a procissão de São Sebastião no Distrito de Igara e que o Terreiro todo ano ajuda a organizar a procissão.

Jameson também é neto de Veraldina, mais conhecida como Deralda que era Filha de Santo do Saudoso Osvaldo que foi o primeiro Pai de Santo da Igara iniciado na nação Angola e do Famoso Aissiça. O terreiro hoje é situado onde era a casa de Seo Ângelo Ferreira, herança que Jameson recebeu. Como convivemos juntos resolvemos abrir o Terreiro no mesmo local. Eu sou o pai de Santo mais novo em idade e de casa aberta aqui da Igara.

Eu frequento terreiros, praticamente, desde os meus sete anos de idade, porque eu venho acompanhando o Candomblé, por acompanhar minha vó que era zeladora. Ela não tocava, mas trabalhava e eu era quem acompanhava ela desde de que eu era criança. Eu é quem a ajudava porque ela era analfabeta e eu que escrevia as coisas que o caboclo passava. E também por incentivo de minha outra vó que também era mãe de santo da linha branca, mais conhecida como “mesa branca” que não é, em si, Umbanda, é tipo “rezador”. Aí eu já tinha esse incentivo, fui crescendo nisso, já comecei a receber entidades com 7 anos de idade e fui frequentando.

Quando eu tinha 13 anos, que eu precisei mesmo, foi quando eu entrei no Candomblé na casa de um zelador aqui de Igara e fiquei na casa dele mais ou menos 12 anos. Aí disso eu passei pra outra casa em Feira de Santana, onde ocorreu toda a iniciação e, em 2011, juntamente com o Jamerson, decidimos fundar o terreiro. Quando a gente fundou o terreiro, a gente ficou de 2 anos e meio a três anos sem tocar. Depois foi que a gente decidiu encarar tudo para tocar e bater o Candomblé. E hoje a casa é aberta e reconhecida. Temos vários filhos daqui da Igara e de fora e pretendemos, com fé em Deus e nos orixás, seguir além e fazer nossa história cada vez mais.

Cartografia - Desde criança que Cleriston é tocado pelas influências das energias e forças dos Orixás e, das suas experiências, o jovem Pai de Santo conta como tudo começou, inclusive descrevendo seus Orixás de cabeça, como se deu sua iniciação religiosa, a atual composição hierárquica do seu terreiro e as principais festas que realiza:

Quando eu recebi a primeira entidade, que foi Oxóssi, eu tinha entre 7 e 8 anos de idade e logo depois eu comecei a ro-dar com Exu. Recebia e ao mesmo tempo tinha medo. Disso eu tomei trauma: de eu receber e quando me acordava já estava dentro da sessão. A primeira casa que eu recebi Santo foi na casa de Mãe Terezinha aqui na Igara, eu ainda criança. Aí foi passando o tempo e eu fui tomando trauma que eu não queria frequentar as casas por conta do medo de eu receber. Até que fui amadurecendo e, já na minha adolescência, é que eu fui reconhecendo o que era realmente e comecei a me acostumar.

O meu santo era reconhecido como sendo de Candomblé e não de Umbanda. Quando eu chegava numa casa que meu santo me pegava eu já ia diretamente bolando. E bolar

no santo é o Orixá pedindo uma cobrança, uma feitura maior. E sempre acontecia isso comigo. Aí procurei a casa de uma zeladora em Bonfim, já falecida, D. Jaboaci, D. Zefinha, e acertei tudo, mas por incentivo de uma outra pessoa daqui, me levaram para casa de um outro zelador, onde eu me iniciei como Abiã, aquela pessoa que ainda não é feita, não é iniciada, mas é um filho de santo normal. O tempo que fiquei lá eu tanto ajudei esse Pai de Santo como aprendi convivendo com ele. Então a minha precisão foi essa: a de que o santo cobrava mesmo. E foi na minha adolescência, nos meus 13 anos, que eu me iniciei nessa casa tendo Oxum com Orixá de cabeça, mas hoje a minha cabeça é determinada por dois Orixás, que na linguagem do Candomblé chama-se Orimejê, que no caso minha cabeça, é de Oxum e de Yemanjá. Mas quem toma a frente de tudo é Oxum.

Na nossa casa o culto é livre, mas a gente organiza assim: Eu e Jamerson, meu companheiro e quem me ajudou a iniciar o terreiro, somos os da frente, somos os que organiza as festas de anos. Reunimos todos os filhos de santo e programamos tudo que temos e cada um dá a sua colaboração para, unidos, fazermos. E a gente se programa com antecedência para fazer uma coisa simples, mas certa e bonita. Eu sou o Babalorixá. Não tenho Pai Pequeno no momento, mas Jamerson é como se fosse a segunda cabeça da casa. Temos o nosso Mão de Faca, que no caso é o Axogum da casa, que é o meu filho de santo mais velho – o primeiro filho de santo feito aqui mesmo. Tenho 03 filhos de santo que tocam, mas não são Ogãs iniciados, apesar de serem considerados Ogãs da mesma forma. Não tenho Ekedí, mas devo ter mais ou menos entre 8 a 10 filhos de santo que frequentam e quase 50 que não frequentam, mas a gente considera.

As principais festas aqui da minha casa são: a Festa de Yemanjá, que não tem data específica; a Feijoada de Ogum; a Festa dos Pretos Velhos e; a Obrigação do dia 30 de agosto que a gente faz a Festa de Obaluaê e a Festa da Cumieira da Casa. A festa de ano da casa é essa do mês de agosto. Também tem o Caruru dos Erês e tem a Festa de Yansã e Oxum que é feita, mas não é todo ano, porém neste ano a gente vai fazer no dia 28.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Cartografia - Descrever as particularidades religiosas presentes no Candomblé e na Umbanda tem sido um exercício das Cartografias Sociais dos Terreiros de Candomblé Umbanda do Sertão. De Pai Guel, da Igara, ouve-se que:

No meu ponto de vista Candomblé é tudo e a Umbanda é uma nação que usa mais reza e usa mais da cultura da igreja católica, pelo menos aqui na Igara. Já as nações de Candomblé: Angola, ketu, Jeje e Ijexá, só cultuam mesmo o Orixá, não cultuam santos da igreja católica. Eu cultuo santo porque já vem dos costumes dos meus ancestrais, do meu povo. Eu sou do Candomblé, mas sinto também aquela parte que eu sou da Igreja católica porque eu gosto muito e frequento de vez em quando.

O Candomblé é um culto mais fechado, mais oculto. As coisas do Candomblé são mais caladas, ficam mais para o terreiro e a Umbanda é mais exposta, porém tem também os fundamentos que tem as diferenças entre as obrigações. Agora, pelo menos na Umbanda aqui da Igara, eles cultuam Caboclo como se fosse Orixá. Já na minha nação Angola Caboclo é Caboclo e Orixá é Orixá.

CABOCLOS, ORIXÁS E INKISE

Cartografia - Cleriston de Yaladejim infere suas distinções acerca das representações religiosas que se manifestam como energias sagradas definindo quem e o que é Tempo, Ossayn e Exu:

Inkise e Orixá, para mim, é uma coisa só, porém só diferencia o nome. Na nação Angola, que é a minha, a gente chama de Orixá. E os Caboclos são os espíritos dos ancestrais que mistura o Candomblé com a cultura dos índios. Mas muitas pessoas têm Boiadeiro, Sultão e Lage Grande como dono de cabeça, como se fosse Orixá. E isso é porque não têm aquela cultura do saber. Pelo menos aqui na Igara eles têm como sendo assim.

TEMPO

Tempo, para mim é um Orixá, é um Inkisi. Um Orixá símbolo da Angola que na nação ketu, algumas casas de Ketu, trabalham com Tempo, mas não levantam a bandeira. Agora a bandeira na nação Angola é fundamental. Tempo é tudo! É o dono da verdade. Ele é o que esclarece tudo, pelo menos para a gente do Candomblé. Quando a gente faz um trabalho a gente entrega e deixa tudo nas mãos do Tempo, porque Tempo sabe a hora certa de resolver aquilo. Tempo sabe o memento certo de dar a cada pessoa o que a pessoa quer. E quando não dá é porque o Tempo viu que não era para aquela pessoa. Então Tempo, para mim, é a verdade, é o esclarecimento de tudo porque tudo que eu faço vai para as mãos do Tempo.

Quando a pessoa não é iniciado e recebe Tempo, a gente cobre com o Alá, aquele pano branco que a gente estende

e segura para o Tempo ficar dançando ali embaixo. Já quando ela é iniciada, Ele dança normalmente sem precisar do Alá. Aqui em casa a pessoa que recebe Tempo a gente cobre e na hora de suspender a gente leva no local certo. Eu pretendo fazer uma festa aberta para Tempo, com muitas coisas no meio da natureza.

OSSAYM

Ossaym, no Candomblé, é o Orixá das folhas, o Orixá da mata e na Umbanda é reconhecido como Mocinha da Mata. Agora no meu entender, Ele é um Orixá homem que é dono da folha. E sem a folha a gente não faz as obrigações porque as folhas servem para o banho, para os remédios e os chás. E Ele é que nos mostra a folha certa para cada tipo de fundamento que a gente for fazer.

EXU

Exu, para mim, é o caminho de tudo. É quem abre as portas, as estradas e traz os fregueses. Exu é quem toma conta da minha casa e me livra. Agora muitas pessoas que não conhecem dizem que Exu é o demônio, que é o diabo e que é isso e que é aquilo e que quem trabalha com Exu só trabalha para fazer o mal, para fazer macumba e destruir a vida de muita gente. Mas não é nada disso, Exu, aqui, resolve casos amorosos, abre os caminhos e é quem toma as obrigações primeiro, porque Exu é quem inicia tudo.

ANIMAIS NO CANDOMBLÉ

Cartografia - Pai Guel é contundente quando se refere à condição ritualística que envolve animais nos terreiros de Candomblé e emite sua opinião sobre a proibição de imolações de animais nos ritos:

Eu acho que é um exagero de quem tá protestando contra isso porque a gente não tira a vida dos animais em vão ou por judiaria. O sacrifício que a gente faz para os Orixás, Caboclos, Exus, seja lá pra quem for, o que a gente faz serve como alimento também para a gente que está aqui no Candomblé e, para mim, não é uma coisa errada, contanto que tenha respeito com a vida daquele animal e que faça a coisa certa. E eu acho muito errado de quem tá protestando porque não conhece, não sabe como é e acho que muitos que estão protestando fazem coisa pior ou já fizeram.

CRIANÇAS NO AXÉ

Cartografia - Sobre a participação de crianças nos terreiros o Babalorixá Cleriston Yaladejim diz que atualmente na sua casa não há, mas que:

Alguns filhos de santo meus são adolescentes. Eu não sou contra a participação de crianças no Candomblé, mas tem certas obrigações que não pode participar criança. Mas que não se deve ignorar a criança no Candomblé porque ela já nasce com aquilo, já vem com aquilo e não deve ser proibido uma criança ser iniciada no Candomblé. Tem certas obrigações que não podem, mas espera-se o momento certo e não se ignora. Aqui não tem, mas se tivesse não teria nenhum problema.

ATENDIMENTO

Cartografia - Pai Guel descreve a maneira como atende a quem o procura e revela suas ramificações genéticas ligadas às culturas indígena e cigana:

Minha consulta é mais com cartas e jogo de búzios, mas atendo com caboclo também e já atendi com Exu. Depende do querer das pessoas, mas atualmente o povo prefere mais as cartas. As cartas são de um baralho tradicional cigano. Como eu sou descendente de cigano, tenho a vidência cigana. Também sou da rama de índio e é por isso que tenho essa cultura toda envolvendo o Candomblé. Mesmo antes de eu ter a casa aberta eu já fazia o jogo de búzios porque eu tinha essa visão, mas essa visão, coisas do meu Orixá mesmo, mas o jogo de búzios eu trabalho com Exu. É Exu quem me dá a vidência mesmo no Jogo de Búzios.

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Cartografia - Quanto ao preconceito e à discriminação, o Babalorixá Cleriston diz que até os dias de hoje sente na pele. Pai Guel diz que o respeito pode ser a melhor forma de convivência harmoniosa entre os povos e fala da enigmática comunidade da Igara como um possível quilombo:

Sofro até hoje e já fui parar na delegacia por conta disso. Até hoje eles me caluniam, me difamam no meio da rua, não só pela minha opção sexual, mas por eu ser dono de um terreiro e ser do Candomblé. Até hoje eu sofro isso, eu sou criticado. Recentemente fomos parar na delegacia por causa de uma pessoa que também é do Candomblé, mas que, por

preconceito à minha pessoa, por eu ter casa aberta, quando vinham clientes para eu atender, essa pessoa dizia que não era para vir porque eu só iria comer o dinheiro delas e que eu era isso e aquilo e só prestava para destruir a vida dos outros. E nisso de ela botar as pessoas contra mim aconteceu um pavanuê em que o povo dela chegou a invadir a casa da gente e por isso a gente foi parar na delegacia. Aí, perante ao delegado, quando a gente se identificou como dono de um terreiro, já parou por alí, porque o delegado identificou que ela estava com preconceito. Mas tem muitos outros episódios: teve um Candomblé aqui também, uma festa de Yansã, que jogaram pedra em cima da casa. Teve também quando a gente tava dando uma obrigação de uma Filha de Santo e chegou um protestante de uma igreja e pediu para parar, cedo da noite, dizendo que tava incomodando. Aí a gente sentiu que era intolerância dele.

MENSAGEM

A mensagem que eu passo é que todo mundo, seja de que religião for, respeite a religião do próximo, que respeite o ambiente do próximo e procure estudar. Eu sou do Candomblé, mas estudo as outras religiões e tenho aquela curiosidade de saber. Porque a religião da gente é uma religião cheia de cultura, cheia de histórias e que são interessantes para as pessoas saberem. E eu espero também que as pessoas se humanizem mais e parem com certos preconceitos contra todas as religiões. Não só a minha, mas com as outras também para que, assim, todo mundo possa viver igualmente sem prejudicar um ao outro. Eu acho muito importante que as escolas

e as faculdades mostrem sempre o lado da religião da gente, principalmente aqui na Igara porque está precisando muito. O Candomblé da Igara tá precisando ser reconhecido e ser mais aprofundado.

IGARA

Eu mesmo procurei pesquisar e os meus mais velhos passaram para mim que desde o começo da Igara já tinham aqueles povos negros, descendentes de escravos e de quilombos que se refugiavam aqui nos vilarejos e espalhavam as culturas que eles tinham e nisso foram juntando uma coisa com a outra. Quando aqui na Igara ainda não tinha nenhum terreiro, procurava-se fora.

Muito antigamente chegou um homem negro, umbandista, para morar em um povoado aqui da Igara chamado Queimadinha e começou a tocar. E no que ele foi mostrando aquela cultura dele, as pessoas perderam o medo e começaram a participar. Mas a o que marca o Candomblé da Igara, são as histórias de Mãe Pequena⁵ do Pinicapau, que é um povoado aqui da Igara.

Aqui na Igara, no passado, já tiveram mulheres que tocavam atabaques nos Candomblés. Hoje duas delas ainda são vivas, mas não frequentam mais: Dona Zenaide e a Dona Eurides que é evangélica. O Zelador mais velho da Igara, atualmente, é seu Delziro, Pai de Santo de Umbanda, porque era

5 Ernestina Maria de Jesus foi uma Mãe de santo muito bem conhecida e muitas pessoas da região procuravam-na, não só pelo Candomblé, mas também pela sua humildade ao receber as pessoas. Foi Mãe de Santo de Dário Aleixo e de José de Aprigio (precursores do Candomblé e da Umbanda em Igara).

o finado José do Aprígio. Aí quando ele (José do Aprígio) faleceu, ele (Delziro) ficou no lugar.

A CANÇÃO QUE MAIS EMOCIONA

Cartografia - Cleriston de Yaladejim – Pai Guel da Igara – revela a canção que mais lhe toca no Candomblé:

Tem muitas que me encanta, mas o canto que abala e me emociona muito, que eu me criei ouvindo e que me fez iniciar foi o canto de Boiadeiro e que muitas pessoas levam como sotaque, mas que não é, e esse canto vem sempre na minha cabeça e eu me lembro da minha avó, de quando eu comecei a frequentar e que fala assim:

“Seu boiadeiro por aqui choveu
Choveu tanto que abarrotou
Foi tanta água que seu boi nadou”

TERREIRO TUPOIAOO - ILÊ AXÉ OGUM E OXUM



Figura 16: Pai Antônio D'Ogundelé (MARQUES, 2017)

Cartografia - Na Rua da Missão, no Bairro Olaria, na cidade de Senhor do Bonfim, Bahia, registra-se o endereço da Tenda de Umbanda Pai Oxalá, também conhecida como Terreiro Tupoiaoo, sob a condução do Babalorixá Antônio Alves Sobrinho – Pai Antônio ou Antônio D'Ogundelé. Este líder religioso, de 38 anos de idade, ex-seminarista, que conduz o Terreiro com a ajuda da família, Wiara de Iemanjá, Ayola de Logun, Cassio de Xangô e outros Filhos de Santo, relata aqui suas vivências externando as experiências por que passou da fase enquanto criança aos dias de hoje.

INICIAÇÃO: UMA HERANÇA DA VÓ CATARINA (MAMÃE DIDI)

Cartografia - Pai Antônio revela que os laços da sua interação religiosa estão ligados umbilicalmente com sua avó e sua mãe, crendo ser uma missão familiar ainda em curso e que ele precisa cumprir ainda neste plano terrestre:

Meu contato com Terreiro é desde quando eu nasci, porque minha vó Catarina já era iniciada. As minhas lembranças são a partir dos 8 anos idade. Eu comecei indo pra caruru, pequenininho. No inicio até tinha medo e só conhecia caruru de Cosme e Damião, nada além disso, através de Dário Aleixo, quando a gente foi morar próximo da casa dele. A partir de então eu comecei a ver outras festas religiosas.

Na verdade foi da minha vó Catarina, que acabou falecendo em Jaguarari, depois de rodar um bocado aqui em Bonfim e dar caruru aqui nessas ruas, na região de Pilar, em Sussuarana, rodando tudo isso como cigana, que eu herdei e passei a ter contato com o Candomblé, ou com a Umbanda. Então, depois disso, minha mãe se iniciou e eu vim a ter um contato maior porque eu tava presente e ajudava quando ela (minha mãe Maria Gomes) ia fazer uma consulta ou ia realizar uma festa, então eu tava lá. E acho que isso foi despertando algumas coisas. Segundo falam, minha mãe herdou isso da minha avó, mas não ficou tudo como deveria e essa herança veio pra mim. Apesar de eu ser filho de Ogún e ela filha de Oxossi, eu cuido do Oxossi. Mas, na verdade, foi Ogún, quem me pegou, e não Oxossi.

Então depois da casa da minha mãe eu voltei pra Bonfim para estudar e acabei tendo a necessidade, por doença, de ir num Terreiro. E fui na casa do meu Pai de Santo, José Nunes, e lá acabei passando por alguns processos, mas iniciei

na casa da minha mãe, no Terreiro da minha genitora, que é lá em Conceição, Jaguarari. Iniciado por José Nunes, mas na casa da minha mãe, e isso tá completando 20 anos.

Logo um ano depois da minha iniciação ele (José Nunes) já veio, abriu a minha casa. Não teve aquele processo de passar por 7 anos. Não sei se ele era agoniado, ou meu Orixá, ou se eu mesmo, mas ele veio e abriu a casa. Então há 19 anos eu tenho essa casa aberta e foi aqui, foi onde eu nasci, onde era a casa dos meus pais. Ao lado, meu pai construiu outra casa onde eu fui morar e onde abri o Terreiro.

Cartografia - O Babalorixá Antônio D’Ogundelê descreve a condição de saúde que em muito contribuiu para sua dedicação religiosa até os dias de hoje:

Teve uma época em que, apesar de algumas pessoas da minha família já serem iniciadas (minha tia, por exemplo), do contato com a minha avó e a minha mãe, também da relação com alguns amigos de terreiro, dentre eles Dário Aleixo, mesmo assim eu fui pra Igreja Católica me dedicar ao Seminário.

Eu botei uma batina pra fazer celebração e tudo, mas aí me afastei do Seminário e adoeci de repente. Comecei a senti dores fortes: amanheci com uma dor no pé e a noite eu já não aguentava mais, caí. Eu morava sozinho e passei três dias trancado dentro de casa, pelejando para levantar sem conseguir. Quando foi no terceiro dia, consegui levantar e escrevi uma carta para minha mãe, ainda era na época da carta. Consegui mandar a carta e ela (minha mãe) chegou aqui, mas nesse meio tempo uma amiga, Cássia, que hoje é ex-esposa, junto a Alexandrina Carvalho, vieram aqui e me levaram na casa desse pai de santo (José Nunes), onde já começou um processo de reza, de banho, até chegar na iniciação.

A doença em si era algo inexplicável. Passei três dias trancado sem poder fazer nada e sem ter força nenhuma pra levantar, por conta de uma mancha vermelha que amanheceu no pé e depois tomou conta do meu corpo todo e, com uma reza, já melhorei. Realmente isso era algo espiritual. Não foi aquela doença de precisar ir ao médico, apesar de que depois eu fui, fiz vários processos e exames, mas não deu nada. Então vê-se que realmente era uma necessidade de evoluir, talvez eu não estava enxergando e tive que passar por esse processo para chegar a essa evolução espiritual.

O SEMINÁRIO

Cartografia - Há uma particularidade que se materializa no discurso de Pai Antônio quando da sua formação religiosa enquanto seminarista:

Creio que eu tinha entre 16 e 17 anos quando entrei para o seminário, pois lá eu completei os 18 anos. Foi aqui mesmo em Bonfim, Santuário Bom Pastor, Paróqui São José, com o Padre Ramon. Na verdade eu fui um dos primeiros do Seminário, porque lá existia um outro padre, mas não era Seminário. Quando o Seminário abriu, realmente, eu fui um dos primeiros.

CANDOMBLÉ OU UMBANDA

O Babalorixá Antônio descreve que para muitos os termos Candomblé e Umbanda provoca confusão quando se busca a distinção ou semelhança para descrevê-los e diz que:

Na verdade essa confusão entre Candomblé e Umbanda,

para mim, não é uma confusão, pelo contrário. Eu cresci como sendo só Candomblé e, para mim, não existia a Umbanda. Aqui todo mundo era Candomblé. Falava-se: “Ah! vamos para o Candomblé.” Inclusive os carurus da minha vó eram chamados de Candomblé. Então a gente só conhecia isso. Eu me iniciei ainda como Candomblé, mas em um processo que depois reconheci que é Umbanda, porque não é só uma nação. Não era o Ketu, não era a Angola, não era o Jeje. O Candomblé tinha uma conotação, ou um jeito de trabalhar que existia aqui na região e que não se caracterizava como um Candomblé de nação. Então a gente vai se descobrindo Umbanda. Depois de todo esse processo que envolve também conhecer outras pessoas, o convívio com outros umbandistas, porque até então, aqui pra gente, tudo era Candomblé. E a Umbanda é essa junção do Candomblé com o culto indígena, com o espiritismo e a fé católica tradicional. A Umbanda tem essa mistura.

Cartografia - E buscando caracterizar ou inferir distinções acerca de elementos que possam identificar as várias formas de manifestações ritualísticas na Umbanda e no Candomblé, Pai Antônio diz que:

Na verdade, se a gente for buscar a essência em si, não descaracterizando ninguém, mas aqui na região não existe um Candomblé puro, nem uma Umbanda pura. Por exemplo, todas as Umbandas daqui trabalham com matança, trabalham com toque de atabaque e tudo. E, para mim, isso é Candomblé: matança, atabaque, festas. Não é que o Candomblé seja só isso. Uma coisa que, para a gente, diferencia Umbanda, a nossa Umbanda, de Candomblé são as nações. Por exemplo, eu sou filho de Angola, esse é filho de Ketu e aquele é filho de Jeje. Na verdade eu tô querendo dizer que sou filho de Orixá e que o meu

Orixá veio da África. Inclusive porque tem gente que prefere defender uma nação do que defender a sua própria vida.

Existem essas conotações, mas no Brasil a mistura é tanta que fica difícil de você saber o que é Candomblé e o que é Umbanda, a não ser que você queira mesmo dizer que é Umbandista e defender essa bandeira, ai tudo bem, mas no ritual tudo vai se misturando, porque se o Orixá é igual para todos, não tem como ele ser diferente e vim aqui no meu Terreiro de um jeito e chegar num outro terreiro depois de outro jeito.

Então, para mim, um elemento para esta distinção são os nomes das nações. Até porque as divisões de nomes só nos levam a ter diferenças, a um querer ser mais do que o outro. Por exemplo, a Umbanda sofre muito com essa questão do ser raspado. Porque acham que o Orixá só nasce através de uma raspagem, mas bem sabem todos que o Orixá nasce quando a pessoa nasce, porque o Orixá não toma ninguém, ele nasce com a pessoa, ele cresce com a pessoa. Para vim à Terra numa incorporação, ele precisa passar por alguns processos e, independente da pessoa incorporar ou não, a pessoa tem Orixá.

PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS NOS TERREIROS

A respeito de crianças no terreiro, eu gostaria de dizer que um dia eu fui criança, eu nasci dentro da religião, pois minha vó já era iniciada e minha mãe veio a se iniciar depois, portanto, cresci no meio dos povos de terreiro, aprendendo todas as suas tradições e hoje estou aqui à frente desse terreiro. Então, se nós como religião proibimos crianças nos terreiros, quem será o futuro do Povo de Santo? Então todas essas crianças tem que passar pelo aprendizado, pelas responsabilidades, pelas obri-

gações, sendo batizados ou iniciados, seja como for, depende da nação. Essas crianças têm precisam estar envolvidas nos terreiros, em todas as suas atividades, na vivência mesmo das casas, pois povo de terreiro não é só religião, não é só Cultura e, muito menos, como muitos pensam, um teatrinho. Estamos falando de um modo de viver a sua própria existência. O povo de terreiro tem uma identidade específica, tem a sua própria Cultura, seus costumes, sua própria alimentação, seu próprio modo de se vestir. Assim, se essas crianças, se o meu filho, não aprender isso comigo, como que ele será quando adulto? Quando eu for, quem irá ficar? A criança no terreiro é a própria sobrevivência da casa. É o futuro do Axé!

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Cartografia - Quanto ao preconceito e à discriminação, Pai Antônio relata que:

Inclusive quando eu iniciei eu fui expulso da Igreja Católica. Eu saí do Seminário e passei por um processo, mas eu tinha uma vida bem ativa dentro da Igreja Católica como catequista e líder de comunidade. Ensinei o povo a rezar, pois tinha gente que não sabia o que era um terço, não sabia o que era rezar, o que era uma bíblia, e eu ensinei. Aí depois que eu me iniciei no Candomblé, na Umbanda, esse pessoal se revoltou. Antes eles íam no caruru da minha mãe e no dia do caruru da minha mãe, naquela comunidade (Conceição), era uma festa com todo mundo, inclusive o pessoal da Igreja. Todo mundo se reunia pra fazer aquela festa ali e brincavam, cantavam, batiam palmas, atabaques e todo mundo dançava, comia e bebia sem problemas. Quando eu me iniciei, eu não

sei o que aconteceu, houve uma revolta, talvez eles queriam que eu fosse padre e não aceitaram a minha iniciação.

E para o problema ser maior, tinha uma irmã (Freira) que foi estudar Parapsicologia. Essa Irmã rezava muito no povo, ela conversava com o Orixá de uma mãe de santo no Povoado Flamengo e ela começou a desenvolver algo parecido com o Candomblé e a Igreja se preocupou com ela e a botou para estudar Parapsicologia. Então tudo que ela tinha junto com a comunidade mudou, e ela veio de encontro a mim e fez uma reunião com a comunidade pra dizer que tudo aquilo que acontecia comigo era mentira. Então me convidou pra a reunião e eu disse que não ia.

Mas peguei um carro na frente dela, cheguei em casa, peguei os Santos do altar da minha mãe e montei um altar dentro do prédio da escola onde a gente reunia a comunidade, porque a gente não tinha capela ainda. Quando ela (Freira) chegou, tomou um susto. Ela tentou provar pra mim que tudo aquilo era mentira através da Parapsicologia, mas a minha fé foi bem maior e ela não conseguiu me convencer. Algumas pessoas da comunidade, por ela ser freira e a igreja católica ter um grande poder, se revoltaram e naquele momento eu fui expulso da igreja. Ela falou que eu não poderia mais ir a igreja. Ela chamou o padre e o padre respondeu o contrário: que não podia afastar ninguém da igreja. Mas minha comunidade me expulsou da igreja.

Para você vê a força do Orixá: em outubro acontece o caruru da minha mãe e a comunidade voltou para o caruru, a fazer a festa novamente, a dançar e a comer pipoca. É uma festa simples, não se bate mais atabaque. É uma festa mais de crianças, senhores e a senhoras, que dançam ao som das palmas, numa brincadeira talvez inocente, mas a festa voltou novamente e eu

fico sempre me perguntando o que aconteceu nesse meio para eles me expulsarem, e eles estarem dentro da casa da minha mãe, mas eu faço de tudo para recebê-los muito bem.

Aqui a gente já teve alguns problemas. Nós já fomos apedrejados quando era no outro Terreiro aqui ao lado. Inclusive, quando Wiara nasceu, jogaram uma pedra grande e ela tava na cama e caiu do lado dela. Várias vezes nós fomos, não diretamente a gente, mas a casa foi apedrejada, várias vezes quando a agente tava fazendo festa.

Se foi o Orixá que deu resposta eu não sei, mas essas pessoas passaram por alguns aperreios ou doenças e acabaram se entregando. Então a gente descobriu, mas a gente não fez nada. Na verdade, na época, a gente nem denunciou. As vezes que a polícia veio aqui foi quando eles jogavam pedra que a gente chamava a polícia e ela passava aqui para nos dá segurança. Eu corria ai, mas eu nunca consegui pegar ninguém. Depois a gente descobriu que eram vizinhos, inclusive ainda moram aqui. Hoje alguns deles são bem amigos e vêm aqui quando tem festa.

ORIXÁ, CABOCLO E INQUISI

Cartografia - Para retratar seu entendimento sobre as maneiras como as forças e energias se expressam na religião, o Babalorixá Antônio discorre:

Voltando para a questão de nações, Inquisi são os Orixás de Angola. Em Angola não deveria se chamar Orixá e sim Inquisi. Isso vai diferenciando um pouco as nações. Ai volto a dizer que a gente não pode dizer que existem nações puras, porque existe Pais de Santo, Mães de Santo iniciados na Ango-

la que dançam com o Orixá e não com o Inquisi, assim como você pode chegar até num Terreiro de Umbanda e um Orixá ser tratado como Inquisi.

Caboclos são os índios, são os boiadeiros, são os marujos, também os que não vivem nas matas ou não viveram nas águas ou não são boiadeiros. Por exemplo, pode-se chegar num terreiro e ter um Caboclo que foi um cangaceiro. Eu conheci uma pessoa, que veio de São Paulo, que tinha uma entidade chamada Maria Bonita e ela dizia que foi cangaçeira. A espiritualidade é isso e a gente tem que respeitar. Então, acima de tudo, Caboclos são forças da natureza. O guia espiritual é uma força que vem e nos toma para fazer algumas coisas na Terra, como, por exemplo, ajudar outras pessoas ou simplesmente para sua própria evolução espiritual. Porque ele não só quer a evolução espiritual através de rezar em uma pessoa, mas ele pode vir, por exemplo, na festa do Tranca Rua para se divertir ou para divertir as outras pessoas. Quando ele vem pra trabalhar, trabalha. Quando ele vem pra se divertir, se diverte. Assim são os nossos Caboclos.

Mas dentro das nossas casas, dentro do nosso povo, tudo é misturado, mas a gente só não pode dizer que Caboclo é Orixá e nem que Orixá é Caboclo. Mas pode ser que um Caboclo carregue um nome de Orixá, a exemplo do Caboclo Oxóssi que tem nome de Orixá, mas que ele (o Caboclo) deixa bem claro pra gente que ele não é Orixá, ele é um Caboclo que tem esse nome, que recebeu esse nome. Mas a gente não pode misturar porque muitos dos Caboclos são brasileiros e os Orixás não são. Os Orixás vêm da África, então não tem como você misturar a ponto de dizer que é a mesma coisa.

TEMPO

Tempo é o dia e é a noite. Tempo é o sol e a lua. É o vento, é a chuva e a estiagem. Tempo é tudo. Tempo é uma junção de Orixá, de Caboclo e de Inquisi. O Tempo é o que lhe dá a resposta. Tempo é quem diz para onde você vai e o que você vai passar. Tempo é tudo ao seu redor. E aqui no Terreiro tenho um filho de santo que é Ogã e é de Tempo.

Tempo usa a palha da costa, usa branco, a roupa é sempre branca e o que caracteriza, o que traz mais essa presença, é o Alá⁶. Quando Tempo tá dentro do Terreiro você tem que botar o Alá. É como se esse Alá desse essa liberdade dele tá no tempo, dele tá fora. Tempo é sincretizado ao santo católico São Lourenço.

Voltando para nações, Tempo é cultuado em Angola. Já em Ketu, é Iroko, que não é a mesma coisa porque Iroko é uma árvore e Tempo é o tempo. Mas encontra-se casas de Ketu que vai ter assentamento do Tempo e encontra-se casas de Angola que tem o assentamento de Iroko, porque somos brasileiros.

JUREMA CONSAGRADA A EXU

Existem árvores sagradas e que pertencem aos Orixás. Toda árvore ou planta que se tem no Terreiro é sagrada. Aqui eu tenho um pé de Pau Ferro que é consagrado a Oxossi. A Jurema é uma Cabocla dentro dos Terreiros e é uma das árvores mais sagradas dentro da Umbanda. Aqui no meu terreiro ela

6 Alá é um pano branco que cobre Tempo quando ele tá em um lugar coberto. Também quando um Orixá vai dar iniciado deve-se cobri-lo com Alá, porque o Alá pertence a Oxalá e Oxalá é quem cobre tudo (PAI ANTÔNIO, 2017).

(a árvore Jurema) é consagrada a Exú, o Exú Orixá, o Exú Bará. Porque existe o Exú Orixá e o que não é Orixá, que é um guia espiritual. Tranca Rua é o guia espiritual da casa, já o Exú Orixá da casa é Bará.

OS ANIMAIS NA RELIGIÃO

Cartografia - Pela condição existencial de sobrevivência, manutenção e continuidade do ciclo das vidas, Pai Antônio encontra argumentos para falar sobre os rituais de imolação de animais que acontecem na sua religião:

Eu preciso de comida, eu preciso de água e também de outros elementos como plantas medicinais para eu sobreviver. Essas plantas, por sua vez, dependem do ar, da terra, de alguns sais e da água. Já o Orixá e o espírito precisam de sangue. Quando a gente imola um animal, que a gente oferece para o Orixá a gente oferece aquilo que ele gosta. Se o Boiadeiro gosta de boi eu vou dá boi para ele, eu não vou poder dá uma manga, porque ele gosta é de comer carne, ele gosta de sangue. Se Ogúm come bode, eu vou oferecer um bode. Sendo assim o sacrifício é o alimento do espírito e o espírito são os Orixás.

Portanto o meu espírito não vai tá bem se ele não for alimentado e o ritual de imolação ou sacrifício é a forma de manter a vida porque a minha matéria não vai ser nada sem o meu espírito. Por isso preciso alimentar o meu espírito, através de um sacrifício, que a gente chama de matança e que pode ser de pombo, galinha, bode, carneiro, boi, cágado, entre outros, para o alimento do espírito. Sem o sangue, sem os Axés, que são oferecidos para os Orixás, para os Caboclos, a gente não vai se segurar em pé.

A MENSAGEM

Independente de qualquer coisa, nós somos seres humanos. A nossa vida vai além da religião. Povo de Terreiro não é só religião, a religião está dentro desse povo. Eu sofro muito por ser de pele mais clara e tá dentro de uma religião de negros, mas eu me sinto negro. Então o que eu quero dizer é que sou ser humano e que a religião deve ser respeitada, ela não é uma opção, ela é a minha vida, o meu jeito. E a vida tem que ser sempre respeitada. Fala-se muito em tolerância, mas eu não quero ser tolerado, eu quero ter respeito, eu preciso de respeito. Só através de eu receber esse respeito é que eu vou poder viver. É que eu vou poder sair aqui nessa porta com essa roupa sem ninguém tá me olhando diferente. O que eu quero é que as pessoas entendam isso: que há diferença sim, porque não é comum todo mundo estar com uma roupa dessas, mas as pessoas têm que entender que é comum existir essa diferença e que tem que ser respeitada. Ninguém é obrigado a tá dentro da minha religião, assim como eu não sou obrigado a ir pra religião dos outros, mas a gente tem que ser respeitado principalmente por ser Ser Humano.

FAMÍLIA

Pai Pequeno: Antônio Ayala de Logunedé; Mãe Pequena: Wiara de Iemanjá; Pai Cássio de Xangô; Abians: Jaime de Oxumaré, Andressa de Iemanjá, Aniele de Omolu, Anaquele Xavier, Luzimar Ferreira Arruda, Raimunda Ferreira Arruda, Ivan Gomes da Silva e Douglas da Silva; Filhos de Santo: Mãe Cássia de Oxóssi, Dagan Gilmara de Xangô, Ogan Givaldo de

Xangô, Pai Welington de Oxóssi, Ebomi Marcelo de Oxóssi;
Batizados: José Nilton de Oxum, Marcele de OXum, Vitória de
Iansã, Alessandra de Logun, Carlos Ivan de Omolu, Gean de
Oxumaré, Maria Luiza de Iansã; Iniciados: Edna de Oxóssi.

YLÊ DE PAI OXOSSÍ, TENDA DE PAI NAGÔ - PAI DEIBSON



Figura 17: Pai Deibson (MARQUES, 2017)

IDENTIFICAÇÃO

Cartografia - Deibson Edmundo Xavier de Jesus, idade de 25 anos, também conhecido por Pai Deibson ou Pai Deixo de Oxossi. Pai Deixo foi o nome chamado pelo seu caboclo quando se dirigia ao seu “aparelho”, quando se iniciou no santo. Não exerce outra profissão além do sacerdócio. Refere que quando entrou na segunda casa de santo, casa de Pai Dário, foi o caboclo de lá que lhe perguntou: “Meu filho acha

que pode ter outra profissão?” “Sim, pois não sou um homem normal igual aos outros?”. “Pode não, pode não, meu filho! Em qualquer emprego que você entrar o seu próprio santo vai lhe tirar. O seu trabalho é o que Deus lhe deu.” Por isso é como lhe disse: “tudo o que tenho eu devo ao meu santo, o meu orixá e ao meu exu”.

TERREIRO

Meu terreiro chama-se Ylê de Pai Oxossi, Tenda de Pai Nagô, situado na Avenida Monte do Tabô, Sn – Missão de Sahy – Senhor do Bonfim(Ba). Meu terreiro é fundamentado na umbanda.

Sou o dirigente dos trabalhos. Aqui tenho uma Ekede e Ogãs. Foi assim que meu santo determinou. Hoje já tenho cerca de cinquenta filhos no santo, em várias regiões do país. Tenho em São Paulo, Senhor do Bonfim, Campo Formoso, povoado de Santa Rosa, Morro Branco, Tuiutiba, entre outros lugares.

UMBANDA E CANDOMBLÉ

Para mim o Candomblé está dividido em nações, ou seja, tem as nações: Nagô, Jeje, Angola, Ketu e outras. Já a umbanda está mais ligada ao cristianismo, que tem um culto ao santo muito parecido do catolicismo. No candomblé não se cultua o santo. O candomblé cultua o orixá.

CABOCLO, ORIXÁS E INQUICE

Olha! Orixá é uma divindade, uma força, uma energia, e o caboclo é um ser que viveu no passado. O Sultão das Matas e o Tupinambá existiram como índios. O caboclo serve ao orixá.

ENTRADA NO CANDOMBLÉ E UMBANDA

Cartografia - Refere que desde os doze anos sentia que existia algo errado com ele. Sentia-se fora do normal, que seu comportamento era diferente das crianças da mesma faixa etária. “Era a corrente”. Conta-nos que sem nunca ter andado em terreiro, sem conhecimento, fazia defumação em casa e aplicava banhos de ervas para descarrego com os mesmos produtos que utiliza hoje com sua clientela. Ao apresentar problemas de saúde, escondido dos seus avós, pelos quais foi criado, procurou uma casa de santo e o guia que se apresentou, falando que ele precisava ser tratado espiritualmente. Mas seus avós e o restante da minha família, não aceitavam seu ingresso na religião.

Com o tempo as coisas foram piorando, principalmente meu quadro de saúde. Então resolvi procurar uma mãe de santo aqui em Missão de Sahy chamada mãe Valdira. Meu avô já tinha morrido. Depois disso fui feito no santo e passei a zelar do meu orixá. Com ela iniciei os trabalhos com o Caboclo e o Preto Velho. Mas apenas zelava o santo, não trabalhava. Foi uma época de grande aprendizado. Mãe Valdira foi uma grande mestra e é uma grande médium. Foi com ela que aprendi muitos fundamentos da minha religião.

Senti a necessidade de ir mais além, foi quando sai da casa de mãe Valdira e procurei Pai Dário. Pai Dário reforçou meu santo. Eu já era feito no santo e Dário me deu o caminho. Ajudou-me a abrir as portas do meu terreiro. Ele dizia que eu podia e precisava trabalhar.

Em cargo de trabalho, tenho oito anos. Meu espaço é um terreiro de umbanda, mas trabalho, também, com Candomblé, mais na linha Nagô. Meu orixá é o deus da caça, Oxossi. Na Umbanda, trabalho com Exú Caveira, Maria Padilha, que são os donos, o pai e a mãe da casa. Também trabalho com Preto Velho e caboclos como o Sultão das Matas.

PRECONCEITO RELIGIOSO

Cartografia - Pai Deibson conta-nos ser alvo frequente de preconceito religioso e que toda vez que encontram oferendas e ebós aqui no povoado, referem logo: “Foi o Deibson... foi obra daquele macumbeiro, foi o neto de dona Iraci!” “Mas não tenho medo nem de A e nem de B. Falo de Candomblé, bato o meu Candomblé. Não estou fazendo nada de errado e tenho apenas que respeitar os horários dos rituais para não incomodar a vizinhança com relação ao barulho”.

Há pouco tempo, quando atendia a um cliente com o seu Preto Velho, à noite, fui surpreendido com a presença de um indivíduo, que dizia ser evangélico, dentro do quarto do santo. O sujeito vinha com a finalidade de acabar com tudo. Ele derramou um óleo, desses que os evangélicos usam, que, segundo ele, era para afastar os demônios. Eu estava com meu Preto Velho fumando e fumando ele ficou, com toda paciência tentou contornar a situação, apesar da agressividade

do visitante. Mas quando ele partiu para cima dos santos, pai é pai, né?! O Preto Velho “suspendeu”, então aí já era eu. Peguei e coloquei o sujeito para fora. Quando pensei, já não veio mais o Preto Velho, quem chegou na hora foi o caboclo Sultão das Matas, que colocou ordem na casa. Caboclo não tem a paciência do Preto Velho. É força braba! Sultão falou que quem mandava na casa era Deus e em segundo lugar Oxossi e ele. Sultão das Matas estava ali para enfrentar qualquer parada. Ele já foi avisado que se eu procurar a justiça ele vai perder. Hoje ele passa pelo o Terreiro na calma, graças a Deus! Preconceito ainda é uma constante em nossa vida de santo.

TEMPO

Cultuo Tempo. Na minha casa tem um assentamento que fica fora do terreiro. O culto ao Tempo na umbanda é diferente do povo Ketu. O Tempo é um orixá. Tempo para mim é o ar, o fogo, as quatro estações. Para mim é tudo. Sempre peço ao Tempo para fazer as coisas no seu tempo.

OSSAIM

Ossaim é cultuado no meu terreiro, inclusive tenho um filho no santo de Ossaim. O Ossaim, é uma mulher, a Mulher das Matas, a Dona da Folha, a Caipora. É representado por uma força feminina. Quem tem a mesma função, mas é representado por uma força masculina, é Catendê.

EXÚ

Aqui, trabalho com Exu Caveira e Dona Padilha que são os donos da casa. O Exu é temperamental. Quando chega, geralmente não atende. Sempre deixa outro atendendo em seu lugar. Ele chega, olha para pessoa e ver se tem merecimento. Caso tenha, ele atende, se não, deixa outro atendendo em seu lugar. Exú é caminho, é defesa, é vida, mas também é morte e que tem povo na umbanda que não cultua exus, mas eu cultuo. Tem muitas pessoas da umbanda que cultuam exus, mas de uma forma escondida, pois entendem que exus trazem coisas ruins.

CRIANÇAS NOS TERREIROS

As crianças tem permissão para frequentar o meu terreiro. Tenho filhos no santo crianças, mas não com o santo feito. Não acho certo fazer o santo em quem não tem condições de dominar, controlar, de zelar e cultuar a entidade. Mas crianças que apresentam problemas comportamentais como agressividade, que não conseguem dormir, trato com banhos de limpeza. Aguardo chegar o tempo certo, enquanto isso trabalho a criança com educação, com amor, compreensão. Vejo em outros terreiros o feitio de crianças, mas até agora tenho esse posicionamento. As crianças participam do meu terreiro, mas tem um viés mais educativo, sem obrigações. Candomblé também é educação. Criança precisa de amor, carinho e atenção. No terreiro as crianças têm tudo isso.

FESTAS DO TERREIRO

Cartografia - A agenda de festas do seu terreiro desde que abriu, tem três festas tradicionais, consideradas previsíveis, que são: caruru de Preto Velho, realizada no dia 17 de outubro, caruru de Cosme e Damião ofertada aos erês, realizada entre os dias 27 a 30 de outubro e festa para os exus, realizada no mês de novembro. As outras festividades são determinadas pelo seu orixá, seu caboclo e seu Exú.

Porque eu dei duas festas de Exú há pouco tempo, mas não era a data marcada e sim foi o meu Orixá que pediu pra tocar para Exú, então eu dei a festa de Exú Caveira. Há poucos dias eu dei a festa de Padilha, mas em novembro é que é mesmo a festa de toda falange de Exú. Então são três festas no calendário da casa, mas posso dar mais dependendo da ordem.

MENSAGEM

Ame a vida, ame a vida pois ela te ama. Respeite o próximo e o seu Orixá. Quem nunca viu, quer ver; quem muito viu se aborrece.

Aqui na Missão todo mundo sabe quem é Pai Deibson. Faço meu trabalho e não perturbo ninguém. Quero ser respeitado como respeito os outros. Só não deixo ninguém passar por cima de mim! Aí não! Nem vem! Logo eu com meus Orixás, santos e Exús! Mexa não (risos). Do mais, aqui é paz e amor! Minha religião é isso: ajudar a curar quem precisa, dar conforto a quem necessitar. Eu estou aqui para isso! Essa é minha missão!

TERREIRO YLÊ AXÉ OGODOJÊ – OKATISPERO - GUILHERME DE XANGÔ



Figura 18: Pai Guilherme (MARQUES, 2017)

Cartografia - Guilherme Ferreira Bispo, 57 anos de idade, há trinta raspado de Xangô, vinte e oito anos de casa aberta em Salvador/BA, descreve a historicidade do seu templo sagrado em Senhor do Bonfim/BA, onde começa uma nova história:

O Brasil foi descoberto e vieram os escravos. Escravos estes que vieram de grande parte do continente africano, trazendo consigo sua Religião, e suas culturas. Algumas delas como o Angola, Ketu, e Jeje e outras.

Fui iniciado em uma casa de raiz Jeje, no Ilê Axé Omim Nige, pelo Doté Luis do Oxum, sendo esta casa raízes Don Savalu. O Jeje se divide em três: Savalu, Daomé e Mahim.

Foram poucos escravos que vieram desta região, por isso a dificuldade de encontrar casas desta raiz.

Em Salvador, Pai Sinfrônio de Ajunsun, foi o fundador do Savalu, sendo o terreiro conhecido como Carcunda de Yaya, localizado onde hoje é o Centro Administrativo e Sussuarana. Por ter vivido pouco, iniciou uma pequena quantidade de filhos. Tendo três filhas de sangue, uma Ekede e duas rodantes: Geronima de Becen e sua irmã de santo, que passa a ser a sua sucessora, dando seguimento aos cultos. Passando para Mãe Tança de Nanã esposa do fundador, a mesma deu seguimento e expandiu assim o Savalu.

O Savalu sendo uma parte da nação Jeje é muito exigente. Hoje a pessoa se inicia e faz o santo em 30 dias, mas antes levavam 1 ano.

Hoje o Savalu é representado por Mãe Flor de Ogum, filha de santo iniciando por Mãe Tança, há 66 anos.

O COMEÇO

Sou Guilherme Ferreira Bispo, Babalorixá do Ylê Axé Ogodogê, nascido em Salvador, no bairro da Capelinha, em São Caetano. Indo morar em um município de Itiúba, mudando-se aos 10 anos pra Senhor do Bonfim, cidade do norte baiano.

Eu era sacristão da igreja Cristo Rei, onde passei 10 anos ajudando nas celebrações das missas. Eu sou do tempo de um padre que chamava Padre Tavares. Sempre gostei do catolicismo, nunca fui de terreiro de Candomblé e, aos meus quator-

ze anos, eu comecei a passar mal na hora da celebração. Eu achava que era porque eu ia de manhã muitas vezes sem me alimentar. Aí eu disse: “eu só vou agora à noite para as missas, principalmente nos dias de domingo”. Durante a semana eu participava do grupo de jovens, mas continuou estes desmaios.

Eu não sabia o que era. E eu deixei de participar da eucaristia e ficava logo ali na frente da igreja, no grupo de jovem. E sempre acontecendo estes desmaios até que, não me lembro a data, eu sei que era uma copa do mundo, de setenta e quatro. Eu tava assistindo na casa da vizinha, Dona Valda, e eu vi a televisão ficando longe, naquilo eu senti meus lábios dormentes e, abrindo os olhos, eu via a televisão cada vez mais longe. Eu quis puxar as pernas, mas já senti as pernas pesadas e já senti aquele tremor no corpo e aquele disparo no coração, aí entrei em pânico. Eu disse: “eu tô desmaiando!” E Perpétua, que é a madrinha de minha irmã tava lá, ela veio e colocou as duas mãos tentando me proteger e eu fui vendo as coisas distantes, distantes, o corpo tremendo e eu não aguentava mais falar, já tava quase fora de mim. Eu só me lembro que eu disse, no meu eu: “Senhor, em tuas mãos eu entrego o meu espírito.” Eu achando que estava morrendo. E nisso não vi mais nada. Eu era da igreja. Eu disse: “Eu tô morrendo minha gente! Eu tô morrendo!” E aquele tremor. Nisso eu já não aguentava mais falar, eu já sentia meu rosto que não era mais meu. As mãos dormentes, aquele suor frio, aquela coisa no coração e ali eu fui morrendo aos poucos.

Foi a minha primeira manifestação para tomar conta do meu eu. Eu morri, quando eu voltei naquela coisa, aquela agonia, mal estar. “O que é que está acontecendo?” Aí comecei a chorar. As pessoas diziam: “calma, calma! Foi Xangô que lhe pegou.” Eu: “O que é isso?” Eu não sabia. E passei a noite toda,

acordado e com medo daquilo voltar novamente. “Se este Xangô vier novamente?” E eu passei oito dias sem ir nesta casa.

Quando eu voltei novamente lá o santo tornou a me pegar e aí já foi o caboclo. E este caboclo me pegou, já não foi Xangô. Com oito dias foi o meu caboclo que é conhecido como Oxóssi. Ele é caboclo, tem outro nome, mas deram este nome aqui, logo quando ele chegou, e, por Oxóssi, ele ficou até o dia de hoje, que é o meu mentor, é o meu caminho.

Aos meus 17 anos recebe uma mensagem do caboclo que dizia para eu voltar a Salvador e procurar meus familiares. Os quais não sabia o endereço. A única informação que tinha era de uma tia que morava em Amaralina. Tinha medo de voltar pois não conhecia Salvador, sem condições meu medo era não encontrar meus familiares e acabar passando por necessidade. Mas o caboclo insistia que deveria voltar a Salvador, se responsabilizando pela minha sobrevivência. Então tomando coragem e obedecendo, fui de carona até a rodoviária de Salvador. O dinheiro que eu tinha, como se hoje fosse dez reais, me deixou no abrigo das baianas e eu saí de porta em porta, prédio que eu encontrava aberto o portão eu ia, tocava a campainha: “é aqui que mora Regina?” Procurando minha tia e encontrei. Lá fiquei. Fui trabalhar, terminei meu segundo grau, trabalhei quase seis anos no SESC, Serviço Social do Comércio, em Nazaré. Depois disso fiz o concurso para Tribunal de Justiça e passei. Hoje já estou me aposentando. E fundei o Ylê Axé Ogodogê.

O RETORNO A BONFIM

Cartografia - Em 2013, em uma das festas do caboclo no Ilê Axé Ogodogê, o mesmo decidiu que no próximo ano seria

em Senhor do Bonfim a sua festa, e que iria comprar um terreno e fundar o seu espaço, onde chamou meus familiares e os ogãs e as ekedes comunicando o seu desejo. Tendo questionamentos sobre como fazer tal fato. Então, ele pede a minha mãe e irmão que procurassem um terreno, perguntando por onde queria o terreno Oxóssi diz que queria com uma lagoa próxima. E disse mais: “Nem que seja debaixo do pé de Juá ou Jurema, eu quero a festa em Senhor do Bonfim.” Meus familiares encontraram um terreno em frente à Lagoa do Peixe, onde foi instalado o terreiro, O “Katispero”, onde já se foi realizada várias festas.

Muitas pessoas pensam que o meu início é aqui, mas não é. O’katispero é uma extensão do Ylê Axé Ogodojê. Espaço este destinado a festa do caboclo Oxóssi.



ICONOGRAFIA















































UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



SECRETARIA DE
CULTURA



**TERRA
DO BOM
COMEÇO**



SABEH

Sociedade Brasileira
de Ecologia Humana



**Nova Cartografia
Social do Brasil**